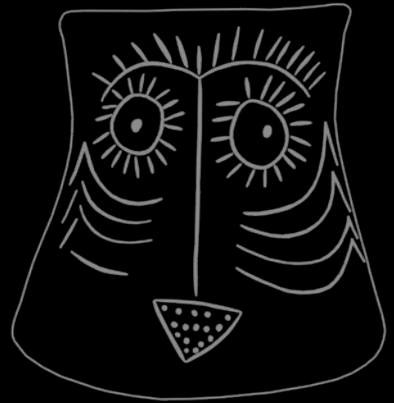


# MAP

MONOGRAFIAS

16



---

EM BUSCA DE “*BODY WORLDS*”: REPRESENTAÇÃO  
(E EVOCÇÃO) DO CORPO HUMANO EM OBJETOS PRÉ  
E PROTO-HISTÓRICOS DA PENÍNSULA IBÉRICA

IN SEARCH OF ‘*BODY WORLDS*’: THE REPRESENTATION  
(AND EVOCATION) OF THE HUMAN BODY IN PRE- AND  
PROTOHISTORIC OBJECTS FROM THE IBERIAN PENINSULA

---

Ana Amor Santos



# MAP

MONOGRAFIAS  
16

---

EM BUSCA DE “*BODY WORLDS*”: REPRESENTAÇÃO  
(E EVOCAÇÃO) DO CORPO HUMANO EM OBJETOS PRÉ  
E PROTO-HISTÓRICOS DA PENÍNSULA IBÉRICA

IN SEARCH OF ‘*BODY WORLDS*’: THE REPRESENTATION  
(AND EVOCACTION) OF THE HUMAN BODY IN PRE- AND  
PROTOHISTORIC OBJECTS FROM THE IBERIAN PENINSULA

---

Ana Amor Santos

Série . Serie

**Monografias AAP**

Edição . Edition

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção . Direction

**José Morais Arnaud**

Coordenação . Coordination

**César Neves**

Tradução para a versão em Inglês . English translation

**Armando Lucena**

Design gráfico . Graphic design

**Paulo Freitas**

Desenhos da capa . Cover illustrations

Vaso de Cova de l'Or, baseado no desenho de Martín & Hernández, 1988. Vaso oculado

de Monte do Outeiro, baseado na fotografia de Ferreira, 2003. Figurinha do Complexo Arqueológico dos Perdigões, baseado na fotografia de Valera & Evangelista, 2014.

Placa de prata do depósito votivo de Garvão, baseado no desenho de Beirão et al., 1985. Ilustrações por André Lopes Pereira, montagem de Paulo Freitas.

Impressão . Print

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem . Copies

**200 exemplares**

ISBN

**978-989-35672-1-0**

Depósito legal . Legal Deposit

**541702/24**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

O texto desta edição é da inteira responsabilidade da autora.

AMOR SANTOS, Ana (2025) – Em busca de “*body worlds*”: representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (*Monografias AAP*, 16).

5	<b>EDITORIAL</b> José Morais Arnaud
7	<b>EM BUSCA DE “<i>BODY WORLDS</i>”: REPRESENTAÇÃO (E EVOCAÇÃO) DO CORPO HUMANO EM OBJETOS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS DA PENÍNSULA IBÉRICA</b>
43	<b>FIGURAS</b> FIGURES
55	<b>IN SEARCH OF ‘BODY WORLDS’: THE REPRESENTATION (AND EVOCATION) OF THE HUMAN BODY IN PRE- AND PROTOHISTORIC OBJECTS FROM THE IBERIAN PENINSULA</b>
91	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

**Monografia 16 – AAP**



**Monografia 16 – Repositório – UC**



# EDITORIAL

---

José Morais Arnaud  
Presidente da Direcção

O trabalho que agora se publica é o 16º da Série de Monografias editadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses destinadas à divulgação dos mais meritórios trabalhos de investigação arqueológica realizados em Portugal, com especial destaque para os que foram galardoados ou distinguidos com menções especiais pelo júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, instituído em 2015 por esta Associação.

É o caso do trabalho *Em busca de 'body worlds': representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*, da autoria de Ana Filipa Amor dos Santos, o qual constitui um resumo alargado da dissertação com o mesmo título apresentada à Universidade de Coimbra em 2021, à qual foi atribuído por unanimidade o Prémio Eduardo da Cunha Serrão na categoria de Mestrado por um júri constituído pelos membros da Direcção da AAP e pelos especialistas convidados Profs. José d'Encarnação e Francisco Sande Lemos, docentes aposentados das Universidades de Coimbra e Minho, que lhe atribuiu o Prémio Eduardo da Cunha Serrão, na categoria de Doutoramento.

Trata-se de um trabalho de grande originalidade teórica e metodológica, que se integra numa "Arqueologia do Corpo", inspirando-se no modelo dos *body worlds* de John Robb e Oliver Harris (2013), no qual se analisam inúmeras representações do corpo encontradas em contextos de uma ampla diacronia, do Neolítico à Idade do Ferro, numa ampla área de estudo, a Península Ibérica, procurando-se estabelecer uma relação desses objectos móveis portadores de referências antropomórficas directas, indirectas ou evocadas, com o território e também com o feminino e o sagrado, procurando desmitificar concepções tradicionais, que tendem a projectar nas sociedades do passado os modos de sentir e pensar das sociedades actuais.

Tendo-se verificado que este trabalho já se encontra disponível em linha, no Repertório da Universidade de Coimbra, optou-se por o disponibilizar também na integra no site da AAP e publicar apenas um resumo alargado do mesmo, em língua portuguesa e inglesa, contribuindo, assim, para a sua maior divulgação. A AAP cumpre, assim, em mais uma vertente, o seu papel de instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, que tem por principal objectivo estatutário colaborar com as instituições públicas e privadas no domínio do estudo, salvaguarda e valorização do património arqueológico e histórico do país.



# EM BUSCA DE “*BODY WORLDS*”: REPRESENTAÇÃO (E EVOCÇÃO) DO CORPO HUMANO EM OBJETOS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS DA PENÍNSULA IBÉRICA

---

Ana Amor Santos

Arqueóloga e Investigadora / CEAACP, Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património; Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra / anaamorsantos@gmail.com

## Resumo

O presente texto consiste num resumo da dissertação de Mestrado homónima que visou compreender a representação do corpo em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica, através de uma abordagem inovadora que contribuisse para uma valorização do importante contributo da representação nos estudos de Arqueologia do Corpo. Garantiu-se um novo estudo destas representações, não só pela análise de materiais de distintas cronologias –nunca antes abordados em conjunto –, mas também pelo foco no corpo representado, ao invés do seu possível significado. Para tal, construiu-se um enquadramento teórico inspirado no modelo dos *body worlds* de John Robb e Oliver Harris (2013), segundo o qual existem vários corpos diferentes que são diferenciados tanto social como biologicamente, e que todos os elementos da vida corpórea se espelham (in)conscientemente na representação e no tratamento da morte.

Tal foi possível através de uma ampla área de estudo, a Península Ibérica, a par de uma escala cronológica múltipla e na longa diacronia (cobrindo cerca de cinco milénios): diminuta no estudo dos materiais, mas alargada na discussão dos mesmos. Assim, discutiram-se representações do corpo do Neolítico à Idade do Ferro, com base em objetos móveis com referências antropomórficas diretas (como é o caso das decorações cerâmicas, dos objetos metálicos e das figurinhas), e indiretas ou evocadas (como as formas geminadas e “vasos biberon”). Procurou-se evitar os perigos das generalizações através de materiais com longas diacronias de atuação, alguns até agora olvidados, a par de uma variedade de materiais e diferentes áreas territoriais.

Com a abordagem utilizada foi possível verificar que os momentos de transição pré e proto-históricos se espelham nas representações do corpo. Explorou-se, ainda, a possibilidade de algumas representações corresponderem a marcadores identitários e territoriais, questionando a relação dos objetos móveis com o território. Mostrou-se também a necessidade de questionar e rever alguns axiomas interpretativos da tradição arqueológica, nomeadamente no que diz respeito à sua relação com o feminino e o sagrado. E, por fim, avançou-se com uma primeira proposta para os “mundos corporais” da Pré e Proto-história da Península Ibérica.

**Palavras-chave:** Corpo; Objetos; Pré e Proto-história; Península Ibérica; *Body worlds*.

## NOTA PRÉVIA

A síntese que ora se apresenta acompanha a publicação integral e em formato digital da dissertação de Mestrado intitulada *Em busca de 'body worlds': representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*. Esta publicação é promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), em resultado do Prémio Eduardo da Cunha Serrão, na categoria de Mestrado, atribuído em 2022, na sua 7.<sup>a</sup> Edição. Cabe, por isso, um redobrado agradecimento à AAP, uma vez mais, não só pela honra e reconhecimento concedidos ao trabalho que desenvolvi, mas também pelo privilégio que é contar com esta publicação nesta instituição de relevo da Arqueologia em Portugal. A oportunidade de poder voltar a celebrar o marco académico que foi o culminar desta tese, depois do clima de pandemia e restrições vivido aquando da sua defesa, foi também motor da mais profunda gratidão.

Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2020 no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território, esta dissertação foi orientada pela Professora Doutora Raquel Vilaça, a quem dedico aqui um agradecimento especial, por todo o apoio, cuidado, paciência e confiança durante a sua elaboração, mas também depois dela – inclusive com o incentivo na candidatura ao Prémio. O encorajamento à candidatura veio também da Doutora Ana Margarida Vale, arguente na defesa da dissertação – integrando o Júri presidido pela Professora Doutora Helena Catarino –, a quem muito agradeço. Também pelo incentivo, e pela ajuda gráfica, agradeço ao André Lopes Pereira.

Nesta nota prévia quero, ainda, reiterar que o presente texto não visa rever os assuntos desenvolvidos na dissertação à luz de novas publicações, onde se (re)abordam alguns objetos por nós estudados, que entre a apresentação da dissertação e a atualidade têm vindo a ser divulgados, nomeadamente no que respeita à representação do corpo na Pré-história Recente, com as publicações derivadas da exposição peninsular “Ídolos, Olhares Milenares” (Bueno Ramírez & Soler Díaz, 2021a, 2021b), a par de outras novas abordagens e desenvolvimentos teóricos relacionados.

Assim, a dissertação anexa apresenta-se, na íntegra, tal como foi submetida na sua versão definitiva, sem qualquer alteração no texto, imagens ou anexos. Encontra-se estruturada em três partes principais: na primeira (Capítulo 2) introduzem-se os conceitos de *body world*, representação e antropomorfismo, e apontam-se as problemáticas inerentes à metodologia proposta. A segunda parte, central a todo o trabalho, dedica-se à relação entre o corpo e a matéria (Capítulo 3), na qual pode ser representado direta ou indiretamente, tendo a exposição seguido uma lógica cronológica, do mais antigo ao mais recente. Analisa-se a representação direta, mais facilmente identificável mas nem por isso menos desafiante, também em três partes: nas decorações cerâmicas (Capítulo 3.1.), nos metais (Capítulo 3.2.) e nas figurinhas e estatuetas (Capítulo 3.3.). A represen-

tação indireta, correspondente à evocação do corpo (Capítulo 3.4.), apresenta particularidades próprias pelo que foi comentada com auxílio de dois casos de estudo muito próprios: os possíveis “vasos biberon” e as formas geminadas. Na discussão (Capítulo 4) abordam-se os dados em conjunto, mas com base em três pontos fundamentais: que corpos se representam (Capítulo 4.1.), através da síntese dos aspetos principais da antropomorfização; quais as suas simbologias e significados possíveis (Capítulo 4.2.), particularizando alguns obstáculos dessa investigação; e a relação dos objetos e representações com o território (Capítulo 4.3.). Num momento final (Capítulo 4.4.), procurámos mostrar o que é revelado dos *body worlds* do Neolítico à Idade do Ferro no território peninsular.

## 1. INTRODUÇÃO

Quando questionados sobre o corpo e sobre o seu significado podemos julgar de imediato que a nossa resposta é a única possível, que é verdadeira, real e universal. Podemos até assumir que é uma resposta simples: as pessoas podem compreendê-lo de diferentes modos, mas o corpo em si, a parte física, é compreendida e experienciada de forma semelhante por todos os seres humanos. Por outras palavras, experienciamos o corpo físico como real. Mas esta resposta, que opõe uma parte ‘natural’ a uma ‘cultural’, é, ela própria, um produto da tradição naturalista que tem influenciado a visão do mundo dos países ocidentais desde o século XVII. Uma posição oposta tem sido seguida por muita da literatura teórica sobre o corpo: a de que ele é principalmente uma construção social (na linha de Bourdieu (2002) e outros), isto é, que o corpo varia consoante o tempo e o espaço – de tal maneira que se desvalorizam ligações biológicas ou físicas. Mesmo esta perspetiva, na qual fatores históricos e sociais ganham relevância, continua a perpetuar a dicotomia natureza/cultura.

Fruto do desenvolvimento de diferentes correntes filosóficas, teóricas e científicas das últimas décadas, outros autores, como os Professores John Robb e Oliver Harris (2013), consideram que o corpo é produzido dentro de relações sociais, pelo que nenhuma parte é meramente ‘natural’ ou ‘biológica’. A consequência imediata desta corrente é a inexistência, historicamente, de um corpo único que é entendido de forma diferente em distintos momentos no tempo e no espaço, mas que existem antes muitos corpos diferentes que são inextricavelmente distintos tanto social como biologicamente em vários pontos no tempo e no espaço (*ibid.*:16).

É neste sentido que estes autores desenvolveram a ontologia prática dos *body worlds* (traduzido à letra, “mundos corporais”), na qual a investigação que ora apresentamos se baseia. Esse modelo foi por nós adaptado, com base na representação do corpo, e aplicado, pela primeira vez, à Pré e Proto-história da Península Ibérica, demonstrando

a sua utilidade para estudos do corpo na longa diacronia. Essa foi a abordagem central à dissertação de mestrado homónima ao presente texto (Santos, 2020), que aqui se pretende sintetizar.

Este estudo permitiu, em primeiro lugar, preencher uma lacuna da investigação arqueológica, ao analisar em conjunto diferentes tipos de representações (incluindo as controversas evocações) do corpo, a uma escala territorial e cronológica de grande amplitude, num cenário temporal contínuo do Neolítico à Idade do Ferro da Península Ibérica (**Figura 1, p. 44**).

A amostra escolhida abarcou cinco grandes grupos artefactuais: a representação antropomórfica em objetos cerâmicos e em objetos metálicos, as figurinhas ou estatuetas, as formas geminadas e os possíveis “vasos biberon”. Os três primeiros grupos correspondem a representações mais ou menos claras do corpo humano – mesmo que com diferentes graus de realismo e esquematismo –, enquanto os dois últimos dizem respeito à interessante, mas problemática, questão da evocação do corpo, que não se esgota neles.

Um tema como este obriga necessariamente uma abordagem holística, relacionando diferentes questões da representação humana e da própria Arqueologia do Corpo – da qual inevitavelmente nos aproximamos –, como materialidade, identidade, sexo, género, individualidade, fertilidade, poder, percepção sensorial, *agency* e performance, entre muitas outras. Torna-se impossível, porém, referir todas as controvérsias e debates que definem cada cenário disciplinar, mesmo que se comentem algumas destas questões por julgarmos pertinentes ao diálogo sobre as representações antropomórficas analisadas.

Por outro lado, omitiram-se propositadamente objetos e temas já extensamente tratados por outros autores, como é o caso das placas de xisto (por exemplo, Almagro, 1973; Gonçalves, 1993, 2004, 2005, 2021; Bueno Ramirez, 2009, 2021), estelas e estátuas-menires (por exemplo, Vilaça, 2011), arte rupestre (por exemplo, Martí & Hernández, 1988; Pérez, 2001; Sanches *et al.*, 2016), ou o imenso espólio sidérico de influência exógena (por exemplo, Maestro, 1989; Pachon *et al.*, 1989-90, Ramos, 1992-94; Belén *et al.*, 2004), entre muitos outros assuntos extensamente debatidos. Por nos centrarmos na representação, optámos também pela exclusão do tratamento do corpo “real” nos seus contextos funerários. O que quisemos conhecer foi a representação do corpo em objetos até aqui menos discutidos, mas nem por isso menos relevantes: os (outros) materiais móveis. Fica, assim, claro que os objetos analisados não retratam todas as possibilidades de representar o corpo nos períodos em questão.

Assim, em cada grupo artefactual comenta-se a maior variedade possível de objetos, focando-nos ora nos exemplos de vulto, ora naqueles menos abordados, mas sem nunca pretender fazer uma análise exaustiva ou (re)criar inventários da totalidade de

achados na Península Ibérica. Por isso mesmo, este não corresponde, de modo algum, a um estudo exaustivo de todas as representações do corpo em objetos móveis para os períodos em questão, mas antes uma aproximação à utilização de uma metodologia diferente, partindo de alguns exemplos.

A investigação passou também, por um lado, pelo reconhecimento das simbologias e interpretações que têm vindo a ser atribuídas às representações, procurando, através da análise centrada no tratamento do corpo, contribuir para a corroboração ou afastamento dessas hipóteses interpretativas. Por outro lado, houve um esforço para abordar a existência, ou não, de relações entre as representações e o território – uma abordagem forçosamente breve, não só por todas as condicionantes da amostra escolhida (caracter móvel dos objetos, poucos contextos e informações estratigráficas, etc.), mas também porque se privilegiaram outros aspetos na análise.

O presente texto consiste, então, numa breve apresentação da dissertação homónima, com maior enfoque na metodologia e aspetos teóricos desenvolvidos, a par de uma breve exposição daquilo que depreendemos poderem ser os “mundos corporais” da Pré e Proto-história da Península Ibérica, esperando levar à leitura do manuscrito original, em anexo.

## **2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO**

Esta investigação tem por principal objetivo o conhecimento das diferentes formas de representação do corpo em objetos pré e proto-históricos peninsulares. É por isso que, através da análise de diferentes grupos artefactuais e de um enquadramento teórico-metodológico baseado na ontologia prática dos “*body worlds*” de John Robb e Oliver Harris (2013), se produziu uma análise de conjunto, na longa diacronia, que relaciona diferentes pontos da Península Ibérica.

A capacidade de mobilidade dos objetos estudados, inferida pelas dimensões e características técnico-materiais, é aqui de extrema importância, já que permite que o corpo neles representado (ou evocado) estivesse (ou possa ter estado) em permanente contacto e circulação com, e entre, corpos reais. Essa característica possibilita igualmente que os objetos acompanhem os indivíduos – e, numa escala maior, as comunidades onde se inserem –, à medida que crescem no tempo e no espaço. Esta capacidade para mobilidade e transporte transformam-nos, portanto, num conjunto da cultura material único para qualquer aproximação ao passado. Não obstante, serem detentores destas propriedades não significa que todos os objetos em estudo tivessem circulado durante as suas “biografias”, podendo ter sido sempre utilizados pelas mesmas pessoas, nos mesmos espaços, ou terem sido criados com um único propósito e para uma única utilização. Enfim, materialidades e cronologias distintas levantam diferentes possibilidades.

A escolha dos objetos discutidos teve em conta a acessibilidade de informação, bem como a relevância dos mesmos e a sua relação com o âmbito da investigação, garantindo uma diversidade territorial e cronológica. À seleção das diferentes categorias de materiais arqueológicos subjazem diversos fatores, nomeadamente a continuidade com que o corpo é representado em alguns deles (como é o caso das decorações cerâmicas e figurinhas ou estatuetas), a escassez com que ocorre em matérias-primas que caracterizam alguns períodos (como nos metais), e ainda o esquecimento prestado a alguns objetos (como, por exemplo, com os “vasos biberon”). Optou-se também por tipos de materiais de longa diacronia no registo arqueológico. Todavia, não entramos na discussão de temas contemporâneos ao plano cronológico – sobre os quais já muito se disse –, como a questão das placas de xisto ou os materiais exógenos da Idade do Ferro, em particular do incrível repertório do tratamento do corpo no “Mundo Ibérico”, como já sublinhámos.

Importa sublinhar que a investigação agora sumariada foi o resultado de vários anos de trabalho, num momento em que a ausência de inventários a nível nacional e peninsular para muitos dos materiais, assim como a sua desatualização (quando existente), levaram a uma extensa consulta bibliográfica que apenas em alguns casos se entrecruzou. No entanto, sem saber, este trabalho surge ao mesmo tempo que outros investigadores preparavam, em paralelo, as primeiras exposições dos “*Ídolos, Olhares Milenares*”, que comissariadas por Primitiva Bueno Ramírez e Jorge A. Soler Díaz e com o projeto museológico de Angel Rocamora, percorreram nos últimos três anos vários museus peninsulares (com peças de 11 instituições portuguesas, 16 museus espanhóis e de um colecionador privado), resultando em várias publicações de conjunto (por exemplo, Bueno Ramírez & Soler Díaz, 2021a, 2021b) em que são abordados materiais da Pré-história Recente onde o corpo é representado. Por isso mesmo, essas publicações não são referidas na dissertação, motivo pelo qual também não serão aqui abordadas, visto que o presente texto não pretende uma revisão da investigação desenvolvida, mas um resumo da mesma.

## **2.1. Pensar o corpo e a representação em Arqueologia**

A Arqueologia oferece aos estudos do corpo uma perspetiva única, ancorada na fisicalidade do corpo e nas materialidades da experiência humana. As discussões arqueológicas que se debruçam explicitamente sobre o corpo ocorrem com maior incremento sobretudo a partir das últimas décadas, pese embora o facto das várias interpretações de materiais implicarem, desde cedo, práticas, ideais e experiências do (e sobre) o corpo (Joyce, 2005: 140).

Tradicionalmente, a Arqueologia tem vindo a distinguir duas “correntes” principais para o estudo do corpo: por um lado, associada à Antropologia Biológica e ciências

derivadas, através da análise das componentes físicas que definem a espécie humana e que funcionam como o registo da dieta, saúde, esperança de vida e atividades físicas; por outro lado, através do estudo das representações com as quais se espelham ideias culturais (Rautman & Talalay, 2000). É neste cenário, e apoiada numa perspetiva semiótica do corpo, influenciada por teorias fenomenológicas, que se desenvolve a Arqueologia do Corpo (Joyce, 2005) a partir dos anos 90 do século passado, atingindo maior difusão durante a primeira década do presente milénio.

Neste ramo teórico, o corpo é entendido como um espaço de experiências vividas, um espaço social e de agência corporizada (*embodied agency*); é analisado através da justaposição dos vestígios das práticas corporais, representações do corpo e evidência dos efeitos de gestos, posturas e práticas de consumo habituais no corpo (*idem*). É, por isso, evidente a inspiração desta vertente em teorias sociológicas e antropológicas (particularmente com os estudos do corpo nas últimas décadas do século XX), e que muito ficou a dever aos desenvolvimentos dos movimentos feministas dentro (e fora) da investigação arqueológica (Joyce, 2005: 140-141).

Contudo, e apesar das décadas de presença na arqueologia teórica, é de sublinhar a aparente inexistência de uma teorização mais ou menos rigorosa da Arqueologia do Corpo, aliás evidente pelas inúmeras variantes que dele se conhecem. Talvez também por isso sejam parcas as referências a este ramo da investigação na Península Ibérica e em particular em Portugal, pesem embora alguns estudos inspirados por abordagens ao corpo, mas que mormente se relacionam com as Arqueologias Feministas e de Género (dos quais podemos destacar, entre outros: Escoriza-Mateu & Castro-Martínez, 2011; Gomes, 2011; Vale, 2015). São, todavia, escassos os trabalhos que efetivamente identifiquem e discutam esta corrente arqueológica, sendo de louvar os esforços de autores como L. Moragón Martínez (2008, 2013).

No respeitante às representações, as abordagens da Arqueologia do Corpo excedem o paradigma dominante que objetifica o corpo e o trata como discursivo, textual, iconográfico e/ou uma realidade metafórica, que assume que as sociedades passadas veriam o corpo humano como um símbolo do *eu* individual e um objeto discursivo, como é comum em muitas filosofias ocidentais atuais (Hamilakis, 2002a: 99). Tal como Hamilakis (2002a: 100), apontamos duas falácias nesta perspetiva, já que, por um lado, impõe uma lógica etnocêntrica e ocidental sobre o outro (que, neste caso, é o passado e os seus atores sociais); e, por outro, assume que a iconografia e outras representações visuais são um registo objetivo que representa experiências e práticas, como se as pessoas no passado estivessem deliberadamente a deixar um registo das suas ações e experiências para as gerações futuras.

A Arqueologia do Corpo tenta quebrar este paradigma, por exemplo, em obras como *Thinking through the body: Archaeologies of Corporeality*, em que vários autores

tentam situar o corpo na esfera da experiência e da corporalidade, reinstalando a materialidade corporal e a corporalidade sensorial que consideram estar em falta, adotando, portanto, uma abordagem fenomenológica na análise da percepção e ação corporal (Hamilakis *et al.*, 2002: 100). E há quem vá ainda mais longe, como Bruno Latour (1996) que equipara sujeitos e “coisas” que, por estarem em diálogo permanente, estendem a agência (*agency*) ao mundo material; o ser humano atua sobre os objetos, mas os objetos podem “retribuir”, compondo a identidade de quem os produziu.

Um conceito central às Arqueologias do Corpo é o de *embodiment* (“corporização”) e depende evidentemente de abordagens fenomenológicas (Merleu-Ponty, 2012, em relação com Bourdieu, 2002). Este conceito visa superar a relação hierárquica implícita no velho dualismo cartesiano que separa a mente (tida como superior e racional) do corpo (visto como inferior, sensorial, subjetivo e por isso altamente falível), e defende uma relação de igualdade entre os dois como instrumentos humanos de apreensão do mundo (Csordas, 1997; Moragón, 2008). Como é frequente no desenvolvimento de novas abordagens teóricas, este foi um conceito altamente debatido. Para a Arqueologia do Corpo, *embodiment* é sobretudo um elemento metodológico que permite alguma variabilidade e é utilizado para tentar conhecer as experiências vividas no corpo através do estudo dos restos de cultura material e dos restos ósseos (Sánchez & Alarcón, 2012: 63).

Por isso mesmo, a Arqueologia, que aborda ao mesmo tempo a percepção e a experiência através dos vestígios materiais, contribui com uma dimensão única para o debate do *embodiment*, mas é fundamental que a investigação arqueológica inclua a experiência sensorial, para não perder aspetos fundamentais da experiência humana do passado (Joyce, 2005: 141). E, de todas as experiências sensoriais, a visão tem sido a mais privilegiada nas tentativas de conhecimento das experiências dos indivíduos no passado. Numa obra centrada na Proto-História da Europa Ocidental, Peter S. Wells (2012) sublinha o peso da experiência visual das diferentes sociedades, defendendo que através do estudo sistemático do modo como se padronizavam e mostravam os objetos, é possível conhecer a forma como as sociedades antigas entendiam os seus mundos (*ibid.*: 11). Para tal, o autor recorre a estudos de neurociência, de psicologia cognitiva e de antropologia etnográfica, que demonstram que aquilo que vemos depende daquilo que já vimos antes, i.e., da nossa experiência visual condicionada histórica e culturalmente (*ibid.*: 13).

Em contrapartida, a preponderância da visão nos estudos arqueológicos tem levado alguns autores a propor uma abordagem fenomenológica que vá além desta interação sensorial, deixando de negligenciar todos os outros sentidos: a “Arqueologia dos Sentidos”, cunhada por Hamilakis (2002b), enfatiza, entre outros aspetos, as qualidades tácteis dos objetos. Na mesma linha, Doug Bailey (2014) tem desenvolvido a impor-

tância da manipulação e da perspetiva táctil na análise dos objetos, nomeadamente em figurinhas pré-históricas – e que Mariana Diniz (2008) aplicou no estudo da figurinha de Valada do Mato.

No respeitante aos meios representacionais, sejam eles textos ou imagens, existe toda uma panóplia de desafios adicionais e, de acordo com Joyce (2005), devem ser tidos não apenas como reflexões de conceitos existentes de *embodiment*, mas como parte de um dispositivo material através do qual esses conceitos se naturalizavam (*ibid.*: 147). Por outras palavras, as representações integram a cultura material na qual os conceitos de corporização se tornam naturais. É, assim, a análise de materiais arqueológicos menos discursivos, mesmo em situações onde as fontes textuais e iconográficas são extensas e disponíveis, constitui uma solução valiosa para passar de ideais corporais reconhecidos para experiências corporais (que por vezes poderiam estar em conflito com os ideais expressos) (*idem*).

Portanto, a presente investigação parte da premissa de que a representação (e mesmo a evocação) do corpo constitui uma ferramenta única para o estudo do corpo em qualquer período, porque funciona como uma tecnologia através da qual as comunidades espelham algumas características culturais importantes – o que não significa que esse seja um processo consciente ou propositado. Ao representar o corpo, enfatiza-se o que se acha mais importante e omite-se o que não é relevante para o artesão e/ou para quem “encomenda” o objeto, em determinado momento no tempo e no espaço. Assim, entende-se por representação do corpo a reprodução bidimensional ou tridimensional do corpo por meio da alteração, modelação, inscrição ou decoração de diferentes matérias. Pode ser completa, quando recria a maioria das características do corpo humano, ou parcial, quando privilegia certas partes do corpo em detrimento de outras.

Existem, claro está, diferentes práticas representacionais relacionadas com o corpo. Uma delas é a representação *no corpo*, i.e., a inscrição física e social da superfície do corpo (por exemplo, vestuário, adornos e modificações corporais, como tatuagens), o corpo enquanto espaço de registo (Vilaça, 2009: 492). A outra é a representação *do corpo*, que alguns autores consideram espelhar a identidade corporizada (*embodied personhood*), i.e., podem demonstrar construções etárias, classes, etnias, raças, sexualidade e estatutos sociais (Joyce, 2005: 141).

No que concerne às práticas de representação *no corpo*, é possível distinguir, por um lado, a ideia de que as práticas representacionais resultavam na expansão da pessoa corporizada, incorporando representações, espaços e objetos de vestuário/adorno – mesmo que esses objetos não estivessem em contacto direto com o corpo (*ibid.*: 142). Por outro lado, as práticas representacionais podem relacionar-se reflexivamente a práticas corporais, através das quais se produziam imagens que serviam quer como modelos de *embodiment*, quer como comemoração de experiências seletivas dele

(*idem*). Mas, ao considerar o que se representa *no corpo*, levantam-se outras questões, como o próprio conceito de uma “superfície” do corpo, facilmente definida na fronteira entre uma pessoa interiorizada e a sociedade exteriorizada. E, por isso, invocar uma arqueologia da superfície do corpo (por exemplo, questionar tatuagens, ornamentos, etc.), é questionar automaticamente o corpo, a pessoa e as relações entre pessoas na sociedade (*idem*).

Relembramos que os esforços de ligar a cultura material (na qual se inclui a representação) à experiência corporizada (*embodied experience*) partem dos estudos de género de Butler (1993) na década de 90 do século passado, onde se analisaram os modos como eram atribuídos significados sociais às características físicas do corpo, por meio da performance repetitiva. Esses estudos partem do pressuposto que não existe qualquer “núcleo” atemporal e fixo para a identidade de uma pessoa fora das ações e gestos que a constituem, pelo que as representações do corpo podem ser vistas como registos de *performances* corporizadas (*embodied performances*) que servem como modelos dos gestos corporizados dos indivíduos vivos (Butler, 1993; Joyce, 2005: 145).

O termo “performance”, também muito debatido, pode ser entendido como uma referência às ações que as pessoas desempenham em contextos sociais, pressupondo um público e uma cultura material; uma performance é uma ação que comunica com outros indivíduos e inclui movimento (Wells, 2012: 155-156). Portanto, quando se relacionam performances corporais com a representação, os estudos arqueológicos assumem-na como disciplinar e não meramente documental.

Por outra parte, são também frequentes outras abordagens, como a de Escoriza-Mateu e Castro-Martínez (2011), na qual as representações figurativas são interpretadas como traduzindo caracteres político-religiosos, cujo sentido radica naquilo que representam e no próprio objeto de que fazem parte, ou seja, a representação figurativa do corpo acarreta um duplo sentido: o do objeto e o do “símbolo” representado (*ibid.*: 102). Nesta linha, as representações figurativas presentes em materiais arqueológicos podem ser interpretadas como instrumentos para socializar aspetos político-ideológicos de grupos dominantes (*idem*). Consideramos esta perspetiva válida, mas não quando aplicada genericamente a toda a Pré-história como aqueles autores parecem fazer, desde logo pela propagação de conceitos (como o de “hierarquias”) que, em alguns momentos, se podem revelar falaciosos.

Não obstante, concordamos com os autores quando afirmam que por demasiado tempo o estudo de representações figurativas tem assumido arbitrariamente que são uma via direta para saber o que pensavam as pessoas do passado, pressupondo reconhecer os significados dos signos materializados sobre os diferentes suportes materiais (*ibid.*: 101-102). Esta questão é particularmente evidente aquando da identificação – ou, mais frequentemente, atribuição – de género aos corpos representados, um

dos temas que acompanha esta investigação e que foi por nós aprofundado (Santos, 2020: 166-170).

Enfim, as propostas de interpretação para as representações do corpo são várias e, no que nos diz respeito, não nos parece que uma única justificação possa ser corretamente atribuída às inúmeras realidades sobre as quais nos debruçamos ao longo de um espaço e um tempo tão vastos. Independentemente dos significados, a análise das representações permite ao arqueólogo conhecer um pouco mais dos *mundos corporais* de onde são originários, não podendo, por isso, desligar-se dos contextos político-económicos e socioculturais dos indivíduos que produziram, manipularam e descartaram os objetos que analisámos.

## **2.2. Em busca de *body worlds***

É na ontologia prática dos *body worlds* (“mundos corporais”), tal como definidos por Harris e Robb (2013a), que se baseia a presente investigação, um conceito que engloba a totalidade das experiências, práticas e representações corporais num local e tempo específicos, centrais ao modo como se compreende o mundo. Para todos os seres humanos, os *body worlds* são os mundos que todos habitamos em simultâneo, diversificados e específicos culturalmente (*ibid.*: 4).

Subjacente a este conceito está, portanto, a ideia de que para compreender o corpo é essencial conhecer o seu quadro de referência cultural, social, político e material. Este, por sua vez, tem de ser entendido como um processo histórico: os mundos corporais e os próprios corpos são agentes históricos, porque incorporam e produzem compreensões do mundo, mesmo que isto ocorra de forma inata, passando muitas vezes despercebido (Harris & Robb, 2013b).

Esta ontologia captura, assim, a ideia de que as pessoas pensam de forma abstrata (ou inconsciente) ao fazerem coisas de modos historicamente concretos (Harris & Robb, 2013b: 17), i.e., as ações mais simples do quotidiano formam os dramas que constroem estes “mundos corporais” únicos. Este conceito sugere ligações internas lógicas, sem sistematizações rígidas, e indica que o modo como as pessoas e os seus corpos se relacionam com o mundo não é uma questão de diferentes maneiras de perceber a mesma coisa, mas antes os modos como corpos diferentes e diferentes mundos emergem através de práticas que têm um impacto ontológico genuíno (*idem*).

Portanto, se o conceito de *embodiment* descreve a maneira como as pessoas experienciam o “mundo” (que constroem, que criam, que são) através dos seus corpos e se relaciona com as qualidades sensoriais dos sítios e das coisas, enfatiza também que na produção desse “mundo”, as pessoas criam também os seus corpos. Isto porque é através da aprendizagem do andar, falar e agir de formas específicas que esses modos são, eles próprios, sustentados e ensinados ou transmitidos aos outros (*idem*). O conceito

de *body world* captura, portanto, a forma como corpo e o “mundo” (a realidade que nos rodeia, que é por nós construída e que integramos) emergem através um do outro, ontologicamente, através da prática.

Em *The Body in History: Europe from the Paleolithic to the Future* (2013), vários autores analisaram o modo como estas ontologias corporais mudaram e se desenvolveram através dos tempos, particularmente nos momentos de transição ou crise, no continente Europeu. Nessa obra, destaca-se o conceito de “multimodalidade” aliado diretamente ao de *body world*: todas as sociedades parecem ter tido várias maneiras contraditórias e simultâneas de ver o corpo e os indivíduos alternavam entre elas consoante o contexto (Harris & Robb, 2013b: 21). Neste sentido, não só não existe apenas uma única forma de ver o corpo em nenhum momento no tempo, como esta multimodalidade é mais facilmente identificada em sociedades autoritárias, onde se tenta impor uma única metateoria sobre o corpo (Harris & Robb, 2012, 2013b).

Ora, estas “ontologias práticas corporais” envolvem ideias sobre o *que é* uma pessoa e o *que é ser-se* uma. A de Harris e Robb (2013b) na qual nos baseamos, deriva da conjugação dos termos e teorias acima identificados – *embodiment* em particular –, e de conceitos como *habitus* de Bourdieu (2002), *taskspace* de Ingold (2000) e o poder de Foucault (1977), entre outros. A maioria destes conceitos são mais facilmente compreendidos intuitivamente do que discursivamente: por exemplo, o conceito de *habitus* de Bourdieu (2002) associado aos *body worlds* diz respeito ao modo como diferentes ordens sociais produzem e são produzidas por diferentes tipos de práticas corporais que, frequentemente, são realizadas sem se ter consciência delas, mas (por isso mesmo) revelam muito sobre o modo como os corpos são percebidos e se relacionam entre si numa determinada sociedade (Harris & Robb, 2013b: 9).

A presente investigação parte, assim, da curiosidade pela forma como objetos móveis particulares (com representação do corpo humano) ajudam a definir um *habitus* que privilegia certas formas de experiência corporizada (*embodied experience*), habilidade e movimento, em detrimento de outras. Pretendeu-se contribuir para o conhecimento dos *body worlds* pré e proto-históricos da Península Ibérica, com base em objetos com ligações, explícitas ou não, ao corpo humano e passíveis de mobilidade.

A metodologia proposta no enquadramento dos *body worlds* torna-os num processo hipotético analiticamente, permitindo relacionar diferentes práticas ou eventos aparentemente díspares, dando-lhes um sentimento de coerência com base nos reflexos ou compreensões do corpo (Harris & Robb, 2013b: 11).

Ter por base um termo tão abrangente e que permite contradições, exige a utilização de uma estrutura interna a diferentes escalas, para que certas perspectivas assentem sobre outras – porque os “mundos corporais” não se limitam aos corpos em si, mas estão presentes na arquitetura, na cultura material, na arte, na morte, enfim, em tudo o

que é feito e experienciado pelo corpo. Os mundos materiais que rodeiam os indivíduos são, eles próprios, produzidos tendo em conta as necessidades e exigências do corpo (*ibid.*: 20). Tudo isto significa que os *body worlds* são frequentemente resistentes a mudanças repentinas ou agitações, devido a esta característica sedimentar e despercebida (*idem*).

Em suma, a ontologia dos “mundos corporais” é dependente do *habitus*, do indivíduo, do *embodiment*, de construções de poder e de género. Estes são aspetos que se interligam, misturam e se tornam dependentes uns dos outros, pois um “mundo corporal” experiencia-se através da natureza confusa que é viver no mundo (Harris & Robb, 2013b :19).

### **2.3. Escalas e Limitações**

A escolha da escala cronológica alargada a cerca de cinco milénios, da transição do VI para o V milénio ao I milénio a.C., do Neolítico à Idade do Ferro, teve que ver, em primeiro lugar, com a ampla discussão de materiais móveis mais antigos (como as “Vénus” Paleolíticas); em segundo, porque se dá no Neolítico uma alteração muito forte na perceção do corpo, produto do processo de sedentarização e domesticação de espécies animais e vegetais, e conseqüente alteração da dieta que, juntamente com a invenção da cerâmica, intensifica relações entre a matéria e o fogo (bem como com as pessoas e os seus corpos); em terceiro, pela frequente omissão da perduração no tempo e no espaço de alguns fenómenos representacionais, cuja resiliência explorámos. A relevância deste nosso contributo passa também por tratarmos aspetos da cultura material pré e proto-histórica que, tanto quanto nos foi possível perceber, nunca antes tinham tido uma abordagem de conjunto com vista a uma Arqueologia do Corpo.

Qualquer escala analítica acarreta limitações e vantagens, e esta abordagem na longa diacronia não é exceção. No entanto, ao tratar-se de uma abordagem na longa diacronia, esta investigação levanta uma série de vantagens e desvantagens. Por um lado, não são muito frequentes os estudos arqueológicos com escalas tão amplas, mesmo que se trate de uma ferramenta analítica única para observar processos e padrões frequentemente ignorados quando o foco é mais reduzido. Por outro, falar da Pré e Proto-história peninsular a uma escala tão vasta tem como principal limitação a acidentalidade de reduzir momentos complexos a sistemas abstratos simples.

Para tentar combater eventuais falhas, e com o enquadramento dos *body worlds*, trabalhamos a múltiplas escalas, consoante a natureza das questões que procuramos responder. Empregamos uma escala mais reduzida aquando da análise dos casos de estudo, mas munimo-nos da grande escala na discussão dos dados. Estas são duas escalas analíticas cuja utilização em simultâneo é pouco frequente, mas que esta investigação torna necessária, não devendo ser interpretadas como transmissoras de visões

absolutas, mas como construções relevantes para responder a questões particulares (Harris & Robb, 2013b: 26).

Quanto à escala territorial, recorreremos a uma imagem alargada da Península Ibérica, particularizando o atual território português sempre que possível (**Figura 1, p. 44**). Consoante os períodos e o espólio, optou-se por vezes pela omissão de algumas realidades peninsulares muito específicas e amplamente discutidas, tal como já sublinhámos. Esta é, desde logo, uma das limitações das múltiplas escalas com que trabalhamos, mas é também fundamental, tendo em conta a multiplicidade de problemas que cada contexto, período, espaço e objeto levantam. A omissão de dados ocorre a qualquer escala de análise e nem por isso a torna menos credível ou pertinente.

Ao estudo dos materiais em si correspondem outras limitações de ordem prática, desde logo pelos contextos dos casos estudados, que correspondem frequentemente a achados fortuitos, recolhas de superfície ou objetos descontextualizados em espólios museológicos e coleções privadas. Estes são problemas que afetam inclusive a datação precisa das peças, que salvo raras exceções, não se apresentam absolutas. Por estes motivos, alguns autores haviam já sugerido uma análise dos objetos que envolva uma leitura relacionada entre as representações, os lugares de habitação e os espaços funerários vinculados à sociedade a que pertencem os objetos (Escoriza-Mateu & Castro-Martínez, 2011: 103) – algo que o enquadramento dos *body worlds* nos permite fazer. Por outro lado, a utilização de análises bibliográficas, de fotografias e desenhos arqueológicos, em detrimento de análises presenciais dos objetos, torna-se necessária no que consideramos ser uma primeira fase da investigação deste tema, apesar de não se contribuir com novos estudos físicos dos materiais.

Considerou-se necessária uma abordagem ampla cronológica e territorialmente, por se tratar de um foco distinto e inovador na análise da representação do corpo em objetos da Pré e Proto-história da Península Ibérica, permitindo novas leituras. Mas desengane-se o leitor que espere encontrar nestas páginas (ou nas da dissertação) uma resolução do tema: ele levanta mais questões do que permite responder. Encontra, isso sim, um primeiro contributo ao estudo das representações do corpo e às narrativas de que outrora poderão ter feito parte – que não deixa de ser influenciado pela nossa visão e valores pessoais do século XXI.

### **3. O CORPO E A MATÉRIA**

Os seres humanos procuram frequentemente antropomorfizar a materialidade (incluindo animais e outros elementos naturais). Dão-lhe ou representam nela a forma humana, em parte porque essa é uma das formas que melhor conhecem: antropomorfizar parece ser um ato que facilita a interpretação do mundo porque “as interpretações mais

valiosas costumam ser aquelas que revelam a presença de tudo aquilo que para nós é importante, que usualmente costumam ser outros seres humanos” (Amaro, 2013: 25).

Aquilo que hoje consideramos como material arqueológico pode ter pelo menos dois momentos de antropomorfização: um, meramente especulativo, mas ainda assim plausível, correspondente à data da sua criação, utilização, manipulação, e descarte ou deposição; e outro, para o qual não restam dúvidas, correspondente à sua análise pelo arqueólogo. Isto porque, independentemente das morfologias dos objetos se assemelharem diretamente ou não à forma humana, as análises arqueológicas utilizam termos que se ligam inequivocamente ao corpo (como lábio, boca, colo, ombro, pança, pés, etc.). Esta situação, que deriva dos seus nomes leigos, é mais evidente nos estudos de recipientes cerâmicos, mas ocorre também com objetos doutros suportes e sugere que estes têm sido, de forma mais ou menos consciente, conceptualizados como corpos humanos (Naumov, 2008). Prolonga-se, assim, a relação entre o corpo e a matéria, porque existe a tendência de ver muitos dos objetos criados pelo ser humano como seus semelhantes (Evers *et al.*, 1988: 741).

Novas formas de tecnologia e de manipulação da matéria levam a novas compreensões do corpo humano (Robb & Harris, 2013). Disso mesmo parece ser exemplo o barro que, curiosamente, durante o Paleolítico, tanto no continente Europeu como no Próximo Oriente, se utilizou primeiramente para o fabrico de figurinhas (objetos antropomórficos tridimensionais) e só mais tarde na produção de cerâmica (Boric *et al.*, 2013: 50), passando depois (no Neolítico) a ser utilizado para ambos. Continuando neste exemplo, é possível depreender que com a tecnologia do barro surge uma (ou várias) nova(s) metáfora(s) para entender o corpo, onde se enfatiza a sua substância, a sua plasticidade, a habilidade de tomar diferentes formas e as suas ligações a diferentes estruturas e espaços (*idem*). As novas formas de manipulação do barro durante o Neolítico e, em particular, a sua transformação em cerâmica, tornam-se progressiva mas rapidamente num dos principais componentes do mundo visual da Península Ibérica, relacionando-se com a disponibilidade da matéria-prima mas também com a sua utilidade: a matéria torna-se “coisa” (material), e a “coisa” (material) em algo com uma função – algo para guardar, preparar e servir alimentos e outras “coisas” (outras cerâmicas, metais, ossos, etc.), algo para incluir no espólio fúnebre ou em depósitos votivos, entre outras. O barro (a matéria), através dos objetos nos quais participa, fica ligado à nutrição, às relações sociais e às interações rituais.

Estas importantes relações espelham também a ubiquidade da matéria-prima (Wells, 2012: 77), i.e., a sua durabilidade e longevidade, qual elemento constante nas vidas dos indivíduos, acompanhando-os do nascimento à morte (e mesmo depois dela). Face a estas características e à sua abundância nos contextos da Idade do Bronze e Ferro do continente Europeu, Wells (2012) defende que a cerâmica tinha, nestes períodos, um

papel importante no ensino da visão, uma vez que nos primeiros meses de vida as crianças viam e tocavam em cerâmica à medida que se familiarizavam com o mundo em seu redor (*ibid.*: 81-82; Santos, 2020: 148-161); a presença e o uso ininterruptos da cerâmica traduzir-se-iam então numa continuação da importância da mesma na vida das pessoas, espelhando o papel destes objetos móveis no desenvolvimento, prática e melhoria da visão (Wells, 2012: 81-82).

O potencial informativo das cerâmicas é, para a Arqueologia, um dos motivos da “importância eventualmente excessiva dada à forma e/ou técnicas/motivos decorativos de alguns vasos, muitas vezes em detrimento de outras componentes da cultura material, e de outros traços deixados por um grupo humano” (Diniz, 2007: 118). Os estudos arqueológicos têm vindo a ultrapassar a tradicional função da cerâmica como fóssil-diretor, como se depreende das tabelas de formas, das reconstruções de volumetrias e modalidades de uso, das análises quantitativas das técnicas e motivos decorativos (por modo a identificar tendências, padrões dominantes e traços culturais específicos) (*idem*). Também os estudos de proveniência, as análises e trabalhos de arqueologia experimental têm contribuído para o alargamento da escala de importância destes materiais móveis.

Mas não devemos ignorar o peso do trabalho e da cadeia operativa desta matéria-prima. A extração do barro exigia um trabalho ativo de corpos humanos e a sua manipulação exigia um contacto direto com o corpo do artesão, tal como a própria preparação da matéria. A decoração, o fabrico de peças mais ou menos simétricas e o tratamento de superfícies exigia experiência e habilidade. E se até aqui poderíamos equiparar este trabalho com o de qualquer outra matéria-prima quanto à sua relação com o corpo humano, a verdade é que o barro parece ter uma relação diferente, porque é apenas no seu trabalho que o artesão deixa a marca do seu corpo bem visível (Wells, 2012: 81), diríamos até, palpável. O exemplo óbvio é o da decoração com impressões digitais, que nos permite ainda hoje contactar diretamente com os dedos dos artesãos e artesãs que viveram há milénios.

De modo geral, durante o Neolítico enfatiza-se, a distintas frequências consoante a região, a necessidade de representar nos recipientes cerâmicos o corpo humano ou partes dele. O ato de abstração e esquematização necessário para passar do corpo como os indivíduos o viam e experienciavam para o corpo representado a duas ou três dimensões era regido pela tradição local e pelas necessidades do contexto particular. O resultado é a total heterogeneidade de representações com contornos antropomórficos, espelhando a inexistência de um padrão universal e perene de representação do corpo.

A mesma abstração era necessária para a transformação de outras matérias-primas em objetos ou decorações antropomórficas. Diversos tipos de pedra foram também desde cedo traçados, riscados, desenhados, talhados e esculpidos com o corpo humano (ou parte dele) em mente. A Pré-história da Península Ibérica está repleta de

exemplos de materiais fixos ou de difícil deslocação, já profusamente desenvolvidos por vários autores, desde as pinturas rupestres e possíveis evocações ao corpo em monumentos megalíticos (nas por vezes formas fálicas), até às representações antropomórficas mais óbvias das estátuas-menires. Contudo, nas cronologias abordadas por esta investigação, e no prisma dos objetos móveis em matérias-primas distintas ao barro, a representação do corpo humano é mais escassa: ocorre tridimensionalmente (em possíveis figurinhas ou estatuetas) no Neolítico, com maior nas fases finais desse período e ao longo do III milénio a.C.. Por outra parte, também o osso e o marfim foram utilizados, materiais cuja dificuldade de trabalho pode, em alguns momentos, ter requerido algum nível de especialização (Hurtado, 2009). É também plausível considerar as ausências: as representações que poderão ter existido noutros materiais perecíveis (nomeadamente na madeira (mas não só), cujo trabalho é evidenciado por vários exemplos contemporâneos, etnográficos e até arqueológicos) ou de longevidade mais condicionada, de que é exemplo o osso – ainda assim com vários testemunhos, como tivemos oportunidade de demonstrar.

O metal é uma matéria de contacto privilegiado com o corpo humano, dado que alguns dos objetos metálicos estudados serviram, em primeira instância, como adornos corporais – não querendo com isto dizer que as outras matérias-primas não poderiam englobar objetos com funções semelhantes. É por isso de salientar não só a complexidade do trabalho do metal, mas também os aspetos simbólicos que se têm vindo a associar a ele, sem esquecer o seu plausível valor elevado. Este é mais um exemplo de como novos métodos e materiais originam novas formas de representar o corpo e, naturalmente de o ver e experienciar.

Diferentes materiais e técnicas poderiam transmitir significados distintos e consequentes relações díspares dos indivíduos para com os objetos e, naturalmente, para com as representações. Não obstante, é possível em alguns momentos assistir a uma uniformidade da representação do corpo, ou de partes dele, nos diferentes materiais. Esta uniformidade, ou a sua ausência, são aspetos a ter em linha de conta na procura dos *body worlds* Pré e Proto-históricos da Península Ibérica.

### **3.1. O corpo em objetos pré e proto-históricos peninsulares**

O fio condutor desta investigação radica numa pergunta, que aliás encabeça muitos dos subcapítulos da dissertação: que corpos se representaram? Tentámos responder-lhe, para cada grupo artefactual, no sentido de compreender como, onde e em que materiais se representava o corpo na Pré e Proto-história peninsular, mas sempre considerando que as representações corporais não traduzem necessariamente representações biológicas de um ou mais indivíduos específicos (Teather, 2007). Aventurar-nos-emos agora em sintetizar os pontos fundamentais dessas respostas.

Em primeiro lugar, e em termos formais, dissemos já que a representação antropomórfica pode ser explorada face aos “estilos” analíticos, com base nas referências ou indicadores corporais, já que o corpo foi representado quer de forma completa ou integral, quer de forma parcial. Por outro lado, também podemos analisar a representação antropomórfica partindo de fatores de “expressão plástica”, já que o corpo foi representado em diferentes graus de esquematização em todos os períodos estudados.

No respeitante às representações de **corpo inteiro** – que entendemos como a representação do corpo humano com atributos básicos como cabeça, tronco e membros –, estas ocorrem nas decorações cerâmicas e nos objetos metálicos, a par das figurinhas ou estatuetas (em argila, diferentes tipos de pedra, osso e marfim, mas também em bronze). Independentemente do grau de esquematização, algo comum à maioria dos antropomorfos analisados, enquadráveis no Neolítico, na Idade do Bronze e na Idade do Ferro, é a existência de elementos correspondentes ao tronco e alguma alusão a membros superiores e/ou inferiores, por vezes com cabeça e, menos vezes, as mãos, os pés, os joelhos (**Figura 2, p. 45**). Interessante é também o que não se representa nestes motivos: as feições (olhos, nariz, boca, cabelo, etc.) e outras características individuais.

Já em figurinhas e estatuetas, o tratamento do corpo inteiro faz-se de forma distinta, desde logo porque os suportes permitem uma representação a três dimensões. Nos exemplares mais antigos – que correspondem aos de argila e datam principalmente do IV milénio a.C. (**Figura 3, p. 47**) – surgem pelo menos com olhos e nariz, a par de elementos adicionais, com possíveis elementos de vestuário e incisões que podem aludir a outro tipo de inscrição no corpo, como “tatuagens”. Em contrapartida, as primeiras morfologias indicam raras vezes membros superiores ou inferiores, com exceção da “Vénus” das Minas de Gavà (Bosch, 2009) e talvez a figurinha de Valada do Mato (**Figura 4, p. 48**). Ao longo do III milénio a.C. dá-se um maior incremento no número de figurinhas e estatuetas, atingindo na última fase desse milénio a representação do corpo humano mais realista, cujo trabalho é de uma perícia impressionante, desde a proporcionalidade conseguida, até aos materiais escolhidos (como o marfim): nas “figurinhas naturalistas” (**Figura 5, p. 49**) surgem por vezes indicações sexuais (masculinas e femininas), que vão além da indicação de mamilos ou seios, elementos esses já conhecidos em figurinhas anteriores. Já na Idade do Ferro, denota-se que algumas figurinhas cerâmicas e estatuetas metálicas aparentam seguir algumas modas forâneas com que as comunidades peninsulares contactavam – mas num estilo muito menos cuidado que o das “figurinhas naturalistas”. Apresentavam por vezes indicadores sexuais, elementos de vestuário e/ou armamento; no caso das de argila, eram por vezes incorporadas na decoração de recipientes cerâmicos enquanto elementos coroplásticos, como ocorre em alguns exemplos do depósito votivo de Garvão (Ourique), datado do século III a.C. (Beirão *et al.* 1985).

No “estilo” (analítico) de **corpo parcial** inclui-se a representação de qualquer parte anatomicamente humana individualizada do restante corpo (cara, olhos, órgão sexual, etc.); esta individualização nem sempre seria original, podendo corresponder a realidades fragmentadas, propositadamente ou não. São exemplos: os motivos oculados, correspondentes genericamente à representação de dois grandes olhos, presentes em recipientes cerâmicos e placas metálicas do III milénio a.C. e da Idade do Ferro; as possíveis representações fálicas em argila e pedra do III milénio a.C.; e ainda as cabeças e caras de alguns elementos de ourivesaria sidéricos.

O motivo oculado é um dos mais interessantes temas explorados nesta investigação por permitir diversas abordagens. Amplamente usado na Pré-história Recente peninsular, este esquema consistia aí na representação de dois grandes olhos, “solares” (raizados) ou não, que podiam ser acompanhados por nariz, sobrancelhas, boca e, frequentemente, incisões (por norma consideradas tatuagens ou pinturas faciais, mas que poderiam igualmente ser escarificações, mas que apresentam outras possibilidades, como veremos). Neste período, transcende o plano dos objetos móveis e aparece inclusive nos esteios de dolmens e na arte rupestre de alguns abrigos peninsulares (Sanches *et al.*, 2016, 2021). Ao nível dos objetos móveis, este motivo surge na decoração de recipientes cerâmicos, em figurinhas de argila e quase todo o tipo dos chamados “ídolos” (cilíndricos, de cornos, de falange, ossos longos, placas de xisto, entre outros), mas também nas placas em ouro do *tholos* de Montelirio (na zona arqueológica de Valencina de la Concepción-Castilleja de Guzmán, Sevilha, (Garcia *et al.*, 2016: 538). Esta variedade de suportes e materiais pode explicar, pelo menos em parte, as diferenças que ocorrem na representação do motivo. Mas a variedade dentro de cada grupo, que fizemos questão de evidenciar no caso das decorações cerâmicas (Santos, 2020: 21-56), pode também ser explicada por fatores como variações cronológicas e regionais, ou simplesmente por se tratarem de distintas autorias, mesmo que se possam também considerar diferenças ao nível dos significados do motivo.

A repetição do motivo oculado em grandes números e numa pluralidade de suportes, utilizado em objetos móveis pelo menos desde fases avançadas do Neolítico, como é evidenciado pela figurinha de Gàva e pelo que chamámos de “figurinhas troncocónicas” do IV milénio a.C., demonstra a sua grande dispersão. Não deixa de ser curioso que surja primeiro na forma tridimensional (figurinhas) e posteriormente na decoração de recipientes, chegando os diferentes tipos de materiais oculados a conviver cronologicamente e até espacialmente (como ocorre nos grandes povoados Calcolíticos). O motivo oculado perdura no registo arqueológico peninsular durante pelo menos cerca de um milénio. Simples ou mais complexo, esquemático ou mais realista, evidencia claramente uma intensão muito forte. Qual seria, não sabemos. O que parece ser evidente é que a cara, e mais concretamente os olhos e a visão seriam aspetos muito importantes.

Singular é também a imperfeição de muitas destas caras, como por exemplo nas figurinhas da Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues, 2013), onde o motivo aparece de forma muito simples: dois grandes olhos conseguidos com impressões digitais profundas que criam entre si a ponte do nariz e por baixo dos quais surgem incisões faciais. Mas a imperfeição e falta de naturalismo de muitos dos oculados, comum aliás às decorações cerâmicas, e que se revê em composições assimétricas ou de traço descuidado, pode ter que ver com três fatores: 1) pouca habilidade por parte do artesão (que pelo menos no caso das decorações cerâmicas será certamente de estranhar quando se considera a qualidade dos recipientes cerâmicos em que ocorrem); 2) porque se pretendeu representar uma realidade deformada, ou porque a realidade poderia ser deformada aos olhos de quem a fez (por exemplo, devido a miopia); 3) tratar-se de representação inacabadas, como ocorre em Los Cercados (García, 2005) (**Figura 6, p. 49**).

Encontramos na vertente oculada de esquema mais realista, que ocorre em algumas decorações cerâmicas (como em S. Lourenço (Trás-os-Montes), e Los Cerrados) e nas figurinhas naturalistas da segunda metade do III milénio a.C., os exemplos que mais se afastam de hibridismos. São estas representações que sustentam e elevam o antropomorfismo deste motivo de longa perduração no registo arqueológico, em concordância com o que parece ser evidenciado por alguma da arte rupestre no qual ocorre. Esta questão pode também ser sugerida pela proximidade estilística de representação facial em algumas estelas e estátuas-menires peninsulares e de outras regiões (França, Sardenha, Córsega, etc.), já enquadráveis na Idade do Bronze. Com claras distâncias cronológicas, territoriais e socioculturais, dá-se ao longo do I milénio a.C. a representação de olhos, isolados ou não, tendo o assunto sido abordado com base nas placas de ouro e prata do depósito votivo de Garvão, por vezes interpretadas também como oculadas. Aí este motivo é, contudo, bem distinto daquele que caracteriza o Calcolítico peninsular, surgindo isolado, reduzindo-se apenas aos olhos, umas vezes raiados, outras em forma de amêndoa.

Só com estes poucos exemplos e mesmo sem entrarmos em grandes detalhes, fica claro que estes dois grupos analíticos (“estilo” e “expressão plástica”) estão profundamente interligados porque, em certa medida, eles ou se criam um ao outro, dependem um dos outro ou têm semelhanças entre eles (**Figura 7, p. 50**). Portanto, por exemplo, a representação esquemática e a representação do corpo parcial relacionam-se porque correspondem a representações ambíguas, ou seja, deixam mais espaço para a interpretação pessoal; enquanto as representações de corpo inteiro e naturalistas oferecem mais realismo e tendem a impor um corpo ou expressão particulares.

A **ambiguidade** antropomórfica que caracteriza muitas das representações comentadas pode levar à discussão de questões de hibridismo e, mesmo, a relação humano-animal, um tema desafiante no qual não tivemos oportunidade de enveredar satisfato-

riamente, mas que ainda assim não ignorámos, até porque se relaciona com a história do corpo das diferentes populações. Aliás, é evidente que algum grau de hibridismo se mantém nas representações do corpo em todos os períodos discutidos.

Mesmo não sendo de estranhar que com o processo de sedentarização, a agricultura, a domesticação e criação de animais, os significados dados às espécies não-humanas se alterem, esse terá sido por si só um processo gradual e lento, que não se aplicaria a todos os animais, e também não se aplicaria a todos os grupos neolíticos da mesma maneira e ao mesmo ritmo. Assim se poderá talvez explicar a perduração de elementos ou contornos animais que conferem um carácter híbrido a algumas das representações. Encontramos possíveis exemplos de hibridismo nos antropomorfos das decorações cerâmicas neolíticas, que em muitos casos lembram sapos ou rãs, como é o caso de um dos exemplos incontornáveis no vaso de Cova de l'Or (Martí & Hernández, 1988) (**Figura 8, p. 50**), em que as mãos e até a forma da cabeça recordam anfíbios, ou a postura dos corpos no esquema em cruz da decoração cerâmica de la Sarsa (Pérez, 2001) (cf. **Figura 2, p. 45**).

É novamente no motivo oculado do Neolítico Final e do Calcolítico e no seu antropomorfismo por vezes dúbio que o tema do hibridismo pode ser por vezes mais sugestivo. Os grandes olhos, por exemplo nas figurinhas troncocónicas, mas também em algumas decorações cerâmicas lembram aves (corujas ou mochos), tendo este tema sido explorado no caso das placas de xisto por outros autores. Mas há que considerar que o antropomorfismo dúbio, peculiarmente evidente nos casos de execução imperfeita de decorações cerâmicas, pode ter que ver também com a procura propositada de representar caras imperfeitas ou máscaras. Escacena Carrasco (2016) aponta máscaras fenícias como paralelos das linhas incisais (“tatuagens faciais”) do motivo oculado, e, mais recentemente, estudos de arte rupestre da Serra de Passos (Mirandela) levantam a possibilidade do motivo corresponder a máscaras usadas em festividades funerárias ou religiosas (Sanches, *et al.*, 2021). Esta hipótese foi também avançada para as placas de ouro sidéricas de La Martela (Cardoso, 2004: 266-267), e para os “cavaleiros com cabeça de pássaro” na arte rupestre proto-histórica do Vale do Côa (Luís, 2008: 420), por exemplo.

Outros autores mostraram já que a individualização da cabeça nas representações pode corresponder ao “mascarar” de atividades corporais, i.e., a utilização de máscaras como prática cultural (Danielsson, 2002: 181). Esta hipótese não invalida o hibridismo; aliás, é o antropomorfismo pouco fiel que a suporta: ao apresentarem características animais, podem refletir máscaras ou disfarces com esses atributos (Bánffy, 2017), pelos mais diferentes motivos culturais (por exemplo, criar pessoas ou qualidades/essências de pessoas ideais e/ou refletir a ontologia mítica da comunidade, Insoll, 2017: 9). A questão das máscaras é também muito interessante se considerarmos que se tratam

de elementos de transfiguração do corpo, permitindo aos indivíduos, enquanto corpos físicos e sociais, adquirir outra identidade (Vilaça, 2009: 495) – fosse ela outra pessoa, um animal, uma divindade, etc. Ora, a capacidade de transfiguração é uma forma de diferenciação e de individualização (dentro e fora de uma comunidade), única ao ser humano, mesmo que por vezes se inspire em animais (*idem*). Como escreveu Raquel Vilaça (2009: 496), “só o homem tem aptidão e necessidade de alterar a sua aparência corporal com o propósito de criar uma nova identidade”. A utilização de máscaras não impossibilita a utilização de pinturas ou tatuagens faciais, nas representações e/ou nos indivíduos que as faziam – ainda que, reiteramos, a representação do corpo não tem de ser uma referência direta a um ou mais corpos humanos específicos/reais.

No I milénio a.C., as referências de antropomorfismo questionável dão-se tanto nos motivos das decorações cerâmicas, como em objetos de influência exógena e/ou orientalizante. Algumas figurinhas, como as de Garvão, apresentam características ornitorformas – particularmente visível na representação do nariz que lembra um bico de pássaro –, elemento comum a figuras antropomórficas no Mediterrâneo, há muito cristalizado no esquema das *kourotrophoi* de “rosto de pássaro” (Ferreira, 2011; Prince, 1978). Como tivemos oportunidade de demonstrar, na Península Ibérica surgem nesse milénio pequenos vasos ornitormos (no universo Ibero-Púnico), possivelmente para a alimentação infantil. Ana Margarida Arruda (2016) alude a alguns vasos e figurinhas em forma de pássaro do Calcolítico, do Bronze Final e da Idade do Ferro encontrados no Ocidente peninsular, cujo motivo do pássaro (em particular, da pomba) associa ao culto de divindades mediterrânicas (Inanna/Isthar/Astarté), sugerindo ser o “legado” da “deusa dos olhos de sol” das placas de xisto calcolíticas. Ainda nesse período, os antropomorfos em cerâmicas, pela sua elevada esquematização, apresentam um antropomorfismo especialmente difícil de corroborar. Alguns casos, particularmente o de estampilhas circulares de Crasto dos Palheiros (Pinto, 2011) (cf. **Figura 2, p. 45**) e o esquematizado de Garvão, apesar das óbvias diferenças, podem aproximar-se de uma representação igualmente esquemática de abelhas ou algo semelhante (como parece também ocorrer no disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim, Lagos (Vilaça & Armbruster, 2012: fig.5 e 6).

Mesmo assim, de todas as categorias artefactuais analisadas, aqueles em que o antropomorfismo é ainda mais questionável é, sem dúvida, na evocação do corpo humano. Com os dois casos de estudo evidenciou-se como o corpo humano pode ser evocado tanto pela interpretação e paralelos etnográficos mais conhecidos, no caso dos vasos geminados que se podem associar ao nascimento de indivíduos gémeos, como pela utilização dos objetos que, no caso dos possíveis “vasos biberon”, lembraria o seio que substituem.

Levantámos ainda a possibilidade de alguns casos de antropomorfismo menos cla-

ro poder corresponder à eventual representação de algum tipo de deficiência – um tema que requer ainda enorme investigação em Arqueologia. Se em alguns objetos restaurados, como a interessante figurinha dos Perdigões, e noutros propositadamente fragmentados, como em *ex-votos* sem pernas de Alcácer do Sal, podemos estar perante representações de amputações, porque não considerar que alguns motivos e objetos onde a forma humana não é tão óbvia possam corresponder a outros tipos de deficiências? Mesmo sem conhecermos paralelos que suportem de esta hipótese, consideramos que esta é (mais) uma temática interessante a explorar no estudo do passado, até porque as abordagens às deficiências (motoras e psíquicas) diferem consoante os valores culturais (Berskson, 2004) – e, por vezes, garantiam papéis importantes para os indivíduos nas comunidades (Cucala, 2013: 180).

Claro está que os elementos aparentemente não humanos permitem também pensar na ontologia dos indivíduos, talvez criando criaturas míticas de forma imaginada (In-soll, 2017: 9). Porém, tendo em conta todos os assuntos mencionados, cremos que o antropomorfismo dúbio nem sempre deve ser fator para desconsiderar a representação de corpos humanos. As dúvidas devem ser consideradas por modo a evitar interpretações circulares ou propositadamente legitimadoras do presente no passado.

### 3.1.1. Em torno de simbologias e interpretações

Apesar das diferenças a nível morfológico e das matérias-primas, aos objetos discutidos é frequentemente atribuída uma conotação simbólica – no sentido de corresponderem a “símbolos” compreendidos pelas comunidades que os criaram, cujos significados podem ser hoje de difícil acesso. Esta simbologia atribuída às representações do corpo é, por seu turno, frequentemente interpretada como tendo ligações a um plano sagrado.

Por outra parte, os objetos em que ocorrem estas representações são, ou podem ser, na sua maioria, considerados arte móvel, já que Arte é definida como a “produção de obras, formas ou peças, orientada por um ideal estético ou com o objetivo de expressar subjetividade ou transmitir um conceito ou uma mensagem” (*Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*). Se é certo que não temos como supor que as diversas pessoas que fizeram os diferentes objetos analisados tenham tido tais objetivos em mente (pelo menos de forma consciente), parece-nos igualmente certo que as representações do corpo humano facilitam o seu enquadramento na categoria de objetos artísticos dos períodos em que se inserem. Assim sendo, ao corresponderem a “arte móvel”, estes objetos estendem o conceito da Pré à Proto-história e a outros objetos que não só figurinhas, estatuetas e placas, visto que nele incluímos objetos de adorno e outros achados.

Durante muito tempo o estudo destas representações assumiu que corresponderiam a uma via de conhecimento direta para o pensamento dos indivíduos que as fizeram, assumindo arbitrariamente conhecer os seus significados. Mas, como se fez já

questão de sublinhar, há que considerar que os objetos podem ter uma multiplicidade de significados, começando pelo da representação (o “símbolo”), aqui compreendido como o corpo ou parte dele; e o do objeto em si (recipiente, figurinha, estatueta, ornamento metálico, etc.) (Escoriza-Mateu & Castro-Martínez, 2011: 102). E, como fomos aludindo, o próprio significado dado às matérias-primas é importante – já que de acordo com o conceito de *affordances* dos objetos (Gibson, 1979, Wells, 2012), a utilidade e significado do objeto constroem-se ambos de acordo com o material de que é feito e com as interações de quem o utiliza.

É, neste sentido, que sublinhamos dois aspetos: 1) dificilmente se poderá aplicar um mesmo significado (único) à grande variedade de objetos discutidos, que apresentam cronologias e contextos distintos; 2) o problema interpretativo de cada motivo e figurinha deveria ser abordado de forma holística, com recurso ao maior número de dados (morfológicos, contextuais e paralelos) possíveis, a par de abordagens interdisciplinares e experimentais.

No entanto, se para o presente estudo o que mais nos interessou foi a representação do corpo em si – considerando as representações como expressões de corporalidade humana, na linha de Insoll (2017), o que não significa que *sejam* corpos humanos ou pessoas/grupos/géneros específicos –, para a esmagadora maioria da bibliografia que se havia debruçado sobre muitos dos objetos comentados, esse parece ser um aspeto trivial, ignorado com frequência. E apesar do conjunto de objetos discutidos ser muito variado, inclusive em termos cronológicos, as interpretações que lhe têm sido atribuídas criam um modelo binário: ora vistos num plano sagrado, que abrange divindades, crentes e sacerdotes; ora num plano humano, geralmente abrangendo apenas indivíduos masculinos.

Por seu turno, o plano **sagrado** tornou-se como que num axioma da investigação arqueológica no que respeita aos objetos onde o corpo humano surge representado ou sugerido. É frequentemente atribuído sem grandes explicações e assume maioritariamente um cariz **feminino**, igualmente pouco esclarecido. Não nos iremos demorar neste ponto, mais amplamente desenvolvido no texto original (Santos, 2020: 175-178), mas não podemos ainda assim deixar de sublinhar que para todos os grupos artefactuais e para todos os períodos estudados, se verificou esta tendência por parte da investigação de atribuir representações antropomórficas ao sexo feminino, inclusivamente na ausência de marcadores sexuais. E esta tendência interpretativa liga quase inevitavelmente o sexo feminino a um plano sagrado ou divino, plano esse frequentemente sem eco nos dados arqueológicos – nem por isso impedindo que progressivamente se transformassem em narrativas de difícil questionamento.

Estas interpretações e narrativas, que advêm da contemporaneidade de quem interpreta, ocorrem tanto a nível peninsular como internacional. Para as realidades que

estudámos, só nos últimos anos alguns investigadores as têm questionado mais abertamente (por exemplo, para a Pré-história recente em Portugal, Vale, 2015; para contextos orientalizantes em Espanha, Prados Torreira, 2019), contrastando com as narrativas mais difundidas. Este esforço de desconstrução é mais evidente em Espanha, fruto do desenvolvimento das Arqueologias Feministas e de Género, que ali apresentam uma dimensão muito superior e são já longa tradição, comparativamente à investigação arqueológica portuguesa.

Chegados a este ponto, servimo-nos novamente do motivo oculado como ponte para referir brevemente esta relação com o sagrado e o feminino, já que este motivo tem sido continuamente interpretado como tendo conotações femininas, relacionadas ao culto da “Deusa Mãe” Calcolítica. Inclusivamente, é identificado o sexo feminino em pontos ou triângulos que por vezes ocorrem em esquemas decorativos de recipientes cerâmicos, ou até, em figuras sem indicações sexuais. Por outra parte, na investigação que desenvolvemos com os suportes móveis em que ocorre o motivo, verificou-se que em toda a sua cronologia de atuação (cerca de um milénio!), ele ocorre tanto em representações com indicadores sexuais explícitos – femininos e masculinos –, como sem eles.

A ausência de atributos sexuais é frequentemente assumida como um problema metodológico, mas esta premissa retira da equação interpretativa *quem fez* a representação (no passado) e foca-se em *quem interpreta* (no presente), mesmo que de forma inconsciente. Em vez disso, devemos considerar o que se *escolheu* representar, já que o seu significado simbólico e verdadeiro é, para nós, dificilmente acedido. De todas as coisas que caracterizam um corpo humano, escolheram-se olhos, narizes, cabelos, acompanhados ou não por outros atributos, etc. Assim, o que queremos sublinhar é que este problema é *interpretativo*, muito mais do que metodológico.

Esta questão alia-se a muitas outras discussões que levantámos ao longo da dissertação – como a aparente necessidade de atribuição do sexo feminino a representações com e sem marcadores sexuais, ou as várias consequências dos discursos circulares em torno do sexo, género, representação e Pré-história, das quais destacamos a ausência, ou obliteração, de outras leituras e possibilidades interpretativas (como a identidade etária, géneros assexuados, irrelevância do sexo biológico para a representação, etc.). Tudo isto resulta na importância de questionar e não de assumir, na linha de Tim Yates (1993: 35): “*It is our rubric, as archaeologists, to question, not to assume*”.

O estudo das representações do corpo pré e proto-históricas levanta, assim, três problemáticas a ter em linha de conta, aliás para qualquer Arqueologia do Corpo – e que, cremos, deverem igualmente ser aplicadas em muitos outros temas e áreas do estudo do passado:

1. A importância de questionar a visão binária da identidade sexual, atribuída aos indivíduos em diferentes momentos e sítios da história da humanidade;

2. A importância de conhecer as relações entre sexo e género na investigação arqueológica – mesmo considerando que alguns investigadores colocam em causa a utilidade do conceito de “género” (Escoriza-Mateu & Castro-Martinez, 2011);
3. A necessidade de considerar o que não se representa – em particular, a possibilidade das ausências não corresponderem apenas a problemas empíricos, uma vez que podem ser indícios de realidades distintas.

Quanto à **função** das representações analisadas, estas podem ser diretas (relacionadas com o uso, manuseamento, utilidade, contacto físico com o objeto, enfim, as suas performances diretas) e indiretas. Como se disse, a função das representações bidimensionais não tem sido muito elaborada, mormente interpretada na esfera do simbólico. De forma semelhante, a função das figurinhas peninsulares, quando considerada, tem no sido principalmente no seu campo indireto, mesmo que sempre de difícil comprovação. Reiteramos, contudo, que os já mencionados problemas contextuais e estratigráficos dificultam o conhecimento da função direta dos objetos.

Existem, claro está, cenários concretos onde a função mágico-religiosa e ritual, por exemplo, das figurinhas e estatuetas é inequívoca, inferida por um dos últimos estádios da vida dos objetos, a sua deposição ou descarte, mas também pela relação com contextos forâneos contemporâneos que influenciam as populações da Península Ibérica. Os exemplos sidéricos das estatuetas em bronze, por exemplo nos *ex-votos* de Alcácer do Sal, espelham uma clara deposição intencional (Gomes, 2008).

Destaca-se, assim, a capacidade dos objetos – viável mas não obrigatória ou inevitável – de poderem ter um papel social e serem socialmente ativos, podendo ser ferramentas utilizadas nos “processos de identificação e nas relações sociais entre grupos de identidade (...), ferramentas educacionais, como indivíduos tangíveis, referências a antepassados ou como símbolos de poder e prestígio” (Valera & Evangelista, 2014: 286). Isto tem sido particularmente apontado para o que chamámos de “figurinhas naturalistas”, cuja atividade social António Carlos Valera e Lucy Evangelista creem estar não só na expressão dos corpos que contrasta com as representações esquemáticas anteriores, mas também com a sua generalização a uma vasta região, na procura de proporção humana e no (único) contexto de incineração onde foram descobertas (Perdigões) (*ibid.*: 291).

Se considerarmos que algumas representações podem ser socialmente ativas, elas podem consequentemente corresponder a marcadores de individualidade, de poder, de identidade, de magia ou religião, talvez até territoriais. Na análise desenvolvida foi possível reconhecer que algumas representações espelham ténues marcadores de individualidade, por exemplo quando os artesãos fogem ao “cânone” calcolítico da representação facial nas decorações cerâmicas de Los Cercados (García, 2005), ou no

sorriso da figurinha naturalista Marroquiés Bajos (Mozás *et al.*, 2011). Mas este é mais um diálogo em aberto, porque a noção de individualidade e personalidade pré-histórica é problemática, vista com frequência como uma construção cultural dos países modernos (Valera & Evangelista, 2014: 297), pese embora que em diferentes cronologias e regiões do mundo, alguns conjuntos de figurinhas são marcadores efetivos de personalidade e/ou de idade (Pool, 2017: 265).

Uma outra possível função, explorada em alguns dos casos de estudo, é a relação das representações, com marcadores ou indicadores de poder, nomeadamente usados na construção e legitimação do poder por parte de quem as tinha, criava ou manipulava (Insoll, 2017). Alguns autores defendem precisamente esta função para as figurinhas de pedra, osso e marfim comentadas, particularmente para as “naturalistas”, relacionando-as com a manutenção de hierarquias sociais (Hurtado, 2008). Esta atribuição tem também que ver com a ornamentação do corpo representado que, nessas figurinhas, apesar da clara representação do nu, surge por vezes com um objeto nas mãos, interpretado como bastão (Valera & Evangelista, 2014: 292).

Esta hipótese relaciona-se com outra possível função: a de marcador territorial (Bailey, 2005; Insoll, 2017). De facto, quanto às representações analisadas, parece-nos plausível que em alguns casos, pelo facto de integrarem objetos com capacidade para a mobilidade, algumas representações antropomórficas possam ter funcionado como marcadores territoriais indiretos, i.e., poderiam ser considerados “típicos” de determinado território face às variações formais e estilísticas circunscritas a determinadas áreas territoriais. Tivemos já oportunidade de explorar brevemente a relação, ou melhor dizendo, as relações, das representações do corpo com o **território** (Santos, 2020: 186-191), pelo que, sem nos alongarmos aqui nele, destacamos, de forma sumária, que os objetos móveis onde o corpo se representa podem relacionar pessoas, comunidades e regiões.

É importante que, em qualquer cenário, se tenha em conta que um objeto e/ou representação pode ter mais do que uma função e significado, e que essas funções e significados podem mudar não só consoante o objeto, o tempo e o espaço, mas também conforme as pessoas que com eles interagem. Tal como o conceito de *body world* (Harris & Robb, 2013b), a representação do corpo permite contradições, expressões individuais e divergências num mesmo período, como se destaca em seguida.

#### **4. BODY WORLDS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS PENINSULARES**

Qualquer causa proposta para as diferenças nas representações do corpo é por si só o resultado de inúmeros outros processos, nos quais não nos podemos alongar, mas em todo o caso fundamentais para o modo como o corpo poderia ser interpretado e experienciado.

Consideremos os conceitos de que nos socorremos nas referências cronológicas para a Pré-história da Península Ibérica: Neolítico, Calcolítico, Idade do Bronze e Ferro. Mesmo que não ocorram em todos os sítios do mesmo modo (ou ao mesmo tempo), estes conceitos remetem para uma série de culturas materiais e sistemas económicos, sociais e políticos, relacionados por sua vez com a criação ou chegada e utilização de novas tecnologias, num jogo de múltipla influência que é de uma complexidade única em todos os momentos. Por outras palavras, cada período é singular ao adicionar, subtrair e reconfigurar elementos do seu passado e futuro de forma muito própria (Harris & Robb, 2013b: 26).

A presente análise põe em evidência que os momentos de transição cultural pré e proto-históricos se espelham nas representações do corpo. Aliás, eles correspondem essencialmente às fases de transformação no tratamento “artístico” do corpo (**Figura 9, p. 51**). Claro está que as alterações no trato do corpo têm uma multiplicidade de fatores, muitos dos quais desconhecemos, e certamente diferentes de caso para caso. Todavia, essas alterações estariam relacionadas, mesmo que indiretamente, com a forma de experienciar o corpo que estava igualmente em transformação nesses momentos de transição:

Em primeiro lugar, os materiais comentados correspondentes ao **Neolítico** espelham uma preocupação com a representação integral do corpo, pese embora sem especificar algumas partes, nomeadamente a face. As representações mais antigas – as decorações cerâmicas e a figurinha de Valada do Mato – patenteiam uma preocupação com o torso, a parte central do corpo. Apesar do elevado grau de esquematização, algumas decorações mostram os membros inferiores e superiores, dedos e cabeça.

A falta de marcadores de individualização corporal – no sentido de individualizar partes do corpo, porque, relembremos, a figurinha de Valada do Mato apresenta indícios de inscrição corporal (uma vez que aparenta ter vestuário ou tatuagens)– pode ter que ver com um “fenómeno” que ocorre nas primeiras fases da sedentarização, agricultura e domesticação animal e se vai consolidando ao longo de todo o Neolítico. Esse fenómeno, intrinsecamente relacionado com os sistemas de crenças de cada comunidade, relaciona-se com a nova relação humano-animal, que lentamente vai afastando estes dois parâmetros. O foco das representações estava, então, em representar a forma antropomórfica, mas sem características específicas.

Não se quer com isto dizer que a partir do momento em que uma comunidade domestica uma espécie animal passaria a compreender todos os animais de outra forma. Se o processo de sedentarização foi demorado, as alterações na perceção do corpo também o foram, tal como demonstra o registo arqueológico. Não é com o Neolítico que os indivíduos passam a diferenciar entre “humanos” e “animais”, não só porque esse é um processo incrivelmente longo, mas também porque essa divisão não é ne-

cessariamente a única forma de ver o mundo. Todavia, é no Neolítico, mais do que em qualquer outro período anterior, que se representam corpos cada vez menos hibridizados, a par de figurinhas antropomórficas e zoomórficas, algo que aliás ocorre também tanto no Sudeste Europeu como no Sudoeste Asiático (Scarre, 2018).

Isto vem demonstrar que as vivências dos grupos neolíticos criam uma separação, ainda que ténue e não raras vezes fluida: há agora um ênfase muito maior em representar o corpo humano (em detrimento da representação zoomórfica), quiçá relacionado diretamente com o crescimento populacional, que obriga a um maior contacto com mais pessoas e os seus corpos. E se é certo que muito antes da sedentarização ocorria já uma categoria fixa para representações antropomórficas, conceptualmente distinta dos animais (visto que as “Vénus” Paleolíticas formavam já uma categoria de objetos claramente antropomórficos), os ecos desta separação ultrapassam, no Neolítico, os objetos móveis – refletindo-se também no mundo funerário, pois a fluidez humano-animal dos enterramentos mesolíticos vai ficando ausente durante este período (Boric *et al.*, 2013).

Torna-se, assim, possível remontar ao Neolítico características que ocorrem em todos os períodos seguintes, graças à transição da “corporização” (*embodiment*) humana: da paisagem e animais para um corpo circunscrito (Boric *et al.*, 2013: 57). O que consideramos ser os antecedentes do motivo oculado parecem surgir essencialmente durante o IV milénio a.C., na Vénus de Gavà e no que chamámos de “figurinhas troncocónicas”. Estas aparecem na segunda metade desse milénio no atual Alentejo, e nelas surgem breves individualizações da cara, por vezes com incisões faciais, num momento em que ali se dá a emergência do Megalitismo e de fenómenos de agregação populacional em grandes recintos de fossos (Cardoso, 2012b: 251), reflexo do crescimento demográfico e de uma mais expressiva apropriação do território.

É que o *body world* acarreta ideologias religiosas, políticas, culturais, etc. (que bem podiam ser o mesmo para as comunidades, i.e., não serem categorias conceptualmente distintas). Nesse sentido, sublinha-se que as comunidades do IV milénio a.C. são consideradas “igualitárias e com um grau de mobilidade considerado” (Cardoso, 2012b: 252). Interpretamos as figurinhas troncocónicas como sendo de corpo inteiro, mesmo que estejam fragmentadas, e que outras partes além da cara não se representem. A sua aparente regionalização (ainda especulativa face ao número reduzido de exemplares) pode estar relacionada com a emergência das placas de xisto, que apresentam uma dispersão vizinha no interior alentejano (Cardoso, 2012c) e, desse modo, poderiam relacionar-se com uma precoce forma de marcação territorial e/ou identitária.

O exposto permite, nesse caso, inferir que durante o Neolítico Final (c.3800-3000 a.C.) se dá, no Sudoeste peninsular, uma transição de um corpo esquemático para um corpo menos esquemático onde se individualiza a cara, olhos e nariz. É como se o prolongamento da sedentarização e o aumento populacional conduzissem à crescente

importância da face e da visão, que se consolida no milénio seguinte. Se esses aspetos são ainda abstratos (Ponte da Azambuja 2, por exemplo), mostram que a parte mais expressiva e comunicativa do corpo ganha importância, num período em que o tratamento funerário do corpo também parece exigir ser observado (com a consolidação do fenómeno megalítico).

Os regionalismos culturais próprios do **III milénio a.C.** continuam a espelhar-se nas representações antropomórficas. A representação do corpo parece ocorrer maioritariamente no sul da Península Ibérica, o que aliado a outros elementos do espólio calcolítico pode estar de facto relacionado com as redes de contacto mencionadas no capítulo anterior. Bécares Pérez (1990) tentou mostrar a existência de uma uniformidade no modo de conceptualizar os motivos antropomórficos durante o Calcolítico peninsular, que por sua vez evidenciaria uma unidade cultural. Na sua visão, as variantes tipológicas ou numéricas das representações antropomórficas – entenda-se, os motivos oculados e as diferentes morfologias das figurações tridimensionais, mas também os que ocorrem na arte rupestre – seriam indicadores de modas regionais da cultura comum, uma sociedade uniformizada nas formas de representar o corpo humano (*ibid.*: 90).

Não cremos, contudo, na existência de uma sociedade “uniformizada”, com uma cultura comum, em todo o sul peninsular durante o III milénio a.C., não só porque existem variações no tratamento do corpo (real e representado) consoante as regiões, mas também porque nunca é demais relembrar que as decorações oculadas ocorrem também a Norte, igualmente com variações e possivelmente de fabrico local (Sanches, 1997: 130). Além disso, só no respeitante ao território atualmente português, existem importantes variações ao nível do povoamento calcolítico, dos lugares de habitação aos materiais utilizados na construção, que falam de regionalizações difíceis de explicar apenas pelas matérias-primas disponíveis (Cardoso, 2012a: 74).

Não obstante, tudo parece indicar que o referido motivo oculado, altamente divulgado ao longo de todo o III milénio a.C., deveria ser compreendido a grande escala – o que não traduz necessariamente que as populações do Sul peninsular estivessem uniformizadas culturalmente. Em todo o caso, este motivo ocorre com maior frequência no Sudoeste peninsular – sem esquecer os seus “antepassados” troncocónicos da segunda metade do milénio anterior –, numa área de vastos solos agricultáveis e uma reduzida compartimentação da paisagem, que propiciou a emergência de grandes povoados ou centros cerimoniais e um elevado desenvolvimento populacional. A dispersão do motivo oculado põe em evidência que as sociedades calcolíticas do Sul peninsular não estavam apenas abertas a estímulos estrangeiros, como parecem evidenciar os objetos e materiais exógenos – como o marfim (Valera, 2017), mas também com o calcário dos “ídolos cilíndricos” da Estremadura, que mesmo sendo uma matéria-prima comum nessa região, pode aludir a influências exógenas, entre outros exemplos –, mas que a rede

de comunicação “intrapeninsular” iria muito além da Bacia Hidrográfica do Guadiana e restante sudoeste peninsular.

O “corpo” em si não parece ser importante talvez porque a face era o que mais distinguia os indivíduos – como parecem sugerir vários estudos de psicologia cognitiva (Downing *et al.*, 2001; Downing, 2007; Downing & Peelen, 2015)– ou, mais plausivelmente, porque o que se queria representar não precisava de corpo. É dizer, qualquer que fosse o significado, seria bem definido pelas características faciais. O facto de ocorrer tanto em contextos funerários como em povoados não permite subscrevê-lo a um carácter funerário, mas não impossibilita uma ligação ao sistema de crenças ou ao mundo sagrado destes povos. Desaconselha, contudo, uma conotação do motivo facial exclusiva ao sexo feminino pela ocorrência em objetos com indicadores sexuais masculinos (“figurinhas naturalistas”) e, de modo mais evidente, pela ausência de indicadores sexuais.

O expoente máximo de realismo do motivo oculado ocorre na segunda metade do III milénio a.C., com as “figurinhas naturalistas”. Na análise deste motivo, esta tipologia é fundamental por sublinhar o antropomorfismo do motivo, por vezes dúbio ao longo da sua restante cronologia de atuação. E se este motivo standardizava já uma expressão e uma “cara”, estas figurinhas surgem como uma standardização do corpo, sempre com a mesma postura canónica. Porém, representam agora todo o corpo, com ou sem indicadores sexuais e acompanhados ocasionalmente com objetos de natureza desconhecida (possivelmente bastões, na linha de Valera & Evangelista, 2014: 292). Os cabelos são compridos, ondulantes ou entrançados, mas a cara permanece quase sempre “sem” expressão ou de forma austera – daí que o “sorriso” da figura de Marroquies Bajos seja tão aliciante.

A face oculada desaparece na transição para a **Idade do Bronze**, num processo coetâneo do fim do megalitismo. As alterações na organização política e social que marcam a transição para o II milénio a.C. espelham-se igualmente no tratamento do corpo, físico ou representado. Em ambos os casos, o que haviam sido formas visualmente chamativas e, no caso das representações móveis, de enorme dispersão no sudoeste, dão lugar a uma paulatina modéstia. Este processo é bem evidenciado pelo mundo funerário, que deixa de ser tão marcante na paisagem; no norte e centro do atual território português surgem pequenos monumentos sepulcrais individuais tipo cista (Bettencourt, 2009) e algumas áreas assistem aos surgimentos dos primeiros contextos de cremação de corpos – pese embora a sua existência, por exemplo, na Galiza, desde o Calcolítico Final (*ibid.*: 18), o que demonstra a presença de novidades na perceção do corpo, nos sistemas de crenças e, em última instância, a criação de uma nova relação entre o corpo e a paisagem.

As novas formas de marcar a morte, por um lado mais individuais e discretas, por outro mais destruidoras ou transformadoras do corpo (cremação), patenteiam a existên-

cia de pelo menos dois grupos sociais e culturais diferentes na Península Ibérica, que em todo o caso contribuíram para uma progressiva mas efetiva transformação do *body world*. O corpo parece tornar-se mais exclusivo, mesmo que o sentido de comunidade não se tenha esquecido.

As redes de contactos do III milénio (Jorge, 1986; Gonçalves, 1989; Escacena, 2000; Hurtado, 2009; Valera, 2017) não terão desaparecido, mas poderão ter sido renovadas. Alguns dos povoados da Idade do Bronze conhecidos revelam uma preocupação, consciente ou não, pela evocação do corpo em objetos móveis, evidente pela presença de formas geminadas e possíveis “vasos biberon”. Estes objetos enquadram-se então nas novas formas mais discretas de ver o corpo, em sítios por si só mais modestos que os grandes povoados que haviam caracterizado o período anterior. Em contrapartida, dispersa-se uma marcação territorial efetiva que utiliza a representação do corpo – as estátuas-menires –, mas que poderá assentar em tradições anteriores. Essas são das representações do corpo mais expressivas e englobam elementos de inscrição como espadas e aparente vestuário, quiçá até tatuagens (Vilaça, 2009). É como se a individualização decorrente do novo *body world* fizesse com que a individualização e marcação territorial de cada comunidade se exigisse mais efetiva e visível, com instrumentos que ultrapassassem o megalitismo funerário, num momento em que a mobilidade aumenta e obriga à visualização (e interpretação) das estátuas. Porém, esta aparente transição do antropomorfismo de suportes móveis para fixos não é tão abrupta quanto pode aparentar, se tivermos em conta a longa tradição de antropomorfos em contextos de arte rupestre e parietal, por exemplo, em esteios de dolmens.

A individualização do corpo humano, ou de alguns corpos, ocorre na Idade do Bronze, também ao nível dos materiais usados na ornamentação. Algumas pessoas começavam a decorar os seus corpos com objetos metálicos, particularmente em ouro, conferindo-lhes um visual diferente tanto ao nível das cores como dos sons. No início da **Idade do Ferro** parece haver o reaproveitamento do fecho de um colar mais antigo (do Bronze), no qual se adicionou uma pequena e fina placa com um antropomorfo esquematizado (colar da Herdade do Álamo, Moura, **Figura 10, p. 53**), num estilo totalmente distinto do milénio anterior. O trabalho do ouro com representação do corpo aumenta ao longo do I milénio a.C., ao mesmo tempo que esta regressa às decorações cerâmicas. Com novos e redobrados contactos estrangeiros, surgem novas tecnologias no trabalho dos metais, mas o método da cera perdida permanece, tendo sido utilizado com algum folgo no fabrico de estatuetas e *ex-votos*.

Na Idade do Ferro, o corpo humano representa-se completo ou parcial, mas ao gosto de diferentes modas forâneas, refletindo mais uma vez o panorama sociopolítico das comunidades em que se inseria. Em boa parte da Península, o corpo representado espelha agora preocupações com esses cânones, ao mesmo tempo que a norte e

na Meseta surgem alguns exemplos de antropomorfos esquemáticos em decorações cerâmicas, em estilos muito distintos daqueles encontrados no atual território francês.

Se fica claro que ao longo de vários milênios a Península Ibérica fora palco de largos contactos com povos estrangeiros, é em parte graças à abertura que algumas áreas demonstravam há já algum tempo – particularmente o Sudeste e Sudoeste, a par de outras áreas costeiras –, e também pelos caminhos deixados pelas redes de contactos exploradas em milénios anteriores. Estes dois grandes fatores tornaram possível que se desse, na Idade do Ferro, uma tão grande expansão de (pessoas, ideias e) materiais exógenos, particularmente evidente nos estímulos de diferentes povos mediterrânicos. Estes contactos levaram inevitavelmente a transformações no relacionamento dos indivíduos com o corpo, e os exemplos sidéricos estudados mostram que a maioria dos achados metálicos parece ocorrer na zona de influência mediterrânea, relacionados ou com aspetos religiosos (*ex-votos* e placas), ou com a ornamentação do corpo (*ourivesaria*). Por outro lado, em áreas mais interiores e afastadas desses estímulos, surgem alguns exemplares de possíveis antropomorfos esquemáticos em recipientes cerâmicos, mostrando uma tendência muito diferente.

Todas estas mudanças devem ser interpretadas como processos mais ou menos prolongados e graduais, dos modos de percepção e visualização do corpo, i.e., no modo como as pessoas viam e percebiam o mundo em seu redor, os objetos que usavam e as relações com outros indivíduos e com os mundos natural e sobrenatural (Wells, 2012: 64). Além disso, as ontologias tidas sobre o corpo em determinado momento nunca são singulares – “as pessoas nunca têm apenas uma forma exclusiva de compreender o corpo” (Harris & Robb, 2012: 671). Por tudo isto, os momentos de mudança aqui brevemente aludidos traduzem e são traduzidos pelos *body worlds* em que se inserem.

Fica, por isso, claro que muito mais haveria a dizer-se sobre os *body worlds* da Pré e Proto-história da Península Ibérica, e que as representações móveis do corpo humano contribuem em muito para essas narrativas. Se os quiséssemos sintetizar ainda mais – com todos os riscos inerentes –, poderíamos dizer que o *body world* neolítico assenta sobretudo na marcação da relação humano-animal; o *body world* do III milénio a.C. tem que ver com a emergência de uma face estandardizada, patenteando uma enorme mudança, de corpos mais fluidos para corpos mais fixos; o *body world* do II milénio a.C. dá privilégio a suportes (mais) fixos, criando outros cânones de representação do corpo; e, por fim, o *body world* do I milénio a.C., onde volta a constar de objetos móveis, mormente ligados à ornamentação do corpo ou à expressão de cultos forâneos, num momento em que, de acordo com condicionantes regionais e culturais, o corpo é também representado em objetos de maiores dimensões e em suportes fixos.

Como demonstrado, além de uma leitura de conjunto dos processos de alteração da representação do corpo, esta abordagem permite relacionar realidades que se se-

param com frequência nos estudos arqueológicos, nomeadamente quando centrados em balizas cronológicas mais reduzidas.

Todas estas particularidades relacionam-se mutuamente porque estão dependentes das anteriores e influenciam as posteriores – é dizer os “mundos corporais” anteriores sustentam os seguintes, enquanto processos históricos (Harris & Robb, 2013b) –, com toda variabilidade geográfica e cultural que sabemos ter existido na Península Ibérica desde cedo.

## 5. BREVES CONSIDERAÇÕES

Ao tentar contribuir para o conhecimento dos ‘mundos corporais’ pré e proto-históricos peninsulares, de todas as experiências da vida corpórea explorámos as representações por serem um tema menos explorado da Arqueologia do Corpo. Mostrou-se a importância da representação do corpo em objetos móveis, naquela que parece ser a primeira abordagem deste tipo na longa diacronia para a Pré e Proto-história da Península Ibérica.

O estudo aqui sintetizado foi elaborado com a consciência de que seria apenas uma primeira abordagem a um complexo tema, comprometendo necessariamente muitos focos de continuação para o seu estudo. A natureza e escala do que nos propusemos analisar resultou apenas num pequeno contributo para uma colossal investigação sobre o qual muito ficaria ainda por dizer.

O objetivo foi uma abordagem na longa diacronia que analisasse que corpo se representou em diferentes materiais, momentos e espaços, do Neolítico à Idade do Ferro. Ou seja, o foco foi o corpo em si: as perguntas feitas foram “o quê?”, que corpo foi representado; “como?” foi representado (que partes se destacaram, que partes se omitiram); e “onde?”, em que materiais, em que objetos, em que contextos, em que espaços. Tal foi conseguido com recurso a uma amostra heterogénea em termos de materiais e locais de recolha, abordando, sempre que possível, tanto os exemplos de vulto, como aqueles menos discutidos. Não se deu a conhecer a totalidade dos achados em nenhuma das categorias, com exceção dos objetos que evocam o corpo, para os quais se tentou reunir os casos conhecidos no atual território português, e cuja publicação se prevê para breve.

A análise da amostra, com base no que se representou e no que se omitiu, veio desde logo mostrar que não só é possível a aplicação do conceito de *body worlds* na Pré e Proto-história da Península Ibérica, mas também que os materiais móveis espelham alterações nos modos de representar o corpo nos momentos de transição e transformação cultural. Isso fica evidente, por exemplo, com a emergência do que chamámos “figurinhas troncocónicas” no Neolítico final que parecem corresponder a um prelúdio

da “moda” da face oculada que caracteriza o III milénio a.C., da mesma forma que outras condicionantes da cultura material e ocupação territorial espelham, nesse período, “vislumbres” do que viria depois. E se o III milénio a.C. é caracterizado, no Sul peninsular, pelo aparecimento de grandes aglomerados populacionais, com acesso e/ou que distribuíam “bens de prestígio”, a representação do corpo desse período evidencia a consolidação como que de um cânone para a face, dando grande importância à visão; no auge do antropomorfismo, com o que chamámos de figurinhas naturalistas, ocorre a fixação de um corpo e uma postura, de uma destreza artística absolutamente excepcional e onde se utilizam materiais raros. A representação do corpo no II milénio a.C. parece ocorrer maioritariamente em suportes fixos, num momento em que o tipo de povoamento se altera, a construção sociopolítica calcolítica parece desaparecer, e surgem formas mais individuais no tratamento da morte; é também o II milénio o período no qual ocorre maior incremento das formas geminadas e dos possíveis “vasos biberon”, mostrando quicá um maior interesse pela evocação do corpo em detrimento da sua representação em objetos móveis. O corpo representado do I milénio evidencia influências estrangeiras, face à penetração efetiva de vários estímulos exógenos e regressa aos materiais móveis através da utilização de novas tecnologias de trabalho metálico.

Ainda que o foco principal tenha sempre sido o tratamento do corpo, foi importante para o desenvolvimento metodológico proposto uma abordagem abrangente também no que diz respeito às possibilidades interpretativas, simbologias e utilizações, mesmo que para os materiais comentados pré-históricos estes aspetos fiquem, quanto a nós, em aberto, desde logo pela insuficiência de informação contextual, comum à maioria dos objetos. Com isso, tornou-se notória a necessidade de revisão de alguns aspetos considerados como axiomas arqueológicos, particularmente os que relacionam a representação do corpo ao feminino e ao sagrado, porque essa interpretação é com maior frequência assumida do que evidenciada.

Um dos objetivos de maior dificuldade pela natureza dos dados que utilizámos teve que ver com a relação entre as representações e o território, resultando numa breve abordagem que permitiu sublinhar o papel que algumas representações (a par dos objetos em que ocorrem) poderão ter tido como marcadores identitários e territoriais, ou simplesmente espelhar contactos e interações entre áreas distintas da Península Ibérica. Os percursos da representação antropomórfica da amostra estudada parecem incidir, nos períodos mais antigos, no sudeste e no sudoeste peninsular, sempre com exceções, espalhando-se mais heterogeneamente pela península durante a Idade do Ferro (após um aparente hiato em grande parte do II milénio a.C.).

As dificuldades inerentes ao estudo proposto foram sendo aludidas ao longo de toda a dissertação e radicam, principalmente, na falta de poucos contextos arqueológicos e estudos dos objetos, nomeadamente pela falta de inventariações dos vários arte-

factos, mas também pela ausência de estudos dedicados exclusivamente ao tratamento do corpo que, quando existem, são escassos os que relacionam o corpo ao que o rodeia (ao restante *body world*). A própria urgência de revisão terminológica, diretamente relacionada com a necessidade de revisão interpretativa, tornou-se também gritante. E, claro está, o facto de se ter optado por uma metodologia essencialmente bibliográfica, sem análise real dos objetos, dificultou alguns estudos, mas propiciou uma análise mais alargada, como era pretendido.

Por outro lado, a utilização das diferentes escalas, ora alargadas à Península Ibérica, ora mais reduzidas aos casos de estudo, levou a que inevitavelmente se olvidassem aspetos particulares e temas que, por certo, auxiliariam a compreensão tanto das representações como dos *body worlds*. Consideramos, por isso, que o futuro desta investigação passa pela análise de outros aspetos, não só relacionados com outros materiais móveis, mas também por uma abordagem de conjunto mais intensa com o tratamento do corpo no mundo funerário e no representado em suportes fixos.

Julgamos que, como tema (aparentemente) universal, a representação do corpo permanecerá um tema aliciante, para o qual vemos a urgência de criar novas abordagens onde a compreensão do corpo em si surja antes da procura de significados. Acreditamos que esta é, por isso, uma contribuição relevante, mesmo que se tenha respondido a cada questão com muitas outras. Sugerimos, por tudo isto, que as representações sejam abordadas como expressões de corporalidade. É também fundamental que se questione o que não é representado (os vazios) e os preconceitos que a investigação pode transportar para o passado, assim como o papel ético e social do investigador no presente.

Ao relacionar as representações com outros elementos sociais, culturais, políticos e territoriais contemporâneos, poderemos aproximar-nos um pouco mais do seu significado, mesmo que essa aproximação sempre esteja, inevitavelmente, despida de muitas das camadas que originalmente o cobriam. Cremos ser essa a maior força do alcance da metodologia e base teórica desenvolvidas neste estudo: a capacidade de relacionar diferentes realidades e cronologias, usualmente foco de abordagens isoladas, permitindo uma leitura de conjunto, pese embora as omissões que achámos necessárias à elaboração deste projeto.

Por reconhecermos que relacionar e conhecer todos os aspetos da vida corpórea é talvez das ferramentas mais importantes para chegar a compreender uma ínfima parte das vivências das pessoas sem escrita (ou cuja escrita não percebemos); por reconhecermos que o corpo humano e o seu tratamento, físico ou representacional, são questões fundamentais que marcam qualquer sociedade, mesmo que silenciosamente; enfim, por reconhecermos que estas questões não podem ser ignoradas em Arqueologia, se o propósito for conhecer quem esteve onde estamos. Foi por isso que partimos em busca de *body worlds*.

---

**FIGURAS**  
**FIGURES**

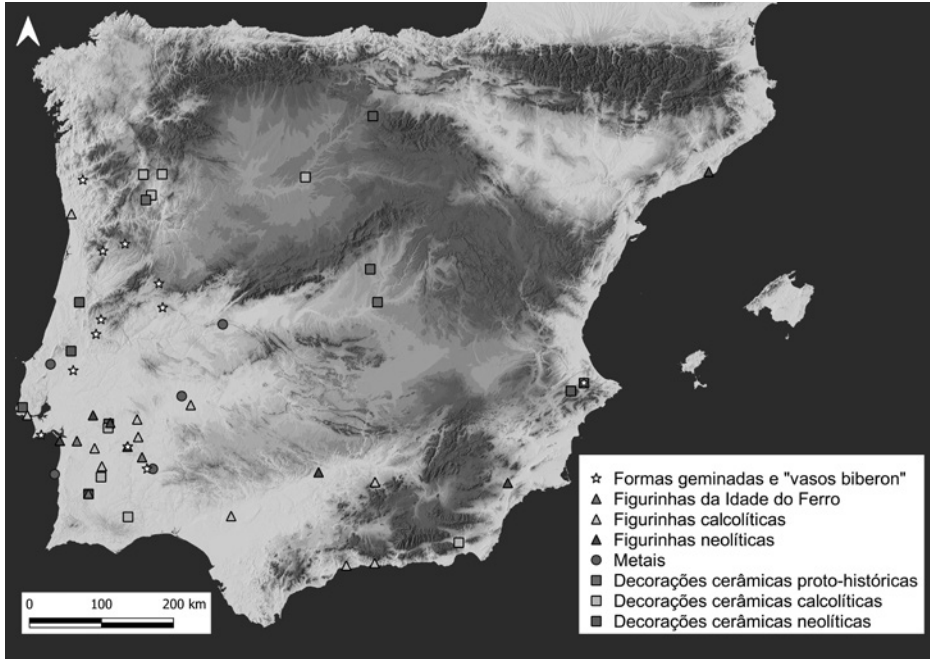


Figura 1 – Distribuição seletiva das representações (e evocações) do corpo em objetos pré e proto-históricos peninsulares analisadas. Mapa: André Lopes Pereira.

Figure 1 – Selective distribution of the analysed representations (and evocations) of the body in pre- and proto-historic objects from the Iberian Peninsula. Map: André Lopes Pereira.

Figura 2 – Alguns exemplos analisados de representação antropomórfica “completa” bidimensional (em decorações cerâmicas e em suportes áureos) do Neolítico à Idade do Ferro da Península Ibérica.

Figure 2 – Some analysed examples of bi-dimensional ‘full’ anthropomorphic representation (on pottery and gold decorations) from the Neolithic to the Iron Age of the Iberian Peninsula.






Cronologia	Suporte	Antropomorfo	Que corpo	Origem
Neolítico	Recipientes cerâmicos		Corpo completo: cabeça, tronco, membros superiores e inferiores, mãos com cinco dedos, pés (?), indicação sexual (?)	Cova de l’Or  (segundo Martí & Hernández, 1988)
			Corpo completo: cabeça, tronco, membros superiores e inferiores, mãos e pés	Cova de la Sarsa (figura em dois fragmentos)  (segundo Pérez Botí, 2001)
			Corpo completo: cabeça (?), tronco, membros superiores, membros inferiores fletidos (joelhos)	Cova de la Sarsa (parte de esquema em cruz)  (segundo Martí & Hernández, 1988)
			Membro superior/ membro inferior (?), mãos/pés (?)	Valada do Mato  (segundo Diniz, 2009)
			Esquemática (?) (tronco, membros superiores e inferiores, talvez cabeça)	El Portalón de Cueva Mayor  (segundo Alday et al. 2017)

Figura 2 – Continuação.

Figure 2 – Continuation.




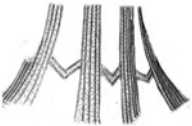

Cronologia	Suporte	Antropomorfo	Que corpo	Origem
Neolítico	Recipientes cerâmicos		Corpo completo: cabeça, tronco, membros superiores e inferiores, mãos com cinco dedos, pés (?), indicação sexual (?)	Eira Pedrinha  (segundo Vilaça, 1988)
Bronze Final	Colar em ouro		Corpo em clepsidra (cabeça, pescoço, membros inferiores, joelhos, pés)	Herdade do Álamo (Moura)  (segundo Santos, 2020)
Idade do Ferro	Recipientes cerâmicos		Esquemática (?) (cabeça, tronco, membros superiores, mãos) Inscrição corporal (ex. chapéu, cabelo)?	Camino de las Carcavas  (segundo Almagro-Gorbea et al. 1996)
			Esquemática (?) (tronco, membros superiores)	Crasto de Palheiros  (segundo Pinto, 2011)
			Esquemática (?) Cabeça Tronco Membros superiores Um membro inferior Mãos Pé	

Figura 3 – Figurinhas em argila de morfologia troncocónica analisadas. Tabela segundo Santos, 2020. Figuras segundo Bosch 2009 (Gavà), Soares & Silva 2013 (Comporta), Global Digital Heritage (Herdade do Vidigal), Rodrigues 2013 (Ponte da Azambuja 2), Martínez Sánchez & Garcia Benavente 2009 (Alcolea).  
 Figure 3 – Analysed frustoconical clay figurines. Table after Santos, 2020. Figurines after Bosch 2009 (Gavà), Soares & Silva 2013 (Comporta), Global Digital Heritage (Herdade do Vidigal), Rodrigues 2013 (Ponte da Azambuja 2), Martínez Sánchez & Garcia Benavente 2009 (Alcolea).

Período	Morfologia Troncocónica	Estação Arqueológica
Neolítico Médio (4000-3800 a.C.)		Minas de Gavà (Barcelona)
Neolítico Final (segunda metade do IV milénio a.C.)		Comporta (Setúbal)
		Herdade do Vidigal (Montemor-o-Novo)
		Ponte da Azambuja 2 (Évora)
		Alcolea (Córdova)

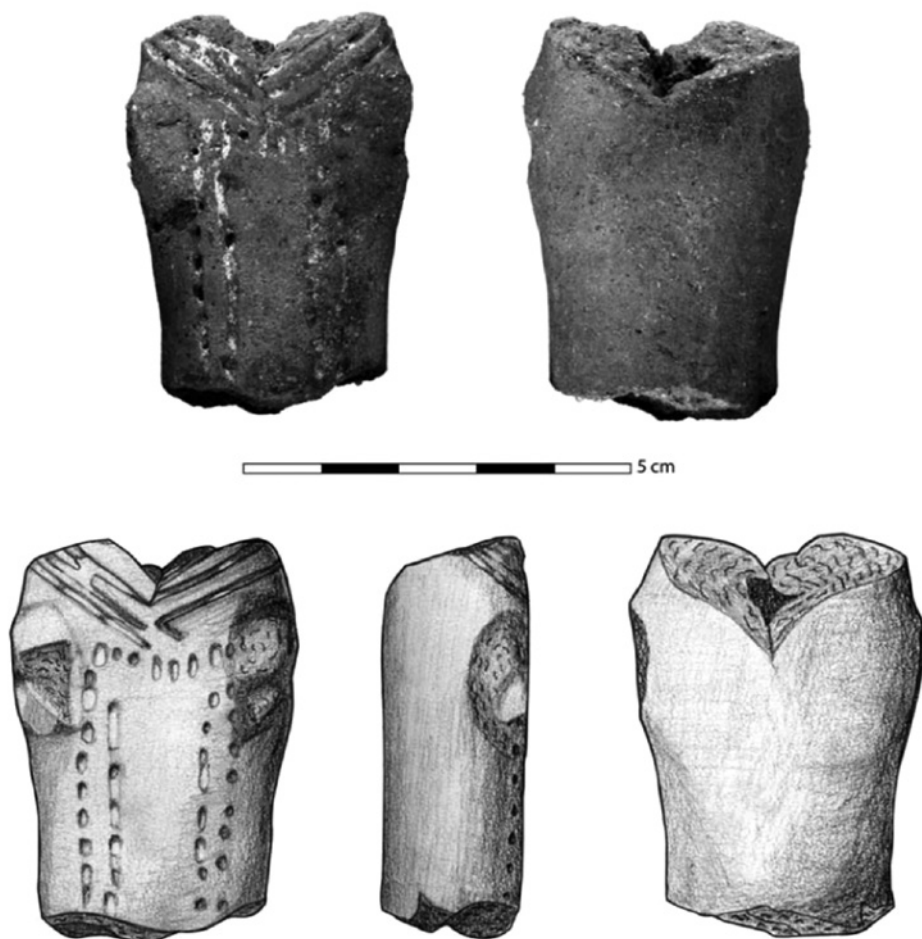


Figura 4 – Figurinha antropomórfica do povoado neolítico de Valada do Mato, Évora (transição do VI para o V milénio a.C.). Foto de V. S. Gonçalves, desenho de Patrícia Bargão, segundo Diniz, 2008.

Figure 4 – Anthropomorphic figurine from the Neolithic settlement of Valada do Mato, Évora (transition from the 6<sup>th</sup> to the 5<sup>th</sup> millennium BC). Photo by V. S. Gonçalves, drawing by Patrícia Bargão, after Diniz, 2008.

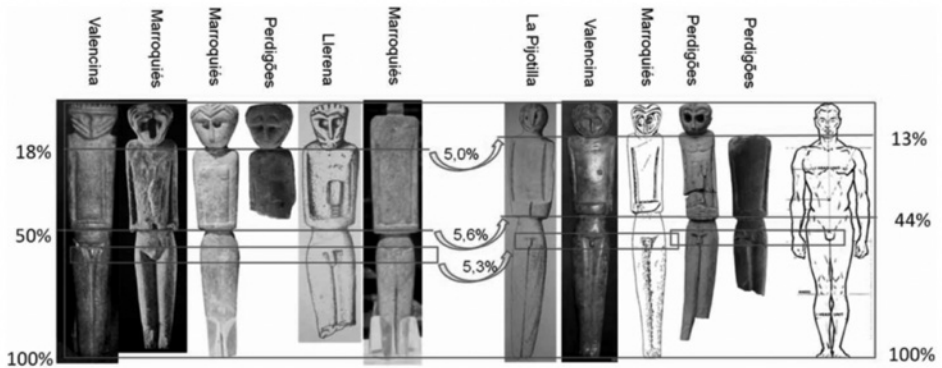


Figura 5 – Comparação da proporcionalidade entre várias “figurinhas naturalistas” (III milénio a.C.) do sul da Península Ibérica, segundo Valera & Evangelista, 2014.

Figure 5 – Comparing the proportionality of different ‘naturalist figurines’ (3<sup>rd</sup> millennium BC) from the southern Iberian Peninsula, after Valera & Evangelista, 2014.

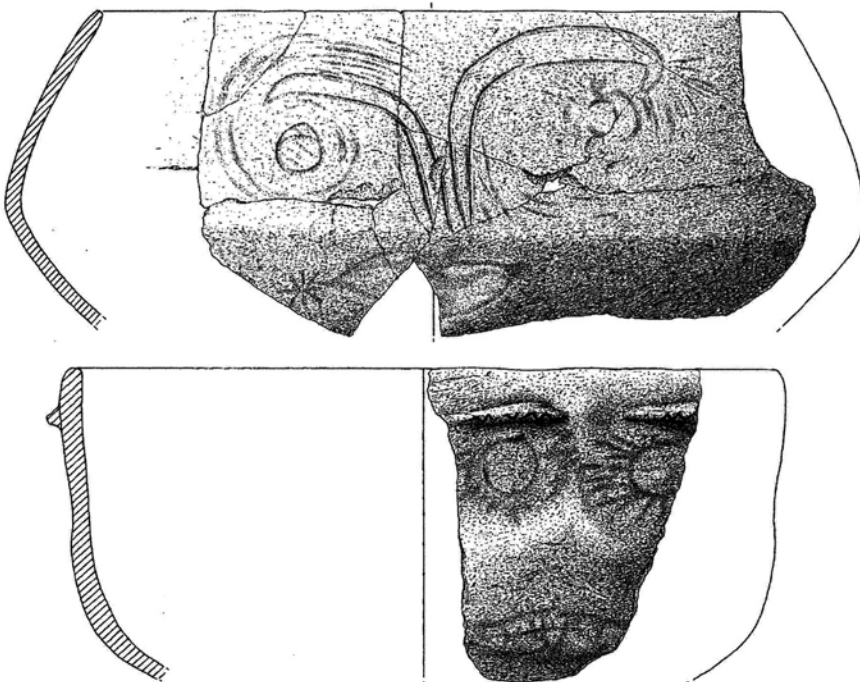


Figura 6 – Fragmentos de cerâmica decorada de Los Cercados (Valladolid), segundo García Barríos, 2005.

Figure 6 – Fragments of pottery decorations from Los Cercados (Valladolid), after García Barríos, 2005.

## Representação

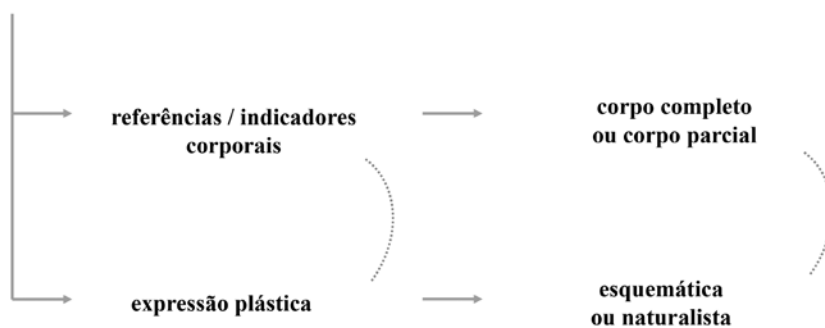


Figura 7 – Relações e interdependências dos grupos de análise das representações.

Figure 7 – Relationships and interdependencies between the representations' analytical groups.

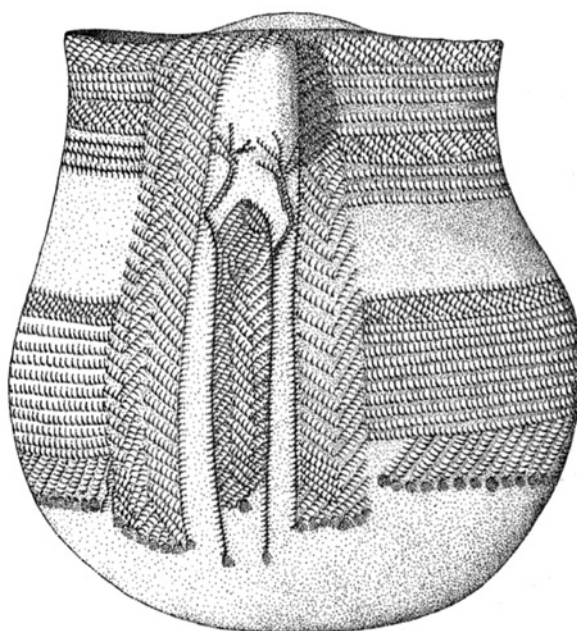


Figura 8 – Recipiente de cerâmica cardial de Cova de l'Or (Alicante), com antropomorfo na asa. Desenho: Martí & Hernández, 1988.

Figure 8 – Cardial ceramic vessel from Cova de l'Or (Alicante), bearing an anthropomorph on the handle. Drawing: Martí & Hernández, 1988.

Figura 9 – Propriedades dos materiais usados nas figurinhas e o respetivo efeito na forma e design, nível de habilidade necessário e contextos de achado. Tabela inspirada pela fig. 10.5 em Rebay-Salisbury (2014).  
 Figure 9 – Properties of the materials used in the figurines and their effects on shape and design, the required skill level and the recovery contexts. Table inspired by fig. 10.5 in Rebay-Salisbury (2014).

<b>Matéria</b>	<b>Propriedades</b>	<b>Efeito no design</b>	<b>Nível de habilidade</b>	<b>Período (em análise)</b>	<b>Contexto</b>
<b>Argila</b>	+ abundante + maleável até certo ponto + possível adicionar mais partes mais tarde + facilmente impresso ou inciso para adicionar detalhes + material duradouro + material plástico – propício a fraturas (durante na secagem, na cozedura ou em qualquer outro momento)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Morfologia irregular troncocónica (V-III milénios a.C.)</li> <li>• Afunilamento da parte central – morfologia de ampulheta (III milénio a.C.)</li> <li>• Possível articulação de membros (III milénio)</li> <li>• Coroplastia – associação a recipientes (I milénio a.C.)</li> <li>• Gestos tridimensionais (III e I milénio a.C.)</li> </ul>	Baixo a Médio	Neolítico (Antigo/Inicial) – Idade do Ferro	Habitat; Funerário; Contextos complexos (rituais?); Descontextualizado.
<b>Pedra</b>	+ abundante (com exceções consoante o tipo de pedra*) + material duradouro – trabalho difícil – difícil de emendar erros de fabrico	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Morfologia esquemática / irregular (IV-III milénios);</li> <li>• Morfologia cilíndrica</li> <li>• Naturalismo e proporcionalidade (“figurinhas naturalistas”)</li> <li>• Gestos tridimensionais (“figurinhas naturalistas”)</li> </ul>	Médio a Elevado	Neolítico (Médio) ao Calcolítico	Funerário; Habitat; Descontextualizado

Figura 9 – Continuação.

Figure 9 – Continuation.

<b>Osso</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ aproveitamento de material (após consumo e/ou utilização dos animais)</li> <li>+ aproveitamento da forma do osso no fabrico de figurinhas</li> <li>- estrutura fibrosa</li> <li>- tamanho e formas da matéria-prima fixas</li> <li>- material perecível</li> <li>- difícil de emendar erros de fabrico</li> <li>- trabalho difícil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Afeiçãoamento / afunilamento (“íolos-falange”);</li> <li>• Placas cruciformes / morfologia de ampulheta (“íolos almerienses”)</li> <li>• Naturalismo e proporcionalidade (“figurinhas naturalistas”)</li> <li>• Gestos tridimensionais (“figurinhas naturalistas”)</li> </ul>	Médio a elevado	Calcolítico	Funerário; Habitat; Descontextualizado
<b>Marfim</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- estrutura fibrosa</li> <li>- tamanho e formas da matéria-prima fixas</li> <li>- matéria-prima importada</li> <li>- trabalho difícil</li> <li>- difícil de emendar erros de fabrico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Naturalismo e proporcionalidade (“Figurinhas naturalistas”)</li> <li>• Gestos tridimensionais</li> </ul>	Elevado	Calcolítico	Funerário; Habitat; Descontextualizado
<b>Bronze (cera perdida)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>+ a cera é muito maleável</li> <li>+ a figurinha em cera pode ser estabilizada em barro</li> <li>+ os detalhes podem ser adicionados depois da fundição</li> <li>- fabrico de menor qualidade pode resultar na desproporção das partes</li> <li>- valor elevado do bronze</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tronco fino</li> <li>• Braços e pernas compridos</li> <li>• Cabeças grandes</li> <li>• Gestos tridimensionais</li> </ul>	Médio a Elevado	Idade do Ferro (II.ª)	Em locais de culto; Descontextualizado

\*As figurinhas naturalistas de calcário aparecem por vezes longe de pedreiras dessa matéria-prima, como no caso de La Pijotilla.



Figura 10 – Representação antropomórfica no fecho do colar em ouro do tesouro da Herdade do Álamo (Moura). Foto: Museu Nacional de Arqueologia.

Figure 10 – Anthropomorphic representation on the clasp lock of the gold necklace from Herdade do Álamo (Moura) trove. Photo: Museu Nacional de Arqueologia.



# IN SEARCH OF ‘BODY WORLDS’: THE REPRESENTATION (AND EVOCATION) OF THE HUMAN BODY IN PRE- AND PROTOHISTORIC OBJECTS FROM THE IBERIAN PENINSULA

---

Ana Amor Santos

Arqueóloga e Investigadora / CEAACP, Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património; Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra / anaamorsantos@gmail.com

## **Abstract**

This monograph summarises the homonymous Master’s dissertation aiming to understand the representation of the body on pre and protohistoric objects from the Iberian Peninsula, using an innovative approach that could contribute to a valorisation of the significant contribution of representations to studies on the Archaeology of the Body. A new study of these representations was achieved, not only by analysing materials from different chronologies – never before approached together – but also by focusing on the represented bodies instead of their possible meaning. For this purpose, a theoretical framework was established, inspired by John Robb and Oliver Harris’ (2013) *body worlds* model, according to which there are multiple different bodies, both socially and biologically differentiated, and that all elements of corporeal life are (un)consciously mirrored in representations and in the treatment of death.

This was achieved by addressing a broad study area, the Iberian Peninsula, along with a multiple chronological scale and a long diachrony (covering around five millennia): smaller in terms of the study of materials but broader in their discussion. Thus, representations of the body from the Neolithic to the Iron Age were discussed, based on portable objects bearing direct anthropomorphic references (e.g. ceramic decorations, metal objects and figurines), and indirect or evoked ones (such as twin forms and ‘feeding-bottles’). We tried to avoid the dangers of generalisation by focusing on materials with long operating diachronies, some hitherto overlooked, along with a variety of materials and different territorial areas.

With this approach it was possible to verify that the pre- and protohistoric moments of transition are mirrored in the representations of the body. The possibility of some representations having corresponded to identity and territorial markers was also explored, questioning the relationship between portable objects and the territory. Moreover, the need to question and review some of the interpretive axioms of archaeological tradition was pointed out, particularly with regard to its relationship with the feminine and the sacred. Finally, an initial proposal for the pre- and protohistoric ‘body worlds’ of the Iberian Peninsula has been put forward.

**Keywords:** Body; Objects; Pre- and Protohistory; Iberian Peninsula; Body worlds.

## PRELIMINARY NOTE

The overview presented herein accompanies the full publication in digital format of the Master's thesis entitled *Em busca de 'body worlds': representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*. This publication is sponsored by the Association of Portuguese Archaeologists (AAP) as a result of the Eduardo da Cunha Serrão Award, in the Master degree category, granted in 2022, its 7<sup>th</sup> edition. I would therefore like to thank AAP once again, not only for the honour and recognition given to the work I have completed, but also for the privilege of having it published by this important Portuguese archaeological institution. The opportunity to once again celebrate the academic milestone that was the completion of this thesis, following the restrictive pandemic climate experienced at the time of its defence, also prompted my deepest gratitude.

Submitted to the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra in 2020 as part of the Master degree in Archaeology and Territory, this dissertation was supervised by Professor Raquel Vilaça, to whom I would like to dedicate a very special thank you for all her support, care, patience and trust during its elaboration, and also subsequently – including with the encouragement to apply to this Award. I was also encouraged to apply by Doctor Ana Margarida Vale, a member of my thesis jury chaired by Professor Helena Catarino, to whom I am very grateful. For his support and help with some graphic elements on this text, I thank André Lopes Pereira.

In this preliminary note, I would also like to emphasise that this text is not meant to review the topics addressed in the thesis in the light of new publications (re)addressing some of the objects we studied, published between the submission of the thesis and the present day, namely concerning the representation of the body in Late Prehistory with the publications resulting from the peninsular exhibition *Idols, Millennial Gazes* (Bueno Ramírez & Soler Díaz, 2021a, 2021b), as well as other new approaches and theoretical developments.

Thus, the attached thesis is presented in its entirety as it was submitted in its final version, without any changes to the text, images or annexes. It is structured in three main parts: the first (Chapter 2) introduces the concepts of *body world*, representation and anthropomorphism, and points out the issues inherent to the proposed methodology. The second part, central to the whole research, is dedicated to the relationship between body and matter (Chapter 3), in which the former can be represented directly or indirectly. The exposition followed a chronological structure, from the oldest to the most recent. Direct representation, easier to identify but challenging nonetheless, is also analysed in three parts: on ceramic decorations (Chapter 3.1.), metals (Chapter 3.2.), figurines and statuettes (Chapter 3.3.). Indirect representation, corresponding to

the evocation of the body (Chapter 3.4.), has its own particularities and has therefore been addressed with the help of two more specific case studies: the possible ‘feeding bottles’ and the twin forms. The data is addressed as a whole in the discussion (Chapter 4), but based on three fundamental questions: which bodies are represented (Chapter 4.1.) through a synthesis of the main aspects of anthropomorphism; which are their possible symbologies and meanings (Chapter 4.2.), detailing some of the obstacles to that research; and the relationship objects and representations could have with the territory (Chapter 4.3.). In the final section (Chapter 4.4.), we have tried to establish what the research revealed from the *body worlds* of the Neolithic to the Iron Age of the Iberian Peninsula.

## 1. INTRODUCTION

When asked about the body and its meaning, we may immediately think that ours is the only viable answer, that it is true, real and universal. We can even assume that it is a simple answer: people can understand it in different ways, but the body itself, the physical part, is understood and experienced in a similar way by all human beings. In other words, we experience the physical body as real. But this premise, which opposes a ‘natural’ part to a ‘cultural’ one, is itself a product of the naturalist tradition that has influenced the worldview of Western countries since the 17<sup>th</sup> century. An opposing view has been followed by much of the theoretical literature on the body: that it is primarily a social construction (along the lines of Bourdieu (2002) and others), *i.e.*, the body varies according to time and space – in such a way that biological or physical connections are devalued. Even this perspective, in which historical and social factors become more relevant, still perpetuates the nature/culture dichotomy.

Resulting from the development of different philosophical, theoretical and scientific frameworks in recent decades, other authors, such as Professors John Robb and Oliver Harris (2013), argue that the body is produced within social relations, so no part of it is merely ‘natural’ or ‘biological’. The immediate consequence of this framework is the inexistence, historically, of a single body differently understood at distinct moments in time and space, but rather that there are many different bodies inextricably social and biological diverse at distinct moments in time and space (*ibid.*:16).

It is in this sense that these authors developed the practical ontology of the *body worlds*, in which the research presented here is based upon. We have adapted this model, based on the representation of the body, and applied it for the first time to the Pre- and Protohistory of the Iberian Peninsula, demonstrating its usefulness for studies on the body in the long diachrony. This was the central approach of the Master’s thesis that shares the title with this text (Santos, 2020), which we here aim to summarise.

Firstly, this study enabled filling a gap in the archaeological research by jointly analysing different types of representations (including the controversial evocations) of the body on a wide-ranging territorial and chronological scale in a continuous time frame from the Neolithic to the Iron Age of the Iberian Peninsula (**Figure 1, p. 44**).

The selected sample included five large artefactual groups: anthropomorphic representations on ceramic and metal objects, figurines or statuettes, twin forms and possible 'feeding vessels'. The first three groups correspond to more or less clear representations of the human body – albeit with varying degrees of realism and schematism – while the latter two concern the interesting (yet problematic) issue of the evocation of the body that far surpasses these objects.

A topic like this necessarily requires a holistic approach, relating different issues of human representation and the Archaeology of the Body itself – here inevitably addressed – such as materiality, identity, sex, gender, individuality, fertility, power, sensory perception, agency and performance, among many others. It is impossible, however, to mention all the controversies and debates that define each disciplinary scenario, although some of these issues are touched upon when considered relevant to the discussion on the anthropomorphic representations analysed.

On the other hand, objects and topics which have already been extensively dealt with by other authors were deliberately omitted from our research, for example slate plaques (e.g. Almagro, 1973; Gonçalves, 1993, 2004, 2005, 2021; Bueno Ramirez, 2009, 2021), stelae and menhir statues (e.g. Vilaça, 2011), rock art (e.g. Martí & Hernández, 1988; Pérez, 2001; Sanches *et al.*, 2016), or the immense Iron Age assemblages of exogenous influence (e.g. Maestro, 1989; Pachon *et al.*, 1989-90; Ramos, 1992-94; Belén *et al.*, 2004), among many other extensively debated subjects. By focusing on representation, we also chose to exclude the treatment of the 'real' body in its funerary contexts. What we wanted to know was the representation of the body on objects previously less discussed but by no means less relevant: the (other) portable materials. It is, therefore, clear that the analysed objects do not portray all the possible representations of the body in the periods concerned.

Thus, within each artefactual group we comment on the widest possible variety of objects, focusing in some cases on the most important examples and sometimes on those that have been less discussed, yet never intending to make an exhaustive analysis or (re)creating inventories of all the finds in the Iberian Peninsula. For this very reason, this is by no means an exhaustive study of all body representations on portable objects from these chronologies but rather an approach to a different methodology by drawing from some examples.

Our research also involved, on the one hand, acknowledging the symbolologies and interpretations that have been ascribed to the representations and, through an analy-

sis centred on the treatment of the body, sought to contribute to the corroboration or dismissal of these interpretive hypotheses. On the other hand, there was an effort to address the existence, or lack thereof, of relationships between the representations and the territory – a necessarily brief approach, not only because of all the constraints of the selected sample (the portable nature of the objects, sparse contexts and stratigraphic information, etc.), but also because the analysis favoured other aspects.

This text consists, thus, of a brief presentation of the homonymous Master thesis, with a stronger focus on its methodology and theoretical aspects, along with a brief exposition of what we infer to be the pre- and protohistoric ‘body worlds’ of the Iberian Peninsula, hopefully encouraging the reader to consult the annexed original manuscript.

## **2. THEORETICAL FRAMEWORK AND METHODOLOGY**

The main purpose of this research is understanding the different ways in which the body is represented on pre- and protohistoric objects from the Iberian Peninsula. It is the reason for the overall, long-diachronic analysis relating distinct points of the Iberian Peninsula, made possible by examining different artefactual groups and a theoretical-methodological framework based on the ‘*body world*’ practical ontology proposed by John Robb and Oliver Harris (2013).

The studied objects capacity for mobility, inferred from their size and technical-material characteristics, is extremely significant as it allowed the represented (or evoked) body to be (or possibly could have been) in permanent contact with, and circulating between, real bodies. This attribute also means that objects may accompany individuals – and, on a larger scale, the communities they integrated – as they grow over time and space. This capacity for mobility and transport, hence, transform these objects in a unique assemblage of material culture for any approach to the past. Nevertheless, having these properties does not mean all objects under study circulated throughout their ‘biographies’. They could have always been used by the same people, in the same spaces, or could have been created with a single purpose and for a single use. In short, different materialities and chronologies raise different possibilities.

In choosing the objects addressed herein, the accessibility of information was taken into account, as well as their relevance and their relation to the scope of the research, while providing territorial and chronological diversity. The selection of different categories of archaeological materials was based on several factors, such as the continuity in which the body was represented on some (e.g. ceramic decorations and figurines or statuettes), how scarcely it occurs on raw materials that characterise certain periods (e.g. metals), and also the neglect given to particular objects (e.g. ‘feeding bottles’). We also selected material types of long-diachronies in the archaeological record. Howev-

er, we shall not engage in the discussion of other contemporaneous subjects – about which much has already been said – such as the issue of slate plaques or Iron Age exogenous materials, particularly the incredible repertoire of body treatments in the ‘Iberian World’, as previously emphasised.

It is also worth mentioning that the research summarised herein is the result of several years of work, at a time when the lack of national and peninsular inventories for many of the materials, and/or the outdatedness of the existing few, led us to extensive bibliographic research that only intersected in a rare cases. Nevertheless, unknowingly, this work was developed at the same time other researchers were preparing the first *Idols, Millennial Gazes* exhibition, commissioned by Primitiva Bueno Ramírez and Jorge A. Soler Díaz and following the museum project of Angel Rocamora. Over the last three years, this exhibition was held at several museums in the Iberian Peninsula (featuring objects from 11 Portuguese institutions, 16 Spanish museums and a private collector), resulting in several comprehensive publications (e.g. Bueno Ramírez & Soler Díaz, 2021a, 2021b), which also address late prehistoric materials displaying representations of the body. Consequently, these publications are not referred to in the thesis, which is also why they will not be addressed here, since this text does not intend to revise its research, but rather present an overview of it.

## **2.1. Reflecting on the body and representation in Archaeology**

Archaeology brings a unique perspective to body studies, anchored in the physicality of the body and the materialities of human experience. Archaeological discussions explicitly focusing on the body have occurred more intensively over the last few decades, despite the fact that the various interpretations of the materials entailed, from the outset, practices, ideals and experiences of (and about) the body (Joyce, 2005: 140).

Traditionally, Archaeology made a distinction between two main ‘frameworks’ for the study of the body: on the one hand, associated with Biological Anthropology and derivative sciences, through the analysis of the physical components that define the human species and which provide a record of diet, health, life expectancy and physical activities; and, on the other hand, the study of representations that mirror cultural ideas (Rautman & Talalay, 2000). In this setting, anchored on a semiotic view of the body and influenced by phenomenological theories, the Archaeology of the Body (Joyce, 2005) develops from the 1990s onwards, becoming more widespread during the first decade of the current millennium.

In this theoretical branch, the body is understood as a space of lived experiences, a social space and a space of embodied agency. The body is analysed through the juxtaposition of traces of bodily practices, representations of the body and evidence of the effects of gestures, postures and usual consumption practices on the body (*idem*). It is,

therefore, clear this perspective is inspired by sociological and anthropological theories (particularly by research on the body over the last decades of the 20<sup>th</sup> century) and that it owed a great deal to the developments of feminist movements within (and outside) archaeological research (Joyce, 2005: 140-141).

However, despite its decades-long presence in theoretical archaeology, it is worth highlighting the apparent lack of a more or less rigorous theorisation of the Archaeology of the Body, which is indeed evident in its countless known variants. Perhaps this is also why there are few references to this branch of research in the Iberian Peninsula and particularly in Portugal, despite some studies inspired by approaches to the body that are mainly related to Feminist and Gender Archaeology (from which we could name, among others: Escoriza-Mateu & Castro-Martínez, 2011; Gomes, 2011; Vale, 2015). However, studies that effectively identify and discuss this archaeological theory are scarce, making the efforts of authors such as L. Moragón Martínez (2008, 2013) all the more noteworthy.

As far as representations are concerned, the approaches to the Archaeology of the Body go beyond the dominant paradigm that objectifies the body and treats it as discursive, textual, iconographic and/or a metaphorical reality, assuming that past societies would see the human body as a symbol of the individual *self* and a discursive object, as is commonly the case in many Western philosophies today (Hamilakis, 2002a: 99). Just like Hamilakis (2002a: 100), we would like to point out two fallacies in this perspective, since, on the one hand, it imposes an ethnocentric and Western logic on the other (which, in this case, is the past and its social actors); and, on the other hand, it assumes that iconography and other visual representations are an objective record that represents experiences and practices as if people in the past were deliberately leaving a record of their actions and experiences for future generations.

The Archaeology of the Body tries to break this paradigm, for example, in books such as *Thinking Through the Body: Archaeologies of Corporeality*, in which a number of authors try to situate the body in the sphere of experience and corporeality, reinstating the bodily materiality and sensory corporeality that they consider to be missing, thus adopting a phenomenological approach to the analysis of bodily perception and action (Hamilakis *et al.*, 2002: 100). And some go even further, like Bruno Latour (1996), who equates subjects and 'things' that, because they are in permanent dialogue, extend agency to the material world; human beings act upon objects, but objects can 'reciprocate' by composing the identity of those who produced them.

The concept of *embodiment* is central to the Archaeologies of the Body and obviously depends on phenomenological approaches (Merleau-Ponty, 2012, in relation to Bourdieu, 2002). This concept aims to overcome the hierarchical relationship implicit in the old Cartesian dualism that separates the mind (seen as superior and rational) from the body (seen as inferior, sensory, subjective and therefore highly fallible) and advocates an

equal relationship between both as human instruments for perceiving the world (Csordas, 1997; Moragón, 2008). As is often the case in the development of new theoretical approaches, this concept was highly debated. For the Archaeology of the Body, an *embodiment* is, above all, a methodological element that allows for some variability and is used in an attempt to understand the experiences lived in the body by studying the remnants of material culture and osteological remains (Sánchez & Alarcón, 2012: 63).

Consequently, by simultaneously addressing both perception and experience through material remains, Archaeology uniquely contributes to the debate on *embodiment* but it is essential that the archaeological research includes the sensory experience in order to avoid overlooking fundamental aspects of the past human experience (Joyce, 2005: 141). And of all the sensory experiences, sight has been the most favoured in the attempts to learn about the experiences of past individuals. In a work centred on Western European Protohistory, Peter S. Wells (2012) emphasises the weight of the visual experience of different societies, arguing that it is possible to learn how ancient societies understood their worlds by systematically studying how objects were standardised and displayed (*ibid.*: 11). Accordingly, the author draws on studies in neuroscience, cognitive psychology and ethnographic anthropology, which demonstrate that what we see depends on what we have seen before, i.e. on our historically and culturally conditioned visual experience (*ibid.*: 13).

In contrast, the preponderance of vision in archaeological studies has led some authors to propose a phenomenological approach that goes beyond this sensory interaction, no longer overlooking all the other senses: coined by Hamilakis (2002b), the 'Archaeology of the Senses' emphasises, among other aspects, the tactile qualities of objects. In the same line, Doug Bailey (2014) has focused on the importance of manipulation and the tactile perspective in object analysis, particularly regarding prehistoric figurines – as applied by Mariana Diniz (2008) in her study of the Valada do Mato figurine.

Regarding representational media, be it texts or images, there is a whole panoply of additional challenges and, according to Joyce (2005), they should not only be seen as reflections of existing concepts of *embodiment*, but as well as part of a material mechanism through which these concepts were naturalised (*ibid.*: 147). In other words, representations are part of the material culture in which concepts of *embodiment* become natural. And so the analysis of less discursive archaeological materials, even in situations where textual and iconographic sources are abundant and available, provides a valuable solution for moving from established bodily ideals to bodily experiences (which could sometimes be in conflict with the expressed ideals) (*idem*).

Therefore, our research starts from the premise that the representation (and even the evocation) of the body constitutes a unique tool for the study of the body in any period because it works as a technology through which communities mirror some important

cultural features – which does not mean that this is a conscious or intentional process. When representing the body, the most important attributes are emphasised and what is not considered relevant to the craftsman and/or who ‘commissions’ the representation is omitted, in a given moment in time and space. Thus, the representation of the body is understood as the two- or three-dimensional reproduction of the body through the alteration, modelling, inscribing or decoration of different materials. It can be full, when it recreates most of the human body’s features, or partial when it favours certain body parts at the expense of others.

There are, of course, different representational practices relating to the body. One of these is the representation *on the body*, i.e. the physical and social inscribing of the surface of the body (e.g. clothing, ornaments and body modifications such as tattoos) – the body as a record surface (Vilaça, 2009: 492). The other is the representation *of the body*, which according to some authors mirrors the *embodied personhood*, i.e. it can reveal age, class, ethnicity, race, sexuality and social status (Joyce, 2005: 141).

With regard to representational practices *on the body*, it is possible to distinguish, on the one hand, the idea that representational practices resulted in the expansion of the embodied person, incorporating representations, spaces and objects of clothing/ adornment – even if these objects were not in direct contact with the body (*ibid.*: 142). On the other hand, representational practices can be reflexively related to bodily practices, through which images that served either as models of *embodiment* or as commemorations of its selective experiences were produced (*idem*). But other issues arise when considering what is represented *on the body*, such as the very concept of a ‘surface’ of the body, easily defined as the border between an internalised person and an externalised society. And so, invoking archaeology of the body’s surface (for example, questioning tattoos, ornaments, etc.) is implicitly questioning the body, the person and the relationships between people in society (*idem*).

It should be noted that efforts to link material culture (which includes representation) to embodied experience began in the 1990s, with Butler’s (1993) gender studies analysing the ways in which social meanings were assigned to the physical characteristics of the body through repetitive performance. These studies are based on the assumption that there is no timeless and fixed ‘core’ to a person’s identity beyond the actions and gestures that shape it. Hence, representations of the body can be seen as records of *embodied performances* that serve as models for the embodied gestures of living individuals (Butler, 1993; Joyce, 2005: 145).

The term ‘performance’, also widely debated, can be understood as a reference to the actions people perform in social contexts, presupposing an audience and a material culture; a performance is an action that communicates with other individuals and includes movement (Wells, 2012: 155-156). Therefore, when relating bodily perfor-

mances to representation, archaeological studies take the latter as disciplinary and not merely documentary.

Moreover, other approaches are also frequent, like Escoriza-Mateu and Castro-Martínez' (2011), in which figurative representations are interpreted as translations of political and religious characters, whose meaning is rooted in what they represent and in the very object they are part of, i.e., the figurative representation of the body entails a double meaning: that of the object and that of the represented 'symbol' (*ibid.*: 102). In this line of thought, figurative representations depicted on archaeological materials can be interpreted as instruments for socialising political and ideological aspects of dominant groups (*idem*). In this line of thought, figurative representations depicted on archaeological materials can be interpreted as instruments for socialising political and ideological aspects of dominant groups (*idem*). We consider this perspective as valid, but not when applied generically to Prehistory as a whole, as these authors seem to do, primarily because it disseminates concepts (such as 'hierarchies') that can prove to be fallacious in some moments.

Nonetheless, we agree with the authors when they state that, for too long, the study of figurative representations has arbitrarily assumed that they are a direct way of finding out what past people thought, presuming to recognise the meanings of the signs materialised on the different media (*ibid.*: 101-102). This issue is particularly evident when it comes to identifying – or, more often, assigning – gender to the represented bodies, one of the issues that underlies our research and which we have analysed in depth (Santos, 2020: 166-170).

Thus, there are many interpretative proposals for body representations and, as far as we are concerned, not a single justification seems to be correctly attributed to the countless realities we have considered over such a vast amount of time and space. Regardless of their meanings, analysing representations allows archaeologists to learn a little more about the *body worlds* from which the former originate, which is why they cannot be dissociated from the political, economic and socio-cultural contexts of the individuals who produced, manipulated and discarded the analysed objects.

## **2.2. In search of *body worlds***

Our research is based on the practical ontology of the *body worlds*, as defined by Harris and Robb (2013a), a concept that encompasses the totality of bodily experiences, practices and representations in a specific place and time, central to the way the world is understood. For all human beings, *body worlds* are the diverse and culturally specific worlds we all inhabit simultaneously (*ibid.*: 4).

The notion behind this concept is that in order to understand the body it is essential to know its cultural, social, political and material frame of reference. This, in turn, has to

be understood as a historical process: *body worlds* and bodies themselves are historical actors, because they incorporate and produce worldviews, even if this happens innately and often goes unnoticed (Harris & Robb, 2013b).

Hence, this ontology encloses the notion that people think abstractly (or unconsciously) as they do things in historically concrete ways (Harris & Robb, 2013b: 17), i.e., the simplest actions of everyday life shape the dramas that construct these unique '*body worlds*'. This concept suggests logical internal connections, without rigid systematisations, and indicates that the way people and their bodies relate to the world is not a question of different ways of perceiving the same thing, but rather the ways in which different bodies and different worlds emerge through practices that have a genuine ontological impact (*idem*).

Therefore, if the concept of *embodiment* describes the way in which people experience the 'world' (which they construct, they create, they *are*) through their bodies and relates to the sensory qualities of places and things, it also emphasises how people create their bodies by creating this 'world'. Because it is through learning to walk, talk and act in specific ways that these are themselves sustained and taught or passed on to others (*idem*). The concept of *body world*, therefore, encompasses the way in which the body and the 'world' (the reality that surrounds us, which is constructed by us and which we integrate) emerge through each other, ontologically, through practice.

In *The Body in History: Europe from the Palaeolithic to the Future* (2013), several authors have analysed how these body ontologies have changed and developed over time, particularly in moments of transition or crisis, in the European continent. In this book, the concept of 'multimodality' stands out, directly linked to the concept of *body world*: all societies seem to have had several contradictory and simultaneous ways of seeing the body and individuals switched between them depending on the context (Harris & Robb, 2013b: 21). In this sense, not only is there no single way of seeing the body at any point in time, but this multimodality is also easier to identify in authoritarian societies, where attempts are made to impose a single metatheory concerning the body (Harris & Robb, 2012, 2013b).

Now, these 'practical bodily ontologies' involve notions of what a person *is* and *what it is to be* one. Harris and Robb's (2013b), on which we based ourselves, derives from the combination of the terms and theories identified above – *embodiment* in particular – and concepts such as Bourdieu's *habitus* (2002), Ingold's *taskspace* (2000) and Foucault's power (1977), among others. Most of these concepts are more easily understood instinctively than discursively: for example, Bourdieu's (2002) concept of *habitus* associated with *body worlds* concerns the way in which different social orders produce and are produced by different types of bodily practices. These practices are often performed unknowingly, but (for this very reason) reveal a great deal about the way bodies are perceived and relate to each other in a given society (Harris & Robb, 2013b: 9).

Thus, our research derives from the curiosity for the way in which specific portable objects (with human body representations) help to define a *habitus* that favours certain ways of *embodied experience*, skill and movement, at the expense of others. The aim was to contribute to the knowledge of pre- and protohistoric *body worlds* of the Iberian Peninsula, based on objects with links, either explicit or not, to the human body and which can be portable.

The methodology proposed in the *body worlds* framework turns them into an analytically hypothetical process, making it possible to relate different practices or apparently disparate events, lending them a sense of coherence based on reflections or insights of the body (Harris & Robb, 2013b: 11).

Using such a broad term that allows for contradictions as a basis requires the use of an internal structure at different scales so that certain perspectives can be built upon others – because the ‘*body worlds*’ are not limited to the bodies themselves but are present in architecture, material culture, art, death, in short, in everything that is made and experienced by the body. The material worlds that surround individuals are themselves produced with the needs and demands of the body in mind (*ibid.*: 20). All of this means that the *body worlds* are often resistant to sudden changes or upheavals due to this sedimentary and unnoticed characteristic (*idem*).

To sum up, the ontology of the ‘*body worlds*’ depends on *habitus*, the individual, *embodiment*, power and gender constructions. These are aspects that intertwine, blend and become dependent on each other because a ‘*body world*’ is experienced through the confusing nature of living in the world (Harris & Robb, 2013b:19).

### **2.3. Scales and limitations**

The choice of an extended chronological scale of about five millennia, from the 6<sup>th</sup>-5<sup>th</sup> millennium BC transition to the 1<sup>st</sup> millennium BC, i.e., from the Neolithic to the Iron Age, was firstly due to the wide debate on older portable materials (such as the Palaeolithic ‘Venus’ figurines). Secondly, during the Neolithic, there was a major change in the perception of the body, a product of the process of sedentarisation and domestication of animal and plant species, and the consequent change in diet which, along with the invention of pottery, intensified relations between raw materials and fire (as well as with people and their bodies). Thirdly, due to the frequent omission of the permanence in time and space of some representational phenomena, whose resilience we have explored. The significance of our contribution also lies in the fact that we deal with aspects of pre- and protohistoric material culture that, as far as we could tell, had never been approached as a whole before towards an Archaeology of the Body.

Any analytical scale has limitations and advantages, and this long-diachronic approach is no exception. On the one hand, archaeological studies on such large scales

are not very common, even if they are a unique analytical tool for observing processes and patterns that are often ignored when the focus is narrower. On the other hand, talking about the Iberian Peninsula's Pre- and Protohistory on such a vast scale has the main limitation of accidentally reducing complex moments to simple abstract systems.

In order to try and overcome any shortcomings, and within the *body worlds* framework, we worked on multiple scales, depending on the nature of the questions we were trying to answer. We used a smaller scale when analysing the case studies but we used a large scale when discussing the data. These are two analytical scales that are seldom used simultaneously but which were required by this research. They should not be interpreted as conveying absolute views, but rather as relevant concepts for answering particular questions (Harris & Robb, 2013b: 26).

Regarding the territorial scale, we used a broad view of the Iberian Peninsula, particularising the current Portuguese territory whenever possible (**Figure 1, p. 44**). Depending on the periods and the assemblages, we have sometimes chosen to disregard some very specific and widely discussed peninsular realities, as previously emphasised. This is, of course, one of the limitations of the multiple scales we work with, but it is also fundamental, given the multiplicity of questions that each context, period, space and object raises. The absence of data may occur at any scale of analysis, but that doesn't make it any less credible or relevant.

The study of the materials themselves has other practical limitations, starting with the contexts of the studied cases, which often correspond to random finds, surface recoveries or decontextualised objects in museums and private collections. These issues even affect the precise dating of the pieces, which, with rare exceptions, are not absolute. For this reason, some authors have already suggested an analysis of the objects involving a reading related to the representations, the residential places and the funerary spaces linked to the society to which the objects belong (Escoriza-Mateu & Castro-Martínez, 2011: 103) – and this is possible within the *body worlds* framework. On the other hand, the use of bibliographical analyses, photographs and archaeological drawings, rather than in-person analyses of the objects, is necessary for what we see as an initial phase of research on this subject, even though it doesn't contribute to new physical studies of the materials.

A broad chronological and territorial approach was deemed necessary because it is a distinct and innovative focus for analysing the representation of the body on objects from the Pre- and Protohistory of the Iberian Peninsula, thus supporting new readings. But the reader should not expect to find in these pages (or in the thesis) a solution to the subject: more questions are raised than answered. What the reader will find is an initial contribution to the study of representations of the body and the narratives they may once have been a part of – nonetheless influenced by our own 21<sup>st</sup>-century personal vision and values.

### 3. BODY AND MATTER

Humans often try to anthropomorphise materiality (including animals and other natural elements). They shape it or represent it in or with the human form, partly because this is one of the shapes they know best: anthropomorphising seems to be an act that facilitates the interpretation of the world because ‘the most valuable interpretations are usually those that reveal the presence of everything that is important to us, which are usually other human beings’ (Amaro, 2013: 25).

What we consider to be an archaeological material today may have had at least two instances of anthropomorphisation: one, purely speculative but nevertheless plausible, corresponding to the date of its creation, use, manipulation, and disposal or deposition; and the other, undisputable, corresponding to its analysis by the archaeologist. This is due to the fact that, regardless of whether the morphologies of the objects directly resemble the human form, archaeological analyses use terms that are unequivocally linked to the body (such as lip, mouth, neck, shoulder, belly, feet, etc.). This situation, which derives from their common designations, is most evident in studies of ceramic vessels, but it also concerns objects made of other materials and suggests that these have been, more or less consciously, conceptualised as human bodies (Naumov, 2008). The relationship between body and matter is thus extended because there is a tendency to regard many of the objects created by human beings as their counterparts (Evers *et al.*, 1988: 741).

New technologies and ways of manipulating raw materials lead to new understandings of the human body (Robb & Harris, 2013). This seems to be exemplified by clay which, interestingly enough, was first used to make figurines (three-dimensional anthropomorphic objects) during the Palaeolithic period, both in the European continent and in the Near East, and only later for the production of ceramics (Boric *et al.*, 2013: 50), being subsequently (in the Neolithic period) used for both. This example also shows that clay technology introduced one (or more) new metaphor(s) for understanding the body, emphasising its substance, its plasticity, its ability to be shaped in different ways and its connections to different structures and spaces (*idem*). The new ways of manipulating clay during the Neolithic, particularly its transformation into pottery, gradually but rapidly became one of the main components of the Iberian Peninsula’s visual world. This was linked to raw material availability but also to its usefulness: matter became a ‘thing’ (material), and that ‘thing’ (material) became something with function – something to store, prepare and serve food and other ‘things’ (other ceramics, metals, bones, etc.), something to include in funerary or votive deposits, among other things. Clay (the matter) is linked to nutrition, social relations and ritual interactions, through the objects it is used on.

These important relationships also reflect the ubiquity of the raw material (Wells, 2012: 77), i.e., its durability and longevity as a constant element in people’s lives, ac-

companying them from birth to death (and even beyond). Given these characteristics and their abundance in European Bronze and Iron Age contexts, Wells (2012) argues that during these periods ceramics played an important role in sight teaching, given that in the first months of life, children saw and touched ceramics as they familiarised themselves with the world around them (*ibid.*: 81-82; Santos, 2020: 148-161). The continuous presence and use of ceramics would thus entail its continued importance in people's lives, mirroring the role of these portable objects in the development, practice and improvement of one's vision (Wells, 2012: 81-82).

In Archaeology, the informative potential of ceramics is one of the reasons for the "possibly excessive importance given to the shape and/or decorative techniques/motifs of some vessels, often at the expense of other components of material culture and other traces left by a human group" (Diniz, 2007: 118). Archaeological studies have been overcoming the traditional role of pottery as an index fossil, as indicated by form tables, reconstructions of volumes and modes of use, quantitative analyses of decorative techniques and motifs (in order to identify trends, predominant patterns and specific cultural traits) (*idem*). Provenance studies, analyses and experimental archaeology have also contributed to expanding the scale of importance of these portable materials.

But we shouldn't overlook the weight of labour and the operating chain associated with this raw material. Extracting clay required the active labour of human bodies and its preparation and manipulation required direct contact with the craftsman's body. Decorating, manufacturing more or less symmetrical pieces and surface treatment required experience and skill. While up to this point one could equate this craft with any other raw material in terms of its relationship with the human body, clay actually seems to entail a different connection, because it is only when working with clay that the craftsman leaves clearly visible – one might even say tangible – traces of his body (Wells, 2012: 81). The obvious example is pottery decorations made with fingerprints, which even today provides direct contact with the fingers of craftsmen and craftswomen who lived millennia ago.

Broadly speaking, during the Neolithic period the need to represent the human body or parts of it on ceramic vessels was emphasised at varying frequencies depending on the region. The act of abstraction and schematisation required to move from the body as individuals saw and experienced it towards the body represented in two or three dimensions was ruled by local tradition and the requirements of particular contexts. The result is the complete heterogeneity of representations with anthropomorphic features, mirroring the lack of a universal and perennial standard for representing the body.

The same abstraction was required to transform other raw materials into anthropomorphic objects or decorations. Early on, different types of stone were also traced, scratched, drawn, carved and sculpted with the human body (or part of it) in mind. The Prehistory of the Iberian Peninsula is full of examples of stationary or hard-to-move sup-

ports, which have already been profusely discussed by various authors, from rock art and possible evocations of the body in megalithic monuments (sometimes shaped in phallic forms) to more obviously anthropomorphic representations, like menhir statues. However, within the chronologies covered by our research, and with regard to portable objects made from raw materials other than clay, representations of the human body are more scarce: they occur three-dimensionally (in possible figurines or statuettes) in the Neolithic period, to a greater extent during its final stages and throughout the 3<sup>rd</sup> millennium BC. On the other hand, bone and ivory were also used. These materials are difficult to work with, sometimes requiring some degree of specialisation (Hurtado, 2009). It also seems plausible to consider the absences: the representations that may have been made of other perishable materials (namely, but not limited to, wood, as evidenced by a variety of contemporary, ethnographic and even archaeological examples) or materials with a more limited lifespan, such as bone – which nevertheless has multiple examples, as we have already demonstrated.

Metal is a material that has a privileged contact with the human body, given that some of the metal objects studied were primarily used as body ornaments – which doesn't mean that objects with similar functions couldn't be made of other raw materials. It is therefore worth emphasising not only the complexity of metalwork but also the symbolic aspects that have been associated with it, not to mention its plausible high value. This is yet another example of how new methods and materials give rise to new ways of representing the body and, naturally, of seeing and experiencing it.

Different materials and techniques could convey different meanings and consequently different relationships between individuals and objects and, naturally, representations. Nevertheless, sometimes it is possible to see a uniformity in the representation of the body, or parts of it, on different materials. This homogeneity, or the lack of it, is an aspect that must be taken into account when searching for the Pre- and Protohistoric *body worlds* of the Iberian Peninsula.

### **3.1. The body in peninsular pre- and protohistoric objects**

The connecting thread of this research lies in one question, which in fact names many of the sub-chapters of the thesis: what bodies were represented? We have tried to answer this question with regard to each artefactual group, in order to understand how, where and on what materials the body was represented in Iberian Pre- and Protohistory. Always bearing in mind that the representations of the body do not necessarily reflect the biological representations of any particular individual or individuals (Teather, 2007). We shall now attempt to summarise the fundamental aspects of these answers.

Firstly, and in formal terms, we have already stated that anthropomorphic representations can be explored in terms of analytical 'styles', based on body references or in-

dicators, since the body was represented either fully or partially. On the other hand, we can also analyse anthropomorphic representations based on 'plastic expression' factors, since the body was represented in different degrees of schematisation in all the studied periods.

**Full-body** representations – that is, the representation of the human body with basic attributes such as head, torso and limbs – occur in ceramic decorations and metal objects, along with figurines or statuettes (on clay, different types of stone, bone and ivory, but also bronze). Regardless of the degree of schematisation, one common feature of most of the anthropomorphs analysed, from the Neolithic, Bronze Age and Iron Age, is the existence of elements corresponding to the torso and some hint of upper and/or lower limbs, sometimes with a head and, less often, hands, feet and knees (**Figure 2, p. 45**). What is also interesting is what has not been represented in these depictions: features (eyes, nose, mouth, hair, etc.) and other individual characteristics.

Regarding figurines and statuettes, the whole body is treated differently, firstly because the raw materials support three-dimensional representations. The oldest specimens – made of clay and mostly dating from the 4<sup>th</sup> millennium BC (**Figure 3, p. 47**) – display at least eyes and a nose, along with additional elements such as possible clothing and incisions that could suggest other types of body inscriptions, such as 'tattoos'. Conversely, the earliest morphologies seldom feature upper or lower limbs, with the exception of the 'Venus' from Minas de Gavà (Bosch, 2009) and perhaps the figurine from Valada do Mato (**Figure 4, p. 48**). Throughout the 3<sup>rd</sup> millennium BC there was a greater increase in the number of figurines and statuettes, reaching the most realistic representation of the human body in the last phase of the millennium, when the workmanship is extremely skilful, from the proportionality achieved to the chosen materials (such as ivory): the 'naturalist figurines' (**Figure 5, p. 49**) sometimes have sexual indications (male and female), which go beyond the indication of nipples or breasts, already known in earlier figurines. During the Iron Age, some ceramic figurines and metal statuettes seem to follow some of the foreign fashions that the communities of the Iberian Peninsula came into contact with – but in a much less refined style than the 'naturalist figurines'. The latter sometimes featured sexual indicators, elements of clothing and/or weaponry; and clay figurines were sometimes incorporated into the decoration of ceramic vessels as coroplastic elements, as is the case of some examples from the votive deposit of Garvão (Ourique), dated to the 3<sup>rd</sup> century BC (Beirão *et al.* 1985).

The (analytical) 'style' of **partial body** representation includes that of any human anatomical part that is differentiated from the rest of the body (face, eyes, sexual organs, etc.); this differentiation would not always be original, since it could correspond to fragmented specimens, either deliberately or not. Some examples are: ocular motifs, generally corresponding to the representation of two large eyes, found on ceramic ves-

sels and metal plaques from the 3<sup>rd</sup> millennium BC and the Iron Age; possible phallic representations on clay and stone from the 3<sup>rd</sup> millennium BC; and the heads and faces of some elements of Iron Age goldsmithery.

Ocular motifs are one of the most interesting themes explored in our research, as they support different approaches. Widely used in the peninsular Late Prehistory, this scheme consisted of the representation of two large eyes, 'solar' (rayed) or not, which could be accompanied by a nose, eyebrows, a mouth and often incisions (usually regarded as tattoos or facial paintings, but which could also have been scarifications, as well as other possibilities, as we shall see). During this period, this motif spreads beyond portable objects and is even depicted on the upright stones of dolmens and in the rock art of some peninsular shelters (Sanchez et al., 2016, 2021). In portable objects, this motif appears in the decoration of ceramic vessels, on clay figurines and almost all types of the so-called 'idols' (cylindrical, 'horned', phalanx, long bones, slate plaques, among others), but also on the gold plaques from the *tholos* of Montelirio (in the archaeological area of Valencina de la Concepción-Castilleja de Guzmán, Seville; Garcia et al., 2016: 538). This variety in terms of media and materials may explain, at least to some extent, the differences in the representation of the motif. But the variety within each group, which we made a point of highlighting in the case of ceramic decorations (Santos, 2020: 21-56), can also be explained by factors such as chronological and regional variations, or simply due to different authorships, even if differences can also be considered in terms of its meanings.

The recurrence of the ocular motif in large numbers and on a multitude of media, depicted on portable objects at least since the advanced stages of the Neolithic period, as evidenced by the Gavà figurine and by what we have named 'frustoconical figurines' from the 4<sup>th</sup> millennium BC, demonstrates its widespread distribution. Interestingly, it first appears in its three-dimensional form (figurines) and later in pottery decorations, with different types of ocular specimens coexisting chronologically and even spatially (as occurs in some large Chalcolithic settlements). The ocular motif persists in the peninsular archaeological record for at least a millennium. Simple or more complex, schematic or more realistic, it clearly shows a very strong intention. What it was, we do not know. What does seem clear is that the face, and more specifically the eyes and vision, would be of extreme importance.

The imperfection of many of these faces is also striking, for example in the figurines from Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues, 2013), where the motif appears in a very simple form: two large eyes represented by deep fingertip imprints that shape the bridge of the nose between them and under which there are facial incisions. But the imperfection and lack of naturalism of many ocular motifs, also common in pottery decorations, and that are made clear in asymmetrical compositions or those with seemingly careless

design, could be related to three factors: 1) limited expertise on the part of the crafts-person (which would be certainly surprising regarding pottery decorations considering the quality of the ceramic vessels featuring this iconography); 2) because the goal was to represent a deformed reality, or because the reality could already be deformed in the eyes of the person making it (e.g. due to short-sightedness); 3) they could be unfinished representations, as occurs in Los Cercados (García, 2005) (**Figure 6, p. 49**).

The more realistic ocular variation, which occurs on some pottery decorations (e.g. at São Lourenço (Trás-os-Montes) and Los Cercados) and in the naturalist figurines from the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, is the most distant example from hybridism. These are the representations that support and raise the anthropomorphism of this long-lasting motif in the archaeological record, in line with what seems to be evidenced by some of the rock art in which it also occurs. This may also be suggested by the stylistic proximity of facial representations on some stelae and menhir statues from the Iberian Peninsula and other regions (France, Sardinia, Corsica, etc.), these already from the Bronze Age. With clear chronological, territorial and socio-cultural distances, the representation of eyes, isolated or not, occurs throughout the 1<sup>st</sup> millennium BC, and the subject has been approached on the basis of the gold and silver plaques from the Garvão votive deposit, sometimes also interpreted as 'ocular'. In this case, however, the motif is quite different from the one that characterises the peninsular Chalcolithic, appearing isolated, limited only to the eyes, occasionally rayed and sometimes almond-shaped.

With just these few examples and even without going into great detail, it's clear that these two analytical groups ('style' and 'plastic expression') are deeply interconnected because, to a certain extent, they either create each other, depend on one another or bear similarities between them (**Figure 7, p. 50**). Thus, for example, schematic representations and partial body representations are related because they correspond to ambiguous representations, i.e., they leave more room for personal interpretation; while full-body and naturalist representations are more realistic and tend to impose a particular body or expression.

The anthropomorphic **ambiguity** that characterises many of the discussed representations can lead to the debate on issues of hybridism and, even, the human-animal relationship, a challenging subject that we did not have the opportunity to address satisfactorily, but which we have not disregarded, not least because it relates to the history of the body of different populations. Indeed, it is clear that some degree of hybridism is maintained in body representations throughout all the periods covered herein.

Although it is not surprising that with the sedentarisation process, agriculture, domestication and animal husbandry, the meanings attached to non-human species change, this was, in and of itself, a gradual and slow process that did not apply to all animals, nor to all Neolithic groups in the same way and at the same pace. This could perhaps explain

the persistence of animalistic elements or contours that lend a hybrid character to some of the representations. We can find possible examples of hybridism in the anthropomorphs depicted on Neolithic ceramic decorations, which in many cases resemble frogs or toads, as is the case of one of the unavoidable examples of the Cova de l'Or vessel (Martí & Hernández, 1988) (**Figure 8, p. 50**), in which the hands and even the shape of the head are reminiscent of amphibians, or the posture of the bodies in the cross pattern of the ceramic decoration from Cova de la Sarsa (Pérez, 2001) (cf. **Figure 2, p. 45**).

It is once more in the Late Neolithic and Chalcolithic ocular motifs and their sometimes dubious anthropomorphism that the subject of hybridity can sometimes be most suggestive. The large eyes, for example on the frustoconical figurines, but also on some ceramic decorations, recall birds (owls), a subject that other authors have explored concerning slate plaques. But one must consider that the dubious anthropomorphism, peculiarly evident in cases of poorly executed ceramic decorations, may also be related to the deliberate attempt to represent imperfect faces or masks. Escacena Carrasco (2016) points to Phoenician masks as parallels for the incised lines ('facial tattoos') of the ocular motifs and, more recently, rock art studies conducted in the Serra de Passos (Mirandela) raised the possibility that the motifs may correspond to masks used in funerary or religious celebrations (Sanches, *et al.*, 2021). This hypothesis has also been put forward concerning the Iron Age gold plaques from La Martela (Cardoso, 2004: 266-267), and the 'bird-headed horsemen' in protohistoric rock art of the Côa Valley (Luís, 2008: 420), for example.

Other authors have shown that the individualisation of the head in representations may correspond to the 'masking' of bodily activities, i.e., the use of masks as a cultural practice (Danielsson, 2002: 181). This hypothesis does not rule out hybridisms; in fact, it is the inaccurate anthropomorphism that supports it: by displaying animalistic features, they can reflect masks or disguises with such attributes (Bánffy, 2017), for a variety of cultural reasons (for example, to create people or qualities/essences of ideal people and/or to reflect the mythical ontology of the community, Insoll, 2017: 9). The issue of masks is also very interesting if one considers that they are elements of bodily transfiguration, allowing individuals, as physical and social bodies, to adopt another identity (Vilaça, 2009: 495) – be it another person, an animal, a deity, etc. The capacity for transfiguration is a form of differentiation and individuation (inside and outside a community) that is unique to human beings, even if it is sometimes inspired by animals (*idem*). As Raquel Vilaça (2009: 496) wrote, "Only mankind has the ability and need to alter his bodily appearance in order to create a new identity". The use of masks does not preclude the use of facial paintings or tattoos, in the representations and/or on the individuals who made them – although, once again, the representation of the body does not have to be a direct reference to one or more specific/real human bodies.

In the 1<sup>st</sup> millennium BC, instances of questionable anthropomorphism occur both in ceramic decoration motifs and on objects with an exogenous and/or orientalising influence. Some figurines, such as those from Garvão, have ornithomorphic characteristics – particularly visible in the representation of the nose that resembles a bird’s beak – a common element in anthropomorphic figurations from the Mediterranean, long crystallised in the scheme of the ‘bird-faced’ *kourotrophoi* (Ferreira, 2011; Prince, 1978). As we have already demonstrated, small ornithomorph vases appeared in the Iberian Peninsula during this millennium (in the Ibero-Punic realm), possibly meant for feeding children. Ana Margarida Arruda (2016) refers to some bird-shaped vessels and figurines from the Chalcolithic, Late Bronze and Iron Age periods, found in the western Iberian Peninsula. She associates these bird motifs (particularly doves) with the cult of Mediterranean deities (Inanna/Ishtar/Astarté), suggesting that this is the ‘legacy’ of the ‘sun-eyed goddess’ from the Chalcolithic slate plaques. Also during this period, the anthropomorphs depicted on ceramics are particularly difficult to corroborate due to their extremely schematic nature. Some cases, particularly the circular imprints from Crasto dos Palheiros (Pinto, 2011) (cf. **Figure 2, p. 45**) and the schematised motif from Garvão, despite their obvious differences, may resemble an equally schematic representation of bees or something similar (as also appears to be the case with the golden disc from the necropolis of Fonte Velha de Bensafrim, in Lagos) (Vilaça & Armbruster, 2012: figs.5 and 6).

Even so, of all the artefactual categories analysed, the one in which anthropomorphism is even more questionable is undoubtedly the evocation of the human body. The two case studies showed how the human body can be evoked both through interpretation and according to more well-known ethnographic parallels, in the case of the twin vessels which could be associated with the birth of twins – and through the use of objects which, in the case of the possible ‘feeding vessels’, would be evocative of the breasts they replace.

We also raised the possibility that some cases with less clear anthropomorphism may correspond to the possible representation of some kind of disability – a subject that still requires a great deal of research in Archaeology. If some repaired objects may represent amputations, such as the interesting Perdigões figurine, and others that have been deliberately fragmented, such as the legless *ex-votos* from Alcácer do Sal, why not consider that some motifs and objects bearing less obvious human features may correspond to other types of disability? Even if we don’t know any parallels that might support this hypothesis, we believe that this is (yet) another interesting subject to explore in the study of the past, particularly because approaches to disabilities (both physical and mental) vary according to cultural values (Berskson, 2004) – and sometimes grant important roles to individuals within their communities (Cucala, 2013: 180).

Of course, apparent non-human elements also allow us to think about the ontology

of individuals, perhaps creating mythical creatures in an imaginary way (Insoll, 2017: 9). However, taking into account all the aforementioned subjects, we believe that dubious anthropomorphism should not always be a reason to rule out the representation of human bodies. The dubious should, then, be considered in order to avoid circular or deliberately legitimising interpretations of the present in the past.

### 3.1.1. On symbologies and interpretations

Despite the differences in morphology and raw materials, the objects discussed here are often attributed a symbolic connotation – in the sense of corresponding to ‘symbols’ understood by the communities that made them, and whose meanings can be difficult to access today. The symbology attributed to representations of the body is, in turn, often interpreted as being linked to a sacred plane.

On the other hand, the objects featuring these representations are, or can be, mostly regarded as portable art, since Art can be defined as “the production of works, forms or pieces, guided by an aesthetic ideal or aiming to express subjectivity or convey a concept or message” (*Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*). While it is true that one cannot assume that the different individuals who made the objects we studied had such objectives in mind (at least consciously), it seems equally certain that the representations of the human body ease their placement into the category of artistic objects of the periods to which they belong. Therefore, by corresponding to ‘portable art’, these objects extend this concept from Pre- to Protohistory and to objects other than just figurines, statuettes and plaques, since we included adornment objects and other finds.

For a long time the study of these representations assumed that they corresponded to a direct route to understanding how the individuals who made them thought, arbitrarily assuming to know their meanings. But, as already emphasised, we have to consider that objects can have a multiplicity of meanings, starting with the meaning of the representation (the ‘symbol’), understood here as the body or part of it; and the meaning of the object itself (container, figurine, statuette, metal ornament, etc.) (Escoriza-Mateu & Castro-Martínez, 2011: 102). And, as we have been alluding to, the very meaning given to raw materials is important – since according to the *affordances* of objects (Gibson, 1979, Wells, 2012), utility and meaning are both constructed according to the material it is made of and the interactions of those who use it.

It is in this sense that we emphasise two aspects: 1) it is difficult to attach the same (single) meaning to the wide variety of objects discussed, which have different chronologies and contexts; 2) the problem of interpreting each motif and figurine should be approached holistically, using as much data (morphological, contextual and parallels) as possible, along with interdisciplinary and experimental approaches.

However, whereas what we were most interested in for this study was the represen-

tation of the body itself – regarding representations as expressions of human corporeality, in line with Insoll (2017), which does not mean that they *are* human bodies or specific people/groups/genders – for the overwhelming majority of the literature addressing many of the discussed objects, this seems to be a trivial and often overlooked aspect. And despite the wide variety of objects discussed here, even in chronological terms, their interpretations have created a binary model where they are either regarded on a sacred plane, encompassing deities, believers and priests, or regarded on a human level, generally involving only male individuals.

At any case, the **sacred** plane has become a sort of axiom of archaeological research when it comes to objects on which the human body is represented or suggested. It is often attributed without many explanations and mostly assumes a **feminine** dimension, equally poorly justified. We shall not dwell on this point, which is more extensively covered in the original text (Santos, 2020: 175-178), but we must nevertheless emphasise that for all studied artefactual groups and periods, we noted this tendency in most of the research to assign anthropomorphic representations to the female gender, even in the absence of sexual markers. And this interpretive tendency almost inevitably links the female gender to a sacred or divine plane that is often not echoed by the archaeological data – which nonetheless did not prevent these interpretations to progressively become narratives difficult to question.

These interpretations and narratives, which stem from the contemporaneity of those who interpret, occur at both a peninsular and an international level. Concerning the realities we have studied, only in recent years have some researchers questioned them more openly (e.g. regarding Late Prehistory in Portugal, Vale, 2015; concerning orientalising contexts in Spain, Prados Torreira, 2019), contrasting to the most widespread narratives. This deconstruction effort is more evident in Spain, as a result of the development of Feminist and Gender Archaeologies, which have a much larger dimension and longer tradition when compared to Portuguese archaeological research.

At this point, we will once again resort to the ocular motif as a bridge to briefly mention this relationship with the sacred and the feminine, since this motif has been continually interpreted as having feminine connotations, related to the cult of the Chalcolithic ‘Mother Goddess’. The female gender is even identified in dots or triangles sometimes found in the decorative schemes of ceramic vessels, or even in figures without any sexual indicators. On the other hand, in our research regarding the portable media displaying this motif, we observed that in its entire acting chronology (nearly one millennium!) it appears both in representations with and without explicit sexual indicators – whether male or female.

The absence of sexual attributes is often regarded as a methodological problem, but this premise removes from the interpretive equation *who made* the representation (in

the past) and focuses on *who interprets* (in the present), even if unconsciously. Instead, it should be considered what was *chosen* to be represented, since its true symbolic meaning is hardly accessible to us. Of all the things that characterise a human body, eyes, noses and hair have been chosen, with or without other attributes. Thus, what we want to emphasise is that this is an *interpretive* problem, far more than a methodological one.

This issue is linked to many other discussions raised throughout our thesis – such as the apparent need to attribute the female gender to representations with and without sexual markers, or the various consequences of circular discourses around sex, gender, representation and Prehistory, of which we would highlight the absence, or obliteration, of other readings and interpretive possibilities (such as age, asexual genders, the irrelevance of biological sex for representation, etc.). All of this leads to the importance of questioning and not assuming, in line with Tim Yates (1993: 35): “*It is our rubric, as archaeologists, to question, not to assume*”.

Therefore, the study of pre- and protohistoric body representations raises three issues that should be taken into account, in fact for any kind of Archaeology of the Body – and it is our belief they should also be applied to many other subjects and study areas concerning the past:

1. The importance of questioning the binary views of the sexual identity attributed to individuals at different times and places in human history;
2. The importance of knowing the relationship between sex and gender in archaeological research – even though some researchers question the practicality of the concept of ‘gender’ (Escoriza-Mateu & Castro-Martinez, 2011);
3. The need to consider what is not represented – in particular, the possibility that absences are not merely empirical problems, as they can be indicative of different realities.

Concerning the function of the analysed representations, it can be direct (related to use, manipulation, utility, physical contact with the object; in short, its direct performances) or indirect. As previously mentioned, the function of two-dimensional representations has not been extensively explored and is mostly interpreted within the symbolic sphere. Likewise, the function of peninsular figurines has mainly been addressed within their indirect field, even if this has always been difficult to prove. We would reiterate, however, that the aforementioned contextual and stratigraphic problems hinder our knowledge of the objects’ direct function.

There are, of course, concrete scenarios where the magical-religious and ritual function, for example of figurines and statuettes, is unequivocal, by being inferred through one of the last stages of the objects’ life, their deposition or disposal, but also through their relationship with contemporaneous foreign contexts that influenced the popu-

lations of the Iberian Peninsula. The Iron Age examples of bronze statuettes, e.g. the *ex-votos* from Alcácer do Sal, clearly reflect an intentional deposition (Gomes, 2008).

The capability of objects – viable but not mandatory or inevitable – to play a social role and be socially active is, thus, emphasised. Objects can be tools used in the “identification processes and social relations between identity groups (...), educational tools, as tangible individuals, references to ancestors or as symbols of power and prestige” (Valera & Evangelista, 2014: 286). This has been specifically emphasised regarding what we have referred to as ‘naturalist figurines’, whose social activity, according to António Carlos Valera and Lucy Evangelista, lies not only in the expression of the bodies, which contrasts with previous schematic representations but also in their wide dissemination over a vast region, searching for human proportion and in the (sole) incineration context in which they were found (Perdigões) (*ibid.*: 291).

If we consider that some representations can be socially active, they can consequently correspond to individuality, power, identity, magic or religious markers, perhaps even territorial markers. In our analysis, it was possible to acknowledge that some representations reflect tenuous markers of individuality, for example when the artisans fall outside the Chalcolithic facial representation ‘canon’ in the ceramic decorations of Los Cercados (García, 2005) or in the smile of the naturalist figurine from Marroquiés Bajos (Mozás *et al.*, 2011). But this is yet another open dialogue, because the notion of prehistoric individuality and personality is problematic, often seen as a cultural construct of modern countries (Valera & Evangelista, 2014: 297), despite the fact that in different chronologies and regions of the world, some sets of figurines are effective markers of personality and/or age (Pool, 2017: 265).

Another possible function, explored in some of the case studies, is the relationship between representations and power markers or indicators, namely used in the construction and legitimisation of power by those who owned, created or manipulated them (Insoll, 2017). Some authors advocate precisely this function with regard to the stone, bone and ivory figurines discussed above, particularly the ‘naturalist’ ones, relating them to the maintenance of social hierarchies (Hurtado, 2008). This attribution is also linked to the ornamentation of the represented body which, in these figurines, despite the clear representation of nudity, is sometimes depicted holding an object in its hands, interpreted as a baton (Valera & Evangelista, 2014: 292).

This hypothesis is related to another possible function, that of a territorial marker (Bailey, 2005; Insoll, 2017). In fact, with regard to the analysed representations, it seems plausible that in some cases (due to the fact that they include objects capable of mobility) some anthropomorphic representations may have functioned as indirect territorial markers, i.e. they could be considered ‘typical’ of a certain territory given the formal and stylistic variations, limited to specific territorial areas. We have already briefly explored

the relationship, or rather the relationships, between the representations of the body and the **territory** (Santos, 2020: 186-191). So, without delving into it here, we would like to briefly emphasise that the portable objects bearing representations of the body can relate people, communities and regions.

In any scenario, it is important to bear in mind that an object and/or representation may have more than one function and meaning and that these functions and meanings may change not only according to the object, time and space but also according to the people who interact with them. Like the *body world* concept (Harris & Robb, 2013b), the representation of the body supports contradictions, individual expressions and divergences within the same period, as highlighted below.

#### **4. THE PRE- AND PROTOHISTORIC BODY WORLDS OF THE IBERIAN PENINSULA**

Any proposed cause for the differences in the representations of the body is in and of itself the result of countless other processes, which we cannot delve into at length, but which in any case are fundamental in terms of how the body could have been interpreted and experienced.

Take the concepts we use in the chronological references pertaining to the Prehistory of the Iberian Peninsula: Neolithic, Chalcolithic, Bronze Age and Iron Age. Even if they may not occur at all sites in the same way (or at the same time), these concepts refer to a series of material cultures and economic, social and political systems. These systems are in turn related to the creation or arrival and usage of new technologies, in a combination of multiple influences that is uniquely complex at all times. In other words, each period is unique as it adds, subtracts and reconfigures elements of its past and future in its own unique way (Harris & Robb, 2013b: 26).

This analysis shows that the moments of pre- and protohistoric cultural transition are mirrored in the representations of the body. In fact, they essentially correspond to the phases of transformation of the 'artistic' treatment of the body (**Figure 9, p. 51**). Obviously, changes in the treatment of the body involve a multitude of factors, many of which are unknown to us, and certainly different from case to case. However, these changes would be related, even if indirectly, to the ways of experiencing the body, which were also changing at these transitional moments:

Firstly, the mentioned **Neolithic** materials mirror a concern with the full representation of the body, although without specifying certain parts, namely the face. The oldest representations – the ceramic decorations and the figurine from Valada do Mato – show a concern with the torso, the central part of the body. Despite the high degree of schematisation, some decorations display the lower and upper limbs, fingers and head.

The lack of markers of bodily individuation – in the sense of individuating parts of the body, because, let us recall, the Valada do Mato figurine shows signs of bodily inscription (since it appears to bear clothing or tattoos) – may be related to a ‘phenomenon’ that occurs in the early stages of sedentarisation, agriculture and animal domestication and is gradually consolidated throughout the whole of the Neolithic period. This phenomenon, intrinsically related to each community’s belief systems, is linked to the new human-animal relationship, which is slowly moving away from these two parameters. The representations focused, then, on depicting the anthropomorphic shape, but without specific features.

This does not mean that from the moment a community domesticates an animal species, it would comprehend all animals differently. If the sedentarisation process took a long time, so did the changes in the perception of the body, as evidenced by the archaeological record. It is not with the Neolithic that people started to differentiate between ‘humans’ and ‘animals’, not only because that was an incredibly long process, but also because this distinction is not necessarily the only way of seeing the world. However, it is during the Neolithic, rather than in any previous period, that bodies increasingly hybridised are depicted, as well as anthropomorphic and zoomorphic figurines, something that also occurs both in South-Eastern Europe and South-West Asia (Scarre, 2018).

This shows that the experiences of neolithic groups created a separation, albeit tenuous and often fluid: there is now a much greater emphasis on representing the human body (to the expense of zoomorphic representation), perhaps directly related to population growth, which forced greater contact with more people and their bodies. While it is true that long before sedentarisation there was already a fixed category for anthropomorphic representations, conceptually distinct from animals (given that Palaeolithic ‘Venus’ figurines already constituted a clearly anthropomorphic object category), the echoes of this separation go beyond portable objects during the Neolithic – and are also reflected in the funerary world, as the human-animal fluidity of mesolithic burials gradually disappears (Boric *et al.*, 2013).

It is, thus, possible to trace back to the Neolithic period a number of features that appear in all subsequent periods, owing to the transition of human ‘*embodiment*’: from landscape and animals to a circumscribed body (Boric *et al.*, 2013: 57). What we consider to be the antecedents of the ocular motif seem to appear essentially during the 4<sup>th</sup> millennium BC, with the Gavà Venus and in what we have referred to as ‘frustoconical figurines’. The latter appeared in the second half of the same millennium in current Alentejo and shows slight facial individualisations, sometimes bearing facial incisions, at a time when megalithism and phenomena of population aggregation in large ditched enclosures were emerging in this region (Cardoso, 2012b: 251), reflecting demographic growth and a more expressive appropriation of the territory.

This is because the *body world* entails religious, political and cultural ideologies, etc. (which could well be the same for these communities, i.e. not being conceptually distinct categories). In this sense, we would emphasise that the communities of the 4<sup>th</sup> millennium BC are considered to be “egalitarian and with a considerable degree of mobility” (Cardoso, 2012b: 252). We interpret the frustoconical figurines as full-body figurines, even if they are fragmented and other features besides the face are not represented. Their seemingly regional arrangement (still speculative given the small number of examples) may be related to the emergence of slate plaques, which feature a similar distribution in inland Alentejo (Cardoso, 2012c) and could therefore be related to an early form of territorial and/or identity marking.

Hence, this allows us to infer that in Southwestern Iberia during the Late Neolithic period (c.3800-3000 BC) there was a transition from a schematic body to a less schematic body, where the face, eyes and nose were individualised. As if the extension of sedentarisation and the population increase led to the growing importance of the face and vision, which was consolidated in the following millennium. Although these aspects are still abstract (Ponte da Azambuja 2, for example), they reveal that the most expressive and communicative part of the body was growing in importance, at a time when the funerary treatment of the body also seems to demand attention (with the consolidation of the megalithic phenomenon).

The anthropomorphic representations continue to reflect the cultural regionalisms typical of the **3<sup>rd</sup> millennium BC**. The representation of the body seems to occur mainly in the south of the Iberian Peninsula, something that combined with other elements of the Chalcolithic assemblages may in fact be related to the contact networks mentioned in the previous chapter. Bécares Pérez (1990) tried to demonstrate the existence of a uniformity in the way anthropomorphic motifs were conceptualised during the peninsular Chalcolithic, which in turn would evidence a cultural unity. In his view, the typological or numerical variants of anthropomorphic representations – that is, the oculate motifs and the different morphologies of three-dimensional figurations, as well as those occurring in rock art – would be indicators of regional fashions within the common culture: a society standardised in the ways of representing the human body (*ibid.*: 90).

We do not believe, however, in the existence of a ‘standardised’ society, with a common culture, throughout the south of the Iberian Peninsula during the 3<sup>rd</sup> millennium BC. Not only because there are variations in the treatment of the body (real and represented) depending on the region, but also because it cannot be stressed enough that ocular decorations also occur in the north, again with variations and possibly of local manufacture (Sanches, 1997: 130). Moreover, and only regarding the present-day Portuguese territory, there are significant variations in terms of Chalcolithic settlements, from the living places to the materials used in construction. All of this is suggestive of regionalisms

that are difficult to explain merely on the basis of the available raw materials (Cardoso, 2012a: 74).

Nevertheless, everything seems to indicate that the aforementioned ocular motifs, considerably widespread throughout the 3<sup>rd</sup> millennium BC, must have been understood on a large scale – which does not necessarily mean that the populations of southern Iberia were culturally standardised. In any case, these motifs are more frequent in the peninsular Southwest – without forgetting their frustoconical ‘ancestors’ from the second half of the previous millennium – in an area with vast arable soils and limited landscape compartmentalisation, which favoured the emergence of large settlements or ceremonial centres and a high level of population growth. The distribution of ocular motifs demonstrates that southern Iberian Chalcolithic societies were open to foreign stimuli, as exogenous objects and materials seem to reveal – such as ivory (Valera, 2017), but also the limestone of the ‘cylindrical idols’ of Extremadura, which, despite being a common raw material in this region, may be indicative of exogenous influences, among other examples. And also that the ‘intrapeninsular’ communication networks went far beyond the Guadiana River basin and the remainder of the peninsular Southwest.

The ‘body’ itself doesn’t seem to be important, perhaps because the face is the most distinctive feature for individuals – as several cognitive psychology studies seem to suggest (Downing et al., 2001; Downing, 2007; Downing & Peelen, 2015) – or, more plausibly, because what was meant to be represented did not require a body. In other words, whatever the meaning was, it would be well-defined by facial features. Its presence in both funerary and settlement contexts does not support assigning it a funerary nature, but it does not preclude a connection to the belief system or sacred world of these peoples. It does advise, however, against an exclusive connotation of this facial motif to the female sex because of its occurrence on objects with male sexual indicators (‘naturalist figurines’) and, even more strikingly, by the absence of any sexual indicators.

The peak of the ocular motif’s realism occurs in the second half of the 3<sup>rd</sup> millennium BC, with the ‘naturalist figurines’. When analysing this motif, this typology is fundamental as it emphasises the anthropomorphism of the motif, sometimes dubious throughout the rest of its operating timeframe. And if this motif already standardised an expression and a ‘face’, these figurines emerge as a standardisation of the body, always with the same canonical posture. However, the whole body is now represented, with or without sexual indicators and occasionally accompanied by objects of unknown nature (possibly batons, in line with Valera & Evangelista, 2014: 292). The hair is long, wavy or plaited, but the face mostly remains ‘without’ expression or appears severe – which is why the ‘smile’ of the Marroques Bajos figure is so appealing.

Ocular faces disappear in the transition to the **Bronze Age**, in a process that coincided with the end of megalithism. The changes in political and social organisation

that mark the transition to the 2<sup>nd</sup> millennium BC are also reflected in the treatment of the body, whether physical or represented. In both cases, what had once been visually striking forms and, in the case of portable representations, significantly widespread in the Southwest, gave way to a gradual modesty. This process is well evidenced in the funerary world, which stopped being so prominent in the landscape; in the north and centre of the current Portuguese territory, small individual cist-like burial monuments appear (Bettencourt, 2009) and the first cremation contexts emerge in some areas – even though this practice existed in Galicia since the Late Chalcolithic, for example (*ibid.*: 18), demonstrating the presence of novelties in the perception of the body, in belief systems and, ultimately, the creation of a new relationship between the body and the landscape.

The new ways of signalling death, both more individual and more discreet, and on the other hand involving increased destruction or transformation of the body (cremation), show the existence of at least two different social and cultural groups in the Iberian Peninsula, which in any case contributed to a progressive but effective transformation of the *body world*. The body seems to have become more exclusive, even if the sense of community was not forgotten.

The contact networks of the 3<sup>rd</sup> millennium (Jorge, 1986; Gonçalves, 1989; Escacena, 2000; Hurtado, 2009; Valera, 2017) will not have disappeared but may have been renewed. Some of the known Bronze Age settlements reveal a concern, conscious or not, with evoking the body in portable objects, as evidenced by the presence of twin forms and probable ‘feeding-bottles’. These objects, thus, fit into the new more discreet ways of seeing the body, at sites that were themselves more modest than the large settlements that had characterised the previous period. On the other hand, an effective territorial marking using the representation of the body – the menhir statues – spreads out, although it could be based on earlier traditions. These are some of the most expressive representations of the body and include inscribed elements such as swords and what could be clothing, perhaps even tattoos (Vilaça, 2009). It seems as if the individualisation resulting from the new *body world* meant that the individualisation and territorial marking of each community needed to be more effective and visible, employing means that went beyond the funerary megalithism, at a time when mobility was increasing and demanding the statues to be seen (and interpreted). However, this apparent transition of anthropomorphism from portable to static supports is not as abrupt as it might seem, taking into account the long tradition of anthropomorphs in rock and parietal art contexts, for example on the upright stones of dolmens.

The individualisation of the human body, or of some bodies, also happened during the Bronze Age, namely in terms of the materials used for adornment. Some people began to decorate their bodies with metallic objects, particularly gold, lending them a different look both in terms of colour and sound. At the beginning of the **Iron Age**, the

clasp lock of an older necklace (from the Bronze Age) seems to have been reused – a small, thin plate bearing a rather schematic anthropomorph was added (necklace from Herdade do Álamo, Moura, **Figure 10, p. 53**), in a completely different style from that of the previous millennium. The number of golden pieces featuring representations of the body increased throughout the 1<sup>st</sup> millennium BC, at the same time these reappeared on pottery decorations. New and reinforced foreign contacts led to the emergence of new metalworking technologies, but the lost-wax method persisted and was used in the manufacture of statuettes and *ex-votos*.

During the Iron Age, the human body is represented fully or partially, but to the taste of a variety of foreign fashions, in order to suit a variety of foreign fashions, once again reflecting the socio-political scenario of the different communities. In much of the Peninsula, the represented body seems now concerned with these canons, while to the North and in the Meseta there are some examples of schematic anthropomorphs on ceramic decorations in very distinct styles from those found in the present-day French territory.

While it is clear that over several millennia the Iberian Peninsula has experienced extensive contact with foreign peoples, this is partly due to the openness that some areas had shown for some time – particularly the Southeast and the Southwest, along with other coastal areas – and also to the routes inherited from the contact networks explored in the previous millennia. These two major factors allowed a huge expansion of exogenous (people, ideas and) materials to take place during the Iron Age, particularly clear in the stimuli received from different Mediterranean peoples. These contacts inevitably led to transformations in the relationship between individuals and their bodies, and the Iron Age examples studied show that the majority of metal finds seem to have been found in the area of Mediterranean influence, related either to religious aspects (*ex-votos* and plaques) or to body ornamentation (goldsmithery). On the other hand, further inland and away from these stimuli, there are some examples of possible schematic anthropomorphs on ceramic vessels, reflecting a very different trend.

All these changes should be interpreted as more or less prolonged and gradual processes in the ways of perceiving and visualising the body, i.e., in the way people saw and perceived the world around them, the objects they used and their relationships with other individuals and with the natural and supernatural worlds (Wells, 2012: 64). Furthermore, the ontologies concerning the body at any given time are never singular – “people never have just one exclusive way of understanding the body” (Harris & Robb, 2012: 671). For all these reasons, the moments of change briefly addressed here reflect and are reflected by the *body worlds* they are part of.

It is, therefore, clear that there is much more to be said about the *body worlds* of the Pre- and Protohistory of the Iberian Peninsula, and that portable representations of the human body are a major contribution to these narratives. If we wished to summarise

even further – with all the inherent risks – we might say that the Neolithic *body world* is mainly concerned with marking the human-animal relationship; the *body world* of the 3<sup>rd</sup> millennium BC was related to the emergence of a standardised face, showing a huge change from more fluid bodies to more fixed bodies; the *body world* of the 2<sup>nd</sup> millennium BC favoured (even more) stationary media, creating other canons for the representation of the body; and, finally, the *body world* of the 1<sup>st</sup> millennium BC, once again featuring portable objects, mainly linked to body ornamentation or the expression of foreign cults, at a time when, according to regional and cultural constraints, the body was also represented on larger objects and stationary media.

As demonstrated, in addition to a comprehensive reading of the change processes of body representation, this approach allows us to correlate realities that are often separated in archaeological studies, particularly when focused on narrower chronological boundaries.

All these particularities are mutually related because they depend on the previous ones and influence the subsequent ones – in other words, the previous *body worlds* sustain the following ones as historical processes (Harris & Robb, 2013b) –, with all the geographical and cultural variability known to have existed in the Iberian Peninsula from early on.

## 5. BRIEF CONSIDERATIONS

Seeking to contribute to the knowledge of Iberian pre- and protohistoric *body worlds*, of all the experiences of corporeal life, we chose to explore representations because it was a less studied subject within the Archaeology of the Body. The importance of body representation on portable objects was demonstrated, in what seems to be the first approach of this nature in the long diachrony, concerning the Pre- and Protohistory of the Iberian Peninsula.

The study herein summarised was conducted while being consciously aware that it would only be a first approach to a complex subject; inevitably, many other avenues for further study remain open. The nature and scale of what we set out to analyse only resulted in a small contribution to a colossal investigation on which much remains to be said.

Our aim was to conduct a long diachronic approach that would analyse which body was represented on different materials and at different times and spaces, between the Neolithic and the Iron Age. In other words, the focus was on the body itself: the questions asked were ‘What?’, which body was represented; ‘How?’ was it represented (which parts stood out, which parts were excluded); and ‘Where?’, on which materials, on which objects, in which contexts, in which spaces. This was achieved by using a heterogeneous sample in terms of materials and sites, addressing, whenever possible,

both the major examples and the less discussed ones. The total number of finds in any of the categories has not been addressed, apart from objects that evoke the body. Regarding the latter, an attempt has been made to compile the known cases from present-day Portugal, which are due to be published shortly.

The sample analysis, based on what was represented and what was excluded, immediately showed that it is indeed possible to apply the concept of *body worlds* to the Pre- and Protohistory of the Iberian Peninsula. And also that portable materials reflect changes in the ways of representing the body during periods of cultural transition and transformation. This is evidenced, for example, by the emergence, in the Late Neolithic, of what we have referred to as 'frustoconical figurines', which seem to correspond to a prelude to the ocular faces 'fashion' that characterises the 3<sup>rd</sup> millennium BC. Likewise, other determining factors affecting coeval material culture and territorial occupation also show 'glimpses' of future developments. And if in southern Iberia the 3<sup>rd</sup> millennium BC is characterised by the emergence of large settlements with access to and/or distributing 'prestigious goods', the representation of the body during this period shows the consolidation of a sort of a facial canon, attaching great importance to vision. At the peak of anthropomorphism, with what we have referred to as naturalist figurines, a type of body and posture were established, featuring absolutely exceptional artistic skills and the use of rare materials. The representation of the body in the 2<sup>nd</sup> millennium BC seems to occur mostly on stationary media, at a time when the type of settlement changed, the Chalcolithic socio-political structure apparently disappeared, and more individual ways of dealing with death emerged. The 2<sup>nd</sup> millennium was also the period in which there was a greater increase of twin vessels and possible 'feeding-bottles', perhaps showing a greater interest in evoking the body at the expense of its representation on portable objects. During the 1<sup>st</sup> millennium, the representation of the body shows foreign influences, due to the effective penetration of different exogenous stimuli, and reverts to portable materials through the use of new metal-working technologies.

Although the main focus has always been the treatment of the body, it was important for the proposed methodological framework to adopt a comprehensive approach regarding the interpretative, symbolic and usage possibilities, even if these issues remain, as far as we are concerned, open for further study, primarily because of the insufficiency of contextual information that characterises most of the objects studied. With this, the need to review some aspects regarded as archaeological axioms was highlighted, in particular those that associate the representation of the body with the feminine and the sacred, because this interpretation is more often assumed than demonstrated.

Due to the nature of the data we used, one of the most difficult objectives concerned the relationship between the representations and territory, resulting in a brief approach emphasising that some representations (along with the objects on which they occur)

may have played a role as identity and territorial markers; or they may simply mirror contacts and interactions between different areas of the Iberian Peninsula. The paths of anthropomorphic representation within the studied sample seem to be centred on the Southeast and Southwest of the Peninsula, during the earliest periods. There were, of course, exceptions, and they spread more heterogeneously throughout the peninsula during the Iron Age (after an apparent hiatus over much of the 2<sup>nd</sup> millennium BC).

The intrinsic difficulties of the proposed study have been mentioned throughout the thesis and are mainly rooted in the shortage of archaeological contexts and studies of the objects, namely due to the lack of artefact inventories, but also due to the absence of studies exclusively dedicated to the treatment of the body, since the existing few hardly ever relate the body to its surroundings (the remaining *body world*). Even the urgent need for terminological revision, directly related to the need for interpretive revision, was also strikingly obvious. And, of course, the fact that we adopted an essentially bibliographic methodology, without analysing the objects in person, hindered some studies but provided a broader analysis as intended.

The use of different scales, either covering the Iberian Peninsula or more limited to the case studies, inevitably led to particular aspects and subjects being overlooked which would certainly have contributed to understanding both the representations and the *body worlds*. We, therefore, believe that the future of this research will involve analysing other aspects, not only related to other portable materials but also a more intense and comprehensive approach to the treatment of the body in the funerary world and on more fixed media.

We believe that, as an (apparently) universal subject, the representation of the body will always be an appealing matter, which requires urgent new approaches, seeking to understand the body itself before searching for meanings. We believe this is a relevant contribution, even if we answered each question with many other questions. For all these reasons, we would suggest that representations should be approached as expressions of corporeality. It is also essential to question what is not represented (the voids) and the prejudices that research can carry into the past, as well as the ethical and social role of the researcher in the present.

By relating the representations to other contemporaneous social, cultural, political and territorial elements, we can get a little closer to their meaning, even if always inevitably stripped of many layers that would originally cover it. This seems to be, to us, the greatest strength of the methodology and theoretical basis developed in this study: the ability to relate different realities and chronologies, usually the focus of isolated approaches, thus supporting a comprehensive reading, despite the omissions that we felt were required for the completion of this project.

Because we acknowledge that relating and knowing all aspects of bodily life is per-

haps one of the most important tools for understanding a tiny part of the experiences of illiterate people (or whose writing we do not understand); because we recognise that the human body and its physical or representational treatment are fundamental issues that mark every society, even if silently; and lastly, because we acknowledge that these issues cannot be ignored in Archaeology if the aim is to get to know those who were where we are now. This is why we embarked on this search for *body worlds*.



---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**  
BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALDAY, A.; PÉREZ-ROMERO, A.; IRIARTE, E.; FRANCÉS-NEGRO, M.; ARSUAGA, J. L.; CARRETERO, J. M. (2017) – “Pottery with ramiform-anthropomorphic decoration from El Portalón de Cueva Mayor site (Sierra de Atapuerca, Burgos) and the globalised symbolic world of the first Neolithic”, *Quaternary International*, XXX, pp. 1-13.
- ALMAGRO GORBEA, M. J. (1973) – *Los Ídolos Del Bronce I Hispano*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M.; LÓPEZ, L.; MADRIGAL, A.; MUÑOZ, K.; RAMÓN ORTIZ, J. (1996) – “Antropomorfo sobre cerámica de la I Edad del Hierro de la Meseta”, *Complutum*, 7, pp. 141-146.
- AMARO, G. C. (2013) – “Da matéria à materialidade: breves reflexões sobre a relação da Arqueologia com a Cultura Material”, *Almadan*, II série (18), pp. 21-27.
- ARRUDA, A. M. (2016) – “À vol d’oiseu. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal”, in Sousa, A., Carvalho, A., Viegas, C. (eds.) *Terra e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Estudos & Memórias 9, UNIARQ, Lisboa, pp. 403-424.
- BAILEY, D. W. (2014) – “Touch and the cheirotic apprehension of prehistoric figurines”, in Dent, P. (ed.) *Sculpture and Touch*. Ashgate, London, pp. 27-43.
- BAILEY, D. W. (2005) – *Prehistoric Figurines: representation and corporeality in the Neolithic*, Routledge, London.
- BÁNFFY, E. (2017) – “Neolithic Eastern and Central Europe”, in Insoll, T. (ed.) *The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines*, Oxford University Press, Oxford, pp. 705-727.
- BÉCARES PÉREZ, J. (1990) – “Uniformidad conceptual em los ídolos del Calcolítico peninsular”, *Zephyrus*, 43, pp. 87-94.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V. & GOMES, R. V. (1985) – “Depósito votivo de II Idade do Ferro de Garvão”. *O Arqueólogo Português*, série IV, vol.3, pp.45-135.
- BELÉN, M.; RUT BOBILLO, A.; GARCÍA MORILLO, M. C. & MANUEL ROMÁN, J. (2004) – “Imaginería orientalizante em cerâmica de Carmona (Sevilha)”, in Fernández Jurado, J., García Sanz, C. & Rufete TOMICO, P. (cord.) *Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo*, Diputación Provincial de Huelva, pp.149-170.
- BERKSON, G. (2004) – “Intellectual and Physical Disabilities in Prehistory and Early Civilization”. *Mental Retardation*, Vol. 42, Nr3, pp. 195-208.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2009) – “Práticas funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e da Galiza Oriental”, *Revista Aquae Flaviae*, 41, Chaves, pp. 11-23.
- BORIC, D.; HARRIS, O. J.; MIRACLE, P. & ROBB, J. (2013) – “The Limits of the Body”, in Robb, J. & Harris, O. J. (ed.) *The Body in History: Europe from the Paleolithic to the Future*. Cambridge University Press, pp. 32-63.
- BORIC, D.; HARRIS, O. J.; MIRACLE, P. & ROBB, J. (2013) – “The Limits of the Body”, in Robb, J. & Harris, O. J. (ed.) *The Body in History: Europe from the Paleolithic to the Future*. Cambridge University Press, pp. 32-63.
- BOSCH ARGILAGÓS, J. (2009) – “Representaciones antropomorfas muebles del neolítico en Cataluña: primeros ídolos oculados”, in Cacho Quesada, C., Maicas Ramos, R., Galán Domingo, E., Martos, J.A. (Eds.): *Ojos que nunca se cierran: ídolos en las primeras sociedades campesinas*, Museo Arqueológico Nacional, Madrid, pp. 13-37.

- BOURDIEU, P. (2002) – *Outline of a Theory of Practice*. Sixteenth printing. Cambridge University Press.
- BUENO RAMÍREZ, P. (2009) – “Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas”, in Cacho, C., Galán, E. & Martos, J. (coord.) *Ojos que nunca se cierran: ídolos em las primeras sociedades campesinas*. Museo Arqueológico Nacional, Madrid, pp. 39-78.
- BUENO RAMÍREZ, P. (2021) – “Iberian decorated plaques. Between death and life”, in BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (eds.) *Mobile images of ancestral bodies: a millennium-long perspective from Iberia to Europe*. Zona Arqueológica n.º 23. Vol 1. Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, Madrid, pp. 329-347.
- BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (eds.) (2021b) – *Mobile images of ancestral bodies: a millennium-long perspective from Iberia to Europe*. Zona Arqueológica n.º 23. 2 Vols. Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, Madrid.
- BUENO RAMÍREZ, P. & SOLER DÍAZ, J. (coord.) (2021a) – *Ídolos – Olhares Milenares. O estado da arte em Portugal*. Museu Nacional de Arqueologia, Imprensa Nacional, Lisboa.
- BUTLER, J. (1993) – *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. Routledge. New York.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de história regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12, Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2012a) – “Calcolítico” in Alarcão, J. & Barroca, M. (coord.) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Figueirinhas, pp. 73-75.
- CARDOSO, J. L. (2012b) – “Neolítico em Portugal”, in Alarcão, J. & Barroca, M. (coord.) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Figueirinhas, pp. 250-252.
- CARDOSO, J. L. (2012c) – “Placas de xisto”, in Alarcão, J. & Barroca, M. (coord.) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Figueirinhas, pp. 284-285.
- CSORDAS, T. J. (1997) – *Embodiment and experience. The existential ground of culture and self*. Cambridge University Press, Cambridge.
- CUCALA DEVÍS, M. (2013) – “La discapacidad en la Prehistoria”, *Fórum de Recerca*, n.18, Universitat Jaume I, pp. 167-184.
- DANIELSSON, I.-M. B. (2002) – “(Un)masking gender – gold foil (dis)embodiments in late Iron Age Scandinavia”, in Hamilakis, Pluciennik & Tarlow (ed.) *Thinking through the body: archaeologies of corporeality*. Springer Science Business Media, LLC, New York, pp. 179-200.
- DINIZ, M. (2007) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da Neolitização no Interior/Sul de Portugal*. Trabalhos de Arqueologia, 48. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- DINIZ, M. (2008) – “Far from Eden? Acerca de uma figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico Antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal)”, *Sagvntvm* (P.L.A.V.), 40, pp. 9-23.
- DINIZ, M. (2009) – “Ainda antes do 4.º milénio a.C.: as práticas simbólicas das comunidades neolíticas no Ocidente peninsular”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, Oeiras, pp. 157-174.
- DOWNING, P. E. (2007) – “Face perception: broken into parts”. *Current Biology*, Vol.17, Issue 20, pp. R888-R889.

- DOWNING, P. E. & PEELEN, M. V. (2015) – “Body selectivity in occipitotemporal cortex: causal evidence”. *Neuropsychologia*, 83, Elsevier, pp. 128-148.
- DOWNING, P. E.; KIANG, Y.; SHUMAN, M.; KANWISHER, N. (2001) – “A cortical area selective for visual processing of the human body”, *Science*, 293, pp. 2470-2473.
- ESCACENA CARRASCO, J. L. (2000) – “Applications of Evolutive Archaeology: migrations from Africa to Iberia in Recent Prehistory”, in Arnaiz-Villena A., Martínez-Laso J., Gómez-Casado E. (eds) *Prehistoric Iberia*. Springer, Boston, MA, pp. 125-162.
- ESCACENA CARRASCO, J. L. (2016) – “Rasguños faciales por luto, o sobre el ‘tatuaje’ de los idolillos calcolíticos hispanos”, in García Sánchez, Manñás Romero, Salcedo Garcés (ed.) *Navigare necesse est: jornada científica dedicada a José María Luzón Nogué*. Universidad Complutense, Madrid, pp. 99-116.
- ESCORIZA-MATEU, T. & CASTRO-MARTÍNEZ, P. (2011) – “¿Tal como éramos? Reconstrucciones, ficciones y diseños em la interpretación de las representaciones figurativas de las sociedades ágrafas”, *Revista Atlántica-Mediterránea* 13, pp. 97-118.
- EVERS, T. M.; HUFFMAN, T. N. & WANDIBBA, S. (1988) – “On why pots are decorated the way they are”, *Current Anthropology* 29, no. 5, pp. 739-741.
- FERREIRA, L. N. (2011) – “Crianças na Arte Grega. Representações sociais e convenções artísticas”, in Soares, C., Fialho, M.C., Morán, M. C. & Montiel, R. M. (coord.) *Norma & Transgressão II*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 59-95.
- FOUCAULT, M. (1977) – *Discipline and punish: the birth of the prison*. Vintage books. New York.
- GARCÍA BARRIOS, A. S. (2005) – “Dos singulares testimonios de cerámica simbólica en el Valle Medio del Duero: los rostros calcolíticos de “los cercados” (Mucientes, Valladolid)”, *Zephyrus*, 58, pp. 245-259.
- GARCIA SANJUÁN, L., Fernández Flores, A. & Díaz-Zorita Bonilla, M. (2016) – “Capítulo 22. Montelirio. Valoración e interpretación de uma tumba excepcional”, in Fernández Flores, A., Garcia Sanjuán, L. & Díaz-Zorita Bonilla (eds.) *Montelirio. Um gran monumento megalítico de la Edad del Cobre*. Arqueología Monografías. Consejería de Cultura, Junta de Andalucía, Sevilla, pp. 503-553.
- GIBSON, J. J. (1979) – “The theory of affordances”, *The Ecological Approach to Visual Perception*, Houghton Mifflin, Boston.
- GOMES, E. (2008) – *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Tese de Mestrado em Arqueologia, Universidade de Lisboa.
- GOMES, F. B. (2011) – “Arqueologia e Género(s): de Strange Bedfellows a um paradigma de leitura crítica do passado”. *Sapiens: História, Património e Arqueologia*, 5, pp. 6-30.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma perspectiva integrada*. Estudos e Memórias 2. UNIARQ. Minerva do Comércio, Lisboa. 2 Vols.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – “Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente Peninsular 3: A Deusa dos Olhos de Sol – um primeiro olhar”, *Revista da Faculdade de Letras*, n.º15-5ª, pp. 9-15.
- GONÇALVES, V. S. (2004) – “Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular 5: O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, n.º1, pp. 165-183.

GONÇALVES, V. S. (2005) – “Manifestações do sagrado na pré-história do ocidente peninsular, 6: Duas figuras da Deusa na estrutura funerária calcolítica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)”. *O Arqueólogo Português*. 4.ª série, vol. 23, pp. 197-229.

GONÇALVES, V. S. (2021) – “A propósito das placas de xisto gravadas do Ocidente peninsular (3200-2500 a.n.e.). Um depoimento pessoal”, in Bueno Ramírez, P. & Soler Díaz, J. (coord.) *Ídolos – Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*. Museu Nacional de Arqueologia. Imprensa Nacional, pp. 149-168.

HAMILAKIS, Y. (2002a) – “Experience and Corporeality: Introduction”, in Hamilakis, Y., Pluciennik, M. & Tarlow, S. (eds.) *Thinking through the body: Archaeologies of Corporeality*. Springer Science Business Media, New York., pp. 99-104.

HAMILAKIS, Y. (2002b) – “The past as oral history: towards an archaeology of the senses”, in Hamilakis, Y., Pluciennik, M. & Tarlow, S (eds.) *Thinking through the body: Archaeologies of Corporeality*. Springer Science Business Media, New York., pp. 99-104.

HAMILAKIS, Y.; PLUCIENNIK, M. & TARLOW, S. (2002) – “Introduction: thinking through the body”, in Hamilakis, Y., Pluciennik, M. & Tarlow, S (eds.) *Thinking through the body: Archaeologies of Corporeality*. Springer Science Business Media, New York., pp. 1-20.

HARRIS, O. & ROBB, J. (2012) – “Multiple ontologies and the problem of the body in History”, *American Anthropologist*, vol.114, n.4, pp. 668-679.

HARRIS, O. & ROBB, J. (2013a) – “O brave new world, that has such people in it”, in Robb, J. & Harris, O. (eds.) *The body in History: Europe from the Paleolithic to the Future*. Cambridge University Press, New York, pp. 1-6.

HARRIS, O. & ROBB, J. (2013b) – “Body worlds and their history: some working concepts”, in Robb, J. & Harris, O. (eds.) *The body in History: Europe from the Paleolithic to the Future*. Cambridge University Press, New York., pp. 7-31

HURTADO PÉREZ, V. (2008) – “Ídolos, estilos y territorios de los primeros campesinos em el sur peninsular”, in Cacho Quesada, C., Maicas Ramos, R., Martos, J. A. & Martínez Navarrete, M.I. (eds.) *Acercándonos al Pasado: Prehistoria em 4 actos*. Ministerio da Cultura, Museos Estatales, Museo Arqueológico Nacional e CSIC, pp. 1-11.

HURTADO PÉREZ, V. (2009) – “Representaciones simbólicas, sítios, contextos e identidades territoriales em el suroeste peninsular”, in Cacho, Galán & Martos (coord.) *Ojos que nunca se cierran: ídolos em las primeras sociedades campesinas*. Museo Arqueológico Nacional, Madrid, pp.137-198.

INGOLD, T. (2000) – *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. Routledge, London.

INSOLL, T. (2017) – “Miniature possibilities? An introduction to the varied dimensions of figurine research”, in Insoll, T. (ed.) *The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines*, Oxford University Press, Oxford, pp. 3-16.

JORGE, S. O. (1986) – *Povoados na Pré-história Recente (finais do III.º – inícios do II. Milénios a.C.) da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Porto, 3 vols.

JOYCE, R. (2005) – “Archaeology of the Body” in *The Annual Review of Anthropology*, 34, pp. 139-158.

LATOUR, B. (1996) – “On actor-network theory: a few clarifications”, *Soziale Welt*, 47(4), pp. 369-381.

LUÍS, L. (2008) – “Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro. Perspectivas de investigação da proto-história no Vale do Côa”, in Balbín Behrmann, R. (ed.) *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Documentos Pahis. Junta de Castilla y León, pp. 415-490.

MAESTRO ZALDÍVAR, E. (1989) – *Ceramica Iberica decorada con figura humana*. Monografías Arqueológicas N.º31, Zaragoza.

MARTI OLIVER, B. & HERNANDEZ PERREZ, S. (1988) – *El Neolitic Valencià: Art rupestre i cultura material*. Servei d'Investigació Prehistòrica, València.

MARTI OLIVER, B. & HERNANDEZ PERREZ, S. (1988) – *El Neolitic Valencià: Art rupestre i cultura material*. Servei d'Investigació Prehistòrica, València.

MARTÍNEZ SÁNCHEZ, R. M. & GARCÍA BENAVENTE, R. (2009) – “Una terracota figurada del IV milenio AC em la veja media del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*, 66, n.º1, pp. 115-122.

MERLEAU-PONTY, M. (2012) – *Phenomenology of Perception*. Translated by D. A. Landes. Routledge.

MORAGÓN MARTÍNEZ, L. (2008) – “Aproximación teórica a una arqueología del cuerpo”, *Actas de las I Jornadas de Jóvenes em Investigación Arqueológica: dialogando com la cultura material*, Tomo II, CERSA, Madrid, pp. 473-478.

MORAGÓN MARTÍNEZ, L. (2013) – *Cuerpo y sociedades orales. Uma reflexión sobre la concepción del cuerpo y sus implicaciones em el estudio de la prehistoria*. Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid.

NAUMOV, G. (2008) – “The vessel as a human body: Neolithic antropomorphic vessels and their reflection in later periods”, in Berg, I. (ed.) *Breaking the Mould: Challenging the Past Through Pottery*. Prehistoric Ceramics Research Group: Occasional Paper 6, BAR International Series 1861, Archaeopress, Oxford.

PACHON, J. A., CARRASCO, J. & ANIBAL, C. (1989-90) – “Decoracion figurada y cerámicas orientalizantes. Estado de la cuestion a la luz de los nuevos hallazgos”, in *Cuadernos de prehistoria y arqueologia de la Universidad de Granada*. 14-15, pp. 209-272.

PÉREZ BOTÍ, G. (2001) – “La Cova de la Sarsa (Bocairent, Valencia). La decoracion figurada de su cerámica neolítica. Una aproximación cronocultural”. *Recerques del Museu D'Alcoi*, 10, pp. 43-58.

PÉREZ BOTÍ, G. (2001) – “La Cova de la Sarsa (Bocairent, Valencia). La decoracion figurada de su cerámica neolítica. Una aproximación cronocultural”. *Recerques del Museu D'Alcoi*, 10, pp. 43-58.

PINTO, D. (2011) – *O Crasto de Palheiros na Idade do Ferro: contributo da aplicação de uma nova metodologia no estudo da cerâmica*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2 Volumes.

POOL, C. A. (2017) – “Mesoamerica – Olmec Figurines”, in Insoll, T. (ed.) *The Oxford Handbook of Prehistoric Figurines*, Oxford University Press, Oxford, pp. 245-271.

PRADOS TORREIRA, L. (2019) – “¿Por qué se asocia la imagenfemenina con la divinidad? Algunas reflexiones desde los contextos ibéricos, sobre el sesgo androcéntrico de la investigación”, in Tortosa Rocamora & Cabrera Bonet (ed.) *Encuentros con las imágenes femeninas en iberia*, MYTRA - Monografías y trabajos de arqueología, pp. 37-57.

PRINCE, T. H. (1978) – *Kourotrophos: Cults and Representations of the Greek Nursing Deities*. E. J. Brill, Leiden.

RAMOS FERNÁNDEZ, R. (1992-94) – “Sobre dos fragmentos cerámicos Ibéricos de la Alcudia decorados con rostros frontales”, *LVCENTVM*, pp. 127-130.

RAUTMAN, A. & TALALAY, L. (2000) – “Introduction: Diverse approaches to the study of gender in archaeology”, in Rautman (ed.) *Reading the Body: Representations and Remains in the Archaeological Record*. Univ. Penn. Press, Philadelphia, pp. 1-12.

REBAY-SALISBURY, K. (2014) – “Materials make people: how material properties and technologies contribute to figurine shapes in Early Iron Age Central Europe”, in Rebay-Salisbury, K., Brysbaert, A. & Foxhall, L. (eds.) *Knowledge networks and craft traditions in the Ancient World: Material Crossovers*. Routledge, London, pp. 160-181.

ROBB, J. & HARRIS, O. J. (2017) – “Becoming gendered in European Prehistory: was neolithic gender fundamentally different?”, *American Antiquity*, 83(1), pp. 128-147.

ROBB, J. & HARRIS, O. J. (ed.) (2013) – *The Body in History: Europe from the Paleolithic to the Future*. Cambridge University Press.

RODRIGUES, F. (2013) – “Ídolomania: figuras antropomórficas e ‘ídolos de cornos’ do recinto de fossos do Neolítico Final da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora)”, in J. M. Arnaud, A. Martins & C. Neves (eds.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp. 435-446.

SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 3 vols.

SANCHES, M. J.; MORAIS, P. R.; TEIXEIRA, J. C. (2016) – “Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos / St.ª Comba (Nordeste de Portugal)”, in Sanches & Cruz (ed.) *Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários. Estudos Pré-históricos*, 18, CEPBA.

SANCHES, M. J.; TEIXEIRA, J. C.; BARBOSA, M. H.; PERPÉTUO, J. A. (2021) – “Trespasando o tempo. Oculados e outras formas antropomorfas da Pré-história recente do Norte de Portugal”, in Bueno Ramírez, P. & Soler Díaz, J. (coord.) *Ídolos – Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*. Museu Nacional de Arqueologia. Imprensa Nacional, pp. 77-100.

SÁNCHEZ ROMERO, M. & ALARCÓN GARCÍA, E. (2012) – “Lo que los niños nos cuentan: individuos infantiles durante la Edad del Bronce em el Sur de La Península Ibérica”, in Justel Vicente, D. (ed.) *Niños em la Antigüedad: estúdios sobre la infancia em el Mediterráneo Antíguo*. Prensas de la Universidad de Zaragoza, pp. 57-89.

SANTOS, A. A. (2020) – *Em busca de “body worlds”: representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

SCARRE, C. (2018) – “Holocene Europe”, in Scarre (ed.) *The Human Past: World Prehistory and the Development of Human Societies*. Fourth Edition. Thames & Hudson, pp. 388-428.

SOARES, J. & SILVA, C. T. (2013) – “Economia agro-marítima na pré-história do estuário do Sado: novos dados sobre o Neolítico da Comporta”, in Soares, J. (ed.) *Pré-História das Zonas Húmidas: Paisagens de Sal, Setúbal Arqueológica*, vol.14, pp. 145-170.

TEATHER, A. (2007) – “Neolithic phallacies: a discussion of some southern British artefacts”. Larsson, M. & Pearson, M. P. (ed.) *From Stonehenge to the Baltic: Living with cultural diversity in the third millennium BC*, BAR International Series 1692, pp. 205-211.

- VALE, A. (2015) – “A mulher e a pré-história. Alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da Mulher-Mãe e Mulher-Deusa na Arqueologia pré-histórica”. *Conimbriga*, 54, pp. 5-25.
- VALERA, A. C. (2017) – “The ‘exogenous’ at Perdigões: approaching interaction in the Late 4<sup>th</sup> and 3<sup>rd</sup> millennium BC in Southwest Iberia”, in Martin Bartelheim, Primitiva Bueno Ramírez & Michael Kunst (Eds.) *Key resources and socio-cultural developments in the Iberian Chalcolithic*. Tübingen, pp. 201-224.
- VALERA, A. C. & EVANGELISTA, L. S. (2014) – “Anthropomorphic figurines at Perdigões Enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language”. *European Journal of Archaeology*, 27 (2), pp. 286-300.
- VILAÇA, R. (1988) – *Subsídios para o estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego*. Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.
- VILAÇA, R. (2009) – “Sobre rituais do corpo em finais do II milénio / inícios do I milénio a.C.: do espaço europeu ao território português”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, Câmara Municipal de Oeiras, pp. 489-511.
- VILAÇA, R. (coord.) (2011) – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. *Actas IV Jornadas Raianas*. Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade do Porto, Câmara Municipal do Sabugal, Sabugal.
- VILAÇA, R. & ARMBRUSTER, B. (2012) – “O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos, Algarve)”, in Vilaça, R. & Pinto, S. (coord.) *Santos Rocha: a Arqueologia e a Sociedade do seu Tempo*. Casino Figueira. Figueira da Foz, pp. 153-170.
- WELLS, P. S. (2012) – *How ancient Europeans saw the world: vision, patterns, and the shaping of the mind in Prehistoric Times*. Princeton University Press, Princeton and Oxford.
- YATES, T. (1993) – “Frameworks for an Archaeology of the Body”, in Tilley, C. (ed.) *Interpretative Archaeology*. Berg Publishers, UK, pp. 31-72.



